

inside

ESG TECH . REPORT

#1

MAIO | 2021

REALIZAÇÃO

DIST^RITO

CORPORATE MEMBERS



APOIO



SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE PARA NÓS

Sua opinião é muito importante para a equipe do Distrito Dataminer. Por isso, queremos saber quais foram as suas impressões, críticas e sugestões sobre este relatório. Além disso, gostaríamos de saber quais outros estudos você gostaria que o Distrito Dataminer realizasse.

Quer falar com a gente? É só encaminhar um e-mail para: inside@distrito.me

TERMOS DE USO E REPRODUÇÃO DO MATERIAL

Todas as informações e conteúdos presentes neste material são propriedade dos seus realizadores. É vedada sua utilização para finalidades comerciais e publicitárias sem prévia autorização. Estão igualmente proibidas a reprodução, distribuição e divulgação, total ou parcial, dos textos, figuras, gráficos que compõem o presente report.

SUMÁRIO

Para navegar pelos capítulos deste estudo, clique nos **botões na margem superior**.

A qualquer momento, clique no logo do Distrito no **canto inferior direito** para voltar a esta página.

INTRODUÇÃO: pg. 5

WHAT THE HELL IS ESG?: pg. 6

BRASIL, ESG E INOVAÇÃO: pg. 15

ESG TECHS: pg. 38

ZOOM: B2B ESG TECHS: pg. 50

ESG TECH TRENDS: pg. 89

MOVIMENTO DAS CORPORAÇÕES: pg. 94

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi um ano difícil e transformador. Em meio a crise que se agravou em diferentes frentes no país e no mundo, o momento histórico em que vivemos hoje veio para levantar debates críticos sobre nosso estilo de vida e criar uma mudança sistêmica no nosso modo de agir, consumir e fazer negócios.

Essa mudança crescente e revolucionária fica evidente no mundo corporativo quando percebemos a adoção de práticas ESG cada vez mais forte nas empresas, a integração das 17 ODS em análises de risco, performance e investimentos, além de novas metas a serem reportadas para o mercado com base na agenda global de desenvolvimento sustentável.

Atualmente, mercado de ativos ESG está estimado no valor superior a US\$30 trilhões de acordo com o levantamento da Bloomberg. Estimativas da empresa apontam para um montante global de US\$ 53 trilhões de investimentos até 2025.

De acordo com dados da B3, as empresas brasileiras estão respondendo cada vez mais a essa tendência ESG, olhando para seus impactos tanto dentro da empresa, quanto para fora.

Em especial, porque ser ESG se tornou um pré requisito para

receber investimentos do mercado internacional e porque os benefícios no longo prazo, como aumento da lucratividade, estão cada vez mais claros e comprovados.

Além disso, o universo corporativo brasileiro começa a entender o valor e o papel da tecnologia nesse movimento e a necessidade de se criar um ecossistema mais sustentável, pelo fato do Brasil ser detentor de mais da metade da maior floresta do mundo (a Amazônica) e estar sob os olhos dos investidores do mundo todo.

Neste primeiro Inside, focamos em contextualizar o que é ESG e como essa temática surgiu no mundo e no Brasil. O intuito aqui é destacar quais são as principais iniciativas internacionais e nacionais dentro desse mundo, como o mercado ESG se comporta no Brasil e trazer características e insights das empresas de tecnologia que potencializam essa transformação nas empresas, dentro de cada uma das dimensões (E, S e G).

Esperamos que esse estudo abra seus olhos para essa Década de Ação, transformação, inovação e para o mundo de responsabilidade ambiental, social e governança corporativa.

Boa leitura!

WTH IS **ESG**?

QUANDO TUDO COMEÇOU

Por mais que falar sobre ESG tenha virado moda nos últimos anos, essa é uma preocupação que começou muito forte na década de 70 e 80. **Na década de 70, a ideia do “Investimento Sustentável Responsável” (SRI)** nasceu, quando os fundos começaram a incluir critérios sociais em seus processos de tomada de decisão de portfólio, como vetar investimentos em empresas que tivessem negócios na África do Sul, devido ao Apartheid. Inclusive, temos a fundação do primeiro fundo de investimentos responsável nos EUA em 1971, o **PAXWX**, onde os fundadores religiosos não investiam em empresas que financiaram a guerra do Vietnã.

Já na década de 80, grandes catástrofes ambientais deixaram uma imagem ruim para empresas, como o Desastre de Bhopal na Índia, em 1984 (toneladas de gases tóxicos vazaram de fábricas de pesticidas), Chernobyl em 86 e o acidente do navio petroleiro Exxon Valdez da ExxonMobil no Alasca, em 89. A partir deste momento, algumas empresas passaram a se conscientizar e tentar mitigar impactos negativos no meio ambiente, com o intuito de não perder sua influência de mercado.

No período de 1990-2000, surgiram os **primeiros índices socialmente responsáveis, como o Índice Social Domini**

400, o primeiro com foco em investimentos sustentáveis, olhando de maneira negativa para negócios de armas, cigarros ou álcool nos anos 90; **o Dow Jones Sustainability Indexes em 1999 (EUA)**, para avaliar a performance de empresas considerando os critérios que seriam mais tarde ESG através da estratégia “best in class”; e **o FTSE4Good em 2001 (UK)**, composto por 300 indicadores ESG.

Com o passar dos anos, a preocupação de investimentos SRI foi se difundido junto com novas preocupações de responsabilidade corporativa das empresas. Oficialmente, transacionamos para os critérios ESG em 2004, depois da publicação “*Who Cares Wins*”, do Pacto Global, em parceria com o Banco Mundial. Os **critérios ESG**, por si só, são premissas que devem ser consideradas na tomada de decisão de investimentos responsáveis, além de avaliar e encorajar empresas a melhorarem sua **performance de investimento ao longo prazo**, pensando nos riscos de impacto negativo que esses investimentos podem ter.

Atualmente, existe um valor de mais de US\$ 30 trilhões investido em ativos sob gestão ao redor do mundo, segundo a relatório da Bloomberg.

É BOM VOCÊ SABER

I) Movimento do Capitalismo Consciente

O movimento do Capitalismo Consciente criou a ideia de que as empresas não se limitam apenas a gerar lucro, renda e empregos, mas também a estimularem valores de bem-estar social e gerar um impacto positivo para a sociedade. As primeiras práticas desse movimento foram teorizadas pelo professor Raj Sisodia juntamente com John Mackey (cofundador da WholeFoods), e se originou do livro *"Firms of Endearment: How World-Class Companies Profit from Passion and Purpose"*, de 2003. De acordo com o Harvard Business Review, uma companhia que pratica o "Capitalismo Consciente" tem uma performance 10 vezes melhor que as que não se adaptaram a essa nova mentalidade sustentável.

Os 3 principais pontos que sustentam esse conceito são: a preocupação com a degradação do meio ambiente e o aumento da miséria; o reconhecimento que esses problemas crescentes só serão resolvidos com a participação do mundo empresarial e o apoio do movimento em iniciativas da ONU, como os 17 ODS e o Pacto Global. Assim, uma empresa consciente é aquela movida por 4 pilares: ter um propósito maior, uma liderança consciente, uma cultura consciente e criar um ambiente de trabalho que valorize os stakeholders.

II) Teoria da Mudança

Esse conceito é focado no empreendedorismo social. A Teoria da Mudança é incorporada no planejamento estratégico do negócio para monitorar o impacto que está sendo gerado, isso porque ela reflete a teoria que o empreendedor tem sobre a transformação que ele está buscando gerar no mundo e como ela vai, de fato, acontecer.

Essa metodologia se baseia em criar um objetivo bem definido e metas para nortear o desenvolvimento do negócio ou do projeto social. Esse planejamento envolve o mapeamento lógico de atividades, recursos necessários, objetivos, resultado e impacto esperado para cada um dos objetivos propostos para alcançar o objetivo principal no longo prazo.

Com o intuito de implementar a Teoria da Mudança, o empreendedor precisa focar em: envolver todas as partes interessadas para criar um processo colaborativo para alcançar as metas, estudar o problema que planeja resolver a fundo, considerando as causas e consequências; definir objetivos, pensar no longo prazo, criar métricas de avaliação e, enfim, montar a tabela de Teoria da Mudança.

É BOM VOCÊ SABER

III) Negócios Sociais

A ideia de Negócio Social foi disseminada em 1976 pelo economista e vencedor do Nobel da Paz, Muhammad Yunus, que destaca negócios que visam impactar positivamente a comunidade em seu entorno, pensando de uma maneira filantrópica, mas não deixando de lado a sustentabilidade financeira da empresa. Logo, é um negócio que se propõe a resolver um problema social sem colocar em detrimento o seu lucro. Porém, todo esse lucro deve ser reinvestido no negócio com a finalidade de atingir o máximo de pessoas possível.

O professor foi o fundador do Grameen Bank, em Bangladesh, considerado o primeiro Negócio Social do mundo. Esse conceito reflete as décadas de 70 e 80, quando o mundo estava em recessão (em especial os EUA e a Inglaterra) e verbas públicas começaram a ser cortadas das organizações sociais. O Grameen Bank, por exemplo, foi criado com o objetivo de ofertar microcrédito para a população indiana, que não tinha condições financeiras e não recebiam apoio suficiente do governo. Assim, essas pessoas poderiam começar a empreender e criar sua própria renda. Porém, vale ressaltar que os Negócios Sociais complementam o trabalho de ONGs ou do governo, mas não os substituem.

IV) Impacto vs. ESG

Esses dois tipos de investimentos ou modelos de negócios são muito confundidos entre si. Porém, dois pontos que eles têm em comum é que se diferenciam de modelos de filantropia e, em sua essência, olham para questões além da distribuição de lucros para os acionistas.

No entanto, os negócios de impacto nascem com o propósito de resolver um problema específico da sociedade. Se o impacto está no seu *core business*, consideramos um impacto positivo. Isso porque esse modelo de negócio não foca em mitigar nenhum impacto negativo que a empresa possa ter, e sim gerar um impacto positivo em alguma frente socioambiental. Já aqueles negócios que seguem as boas práticas ESG estão voltados a gerarem um “impacto nulo”, ou seja, mitigar o impacto negativo que seus modelos de negócios com cunho não sustentável possam ter.

No final, é tudo questão de propósito. Se a empresa é fundada com o intuito genuíno de reflorestar a Amazônia para captar CO2, ela é de impacto. Se uma empresa começa a plantar árvores na Amazônia para compensar suas emissões de CO2 e se tornar “carbono zero” ou ter um impacto “nulo”, é ESG.

É BOM VOCÊ SABER

V) Responsabilidade Social Corporativa (RSC) & Responsabilidade Social Empresarial (RSE)

Esses dois termos refletem a preocupação das empresas em ter um impacto social positivo. A grande diferença é que a RSC envolve preocupações sociais voltadas ao seu ambiente de negócios e quadro de funcionários, ou seja, dentro da empresa. Já a RSE reflete a preocupação social da empresa em uma visão mais ampla, enxergando não apenas o bem-estar social dos seus colaboradores, como também os impactos externos à empresa, como no meio ambiente e na comunidade ao seu redor.

Basicamente, a RSE reflete a conduta ética que cada empresa deve ter ao realizar suas atividades, focando em um retorno positivo para a sociedade através da sua governança transparente e ética, considerando compliance e integrando stakeholders internos e externos. Já a RSC representa a contribuição voluntária para a sociedade que a empresa pode ter, indo além das normas legais, por exemplo, através de campanhas socioambientais. A questão da RSC é que ela pode ser usada apenas como *branding*, ou uma estratégia de *greenwashing*.

INICIATIVAS GLOBAIS

I) Global Reporting Initiative (GRI)

O GRI é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1997 com o objetivo de padronizar as diretrizes dos relatórios de sustentabilidade de empresas a nível global.

Esses relatórios servem para ajudar as empresas e governos a medir e gerenciar o impacto que causam dentro das 3 dimensões ES, especialmente em relação à mudança climática, direitos humanos, governança e bem-estar social; e divulgá-los de forma transparente. Essas 4 frentes a serem avaliadas estão especificadas em 26 tópicos no manual GRI.

Através das normas GRI (GRI Standards), são expostas às melhores práticas para o relato de informações ESG considerando indicadores econômicos e socioambientais que fazem mais sentido para o seu negócio. O relatório GRI é uma boa ferramenta para empresas que querem desenvolver uma estratégia de gestão mais sustentável. Considerando indicadores unificados pela ONG,, essas empresas conseguem melhor avaliar o impacto de suas operações, definir metas e reportar seu desempenho, melhorando seu diálogo com seus clientes, investidores e stakeholders.

[Saiba mais.](#)

II) Pacto Global

Nos anos 2000, o vigente secretário- geral da ONU, Kofi Annan, lançou o Pacto Global. Essa iniciativa é voluntária para empresas e organizações do setor privado, com o objetivo de estimular o desenvolvimento sustentável por meio de lideranças corporativas comprometidas e inovadoras.

O Pacto Global estabelece 10 princípios universais que servem para que as empresas alinhem suas estratégias de acordo. Os princípios atendem aos direitos humanos, direitos do trabalho, proteção ambiental e anticorrupção. Ao aderir à iniciativa, a empresa se compromete em apoiar os 10 princípios e submeter um relatório periódico que mostra a evolução do negócio em relação aos princípios e aos ODS. Para empresas que faturam mais de USD 50 milhões ao ano, existe uma contribuição anual obrigatória que varia de acordo com a faixa de faturamento e o engajamento da corporação.

Atualmente, a iniciativa se estabelece como a maior do mundo em termos de sustentabilidade corporativa e reúne 17.141 signatários em 160 países.

[Saiba mais.](#)

INICIATIVAS GLOBAIS

III) Princípios de Investimentos Responsáveis (PRI)

O PRI foi criado em 2005 por instituições e investidores internacionais através de uma iniciativa da ONU para guiar instituições de acordo com a agenda de sustentabilidade global, em especial as empresas e fundos de investimentos. Lançado em abril de 2006, na NYSE, o PRI começou com 100 signatários e hoje são mais de 3 mil, representando mais de US\$ 100 trilhões de ativos sob gestão.

A iniciativa criou os 6 princípios voluntários para incorporar os critérios ESG em práticas de investimento, onde os signatários se comprometem a: 1. incorporar os temas ESG nas análises de investimentos e processos de tomada de decisão; 2. ser pró-ativos e incorporarem os temas ESG nas políticas e práticas de propriedade de ativos; 3. buscar fazer com que as entidades investidas divulguem suas ações relacionadas aos critérios ESG; 4. promover a aceitação e implementação dos Princípios dentro do setor de investimentos; 5. trabalhar unidos para ampliar a eficácia na implementação dos Princípios e 6. divulgar relatórios sobre atividades e o progresso de implementação dos PRI.

[Saiba mais.](#)

IV) Agenda 2030

Em 2015, a ONU criou a Agenda 2030, que é um plano de ação para o desenvolvimento sustentável mundial, visando as dimensões social, ambiental e econômica e ampliando as metas dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio instituídos em 2000 para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Essa agenda compila 17 objetivos e 169 metas a serem seguidos pelos 193 estados-membros da ONU.

Dentre as 17 ODS estão os temas da erradicação da pobreza, fome zero e agricultura sustentável, saúde e bem-estar, educação de qualidade, igualdade de gênero, água potável e saneamento, energia limpa e acessível, consumo e produção responsáveis e redução das desigualdades. Além de trazer o debate de ações contra as mudanças climáticas e estimular cidades sustentáveis e parcerias intersetoriais para que o país atinja as metas estipuladas. Os países que decidiram implementar a Agenda 2030 em suas agendas governamentais devem se comprometer em reunir programas, ações e diretrizes que orientem a atuação interna do país, inclusive na agenda financeira.

[Saiba mais.](#)

INICIATIVAS GLOBAIS

V) Acordo de Paris

Este é um tratado mundial que tem como único objetivo enfrentar e diminuir o aquecimento global. Durante a COP21 (21a Conferência do Clima), o compromisso foi aprovado e começou em novembro de 2016, com a assinatura de 195 países, onde 147 o ratificaram (inclusive o Brasil).

O objetivo principal do acordo é reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) para limitar o aumento médio da temperatura global a 2°C, de preferência 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. Porém há várias metas e orientações no acordo para os estados atingirem o objetivo, como proporcionar a cooperação entre sociedade civil, setor privado, instituições financeiras, cidades, comunidades e povos indígenas para fortalecer ações de mitigação do aquecimento global. Além disso, os países desenvolvidos também se comprometem a conceder benefícios financeiros para os países mais pobres, para que eles possam enfrentar as mudanças climáticas.

As metas brasileiras são de reduzir as emissões de GEE em 37% abaixo dos níveis de 2005 até 2025; depois, reduzir essas emissões em 43% abaixo dos níveis de 2005 até 2030.

VI) Sustainability Accounting Standards Board (SASB)

Em 2011, a acadêmica especialista em engenharia ambiental na Califórnia, Jean Rogers, criou a entidade SASB com o intuito de promover a divulgação de informações sobre a materialidade da sustentabilidade corporativa para os investidores, aumentando assim, a eficiência dos mercados globais de capitais e criando um diálogo mais transparente entre investidores e empresas. Com esse objetivo, o SASB define padrões de divulgação dessas informações para cada um dos 11 setores definidos pelo conselho.

Em termos ESG, os padrões da SASB se apoiam em 26 fatores concentrados em 5 temáticas, sendo essas: Capital Humano, Capital Social, Liderança e Governança, Modelo de Negócio e Inovação e Meio Ambiente.

Diferente do GRI, que é mais focado em relato dos impactos para um desenvolvimento sustentável, o SASB é focado em ESG, já que tem como objetivo priorizar a materialidade e os riscos de sustentabilidade específico de cada setor.

[Saiba mais.](#)

INICIATIVAS GLOBAIS

VII) IRIS+ System

Assim como a SASB é focada em métricas puramente ESG, também existe o IRIS+ no mundo dos negócios de impacto.

O IRIS+ é um sistema de métricas internacionais para impulsionar investimentos sustentáveis através de uma plataforma pública de armazenamento e análise de dados de negócios de impacto. Todas as fontes estão sob gestão da Global Impact Investing Network (GIIN), organização sem fins lucrativos que se estabelece como uma rede de investidores e líderes com o propósito de aumentar a escala e efetividade dos investimentos de impacto.

Assim como o GRI, o IRIS+ facilita aos investidores a tradução das suas intenções de impacto e dos resultados na prática. Como já visto, os negócios de impacto focam em gerar efeitos positivos e minimizar os negativos na sociedade e no meio ambiente. Para isso, o sistema IRIS+ ajuda a integrar os fatores socioambientais às decisões de investimento, assim como o risco e o retorno. Além disso, o sistema torna os dados de impacto comparáveis para orientar os investidores a alcançar os seus objetivos de impacto positivo.

[Saiba mais](#)

BRASIL, ESG E **INOVAÇÃO**

MOVIMENTO ESG NO BRASIL

O debate mundial sobre sustentabilidade e responsabilidade corporativa como um pilar do **desenvolvimento sustentável** desde a década de 70 se estabeleceu no Brasil com a **Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento**, a **Eco-92**. Sediada no Rio de Janeiro em 1992, a conferência mundial teve como principal objetivo debater soluções que quebrassem a falsa ideia de que não se pode ter **crescimento econômico e preservação ambiental**. Diante do forte processo de globalização, os países mais desenvolvidos começaram a perceber os impactos degradantes no meio ambiente e na sociedade industrial. Assim, a Eco-92 foi a segunda conferência desse tipo, sendo a primeira a Conferência de Estocolmo na Suécia, em 1972.

Nesse marco, o principal documento criado foi a **Agenda 21**, em que se estabeleceram políticas e ações de responsabilidade ambiental, especialmente voltadas à biodiversidade e às mudanças climáticas. Assim, o **debate ambiental entrou na agenda pública**.

O Brasil sempre esteve em meio a esses debates por ser o país com a maior porcentagem de florestas do mundo, em especial

a floresta Amazônica. Porém, o país ainda está muito atrás dos países mais desenvolvidos, carecendo de políticas públicas e fiscalização ambiental, além da falta de comprometimento do setor corporativo, o que distancia o país de cumprir as metas estabelecidas na Agenda 2030.

Visto essa realidade, este ano o **Pacto Global lançou o desafio “Ambição pelos ODS”** para que empresas brasileiras e do mundo intensifiquem seu engajamento para combater a crise climática. O programa desafia as **lideranças empresariais** a fortalecerem suas metas sustentáveis e integrarem as ODS a suas estratégias de negócios ao longo de toda a cadeia de suprimentos. De acordo com a ONU, a próxima década será a **“Década da Ação”**, pois serão anos fundamentais para o **combate às mudanças climáticas**.

De acordo com o levantamento no Morningstar e Capital Reset, os **fundos ESG no Brasil captaram R\$ 2,5 bilhões em 2020**, sendo que mais da metade dos fundos haviam sido criados nos últimos 12 meses. Esta é mais uma evidência de que o Brasil está se preparando para se adaptar às novas necessidades impostas pelo mundo do desenvolvimento sustentável e ESG.

INICIATIVAS NACIONAIS

I) Sistema B

O Movimento Global de Empresas B foi criado nos EUA em 2006 com o objetivo de ressignificar o sucesso corporativo para além do lucro, considerando o bem-estar da sociedade e do planeta.

Em 2012, essa onda veio para o Brasil e em parceria com o B Lab, a organização Sistema B foi criada para engajar, divulgar e promover as empresas comprometidas com esses ideais. As empresas B certificadas são aquelas com uma cultura engajadas na transformação sistêmica do mundo e com uma ideologia de criar soluções com impacto socioambiental positivo. As empresas que se comprometem integralmente com os critérios ESG são elegíveis para receber esse “selo”.

Aquelas que são consideradas não elegíveis durante a primeira fase para receber o selo recebem um relatório de melhoria e podem pedir consultoria para o Sistema B, a fim de conquistarem a certificação. Algumas das B Corps que temos no Brasil são Natura e Reserva,

[Saiba mais.](#)

II) Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS)

Fundada em 1997 por grandes empresários, o CEBDS é uma ONG que promove uma rede de engajamento de governos e da sociedade civil desde a Rio-92. As empresas associadas tem um faturamento de mais de 40% do PIB brasileiro, dentre elas estão Ambev, BNDES, Raízen, Itaú, Nestlé e Natura.

Dentre algumas das iniciativas promovidas pelo grupo estão a Iniciativa Empresarial em Clima (IEC); a Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura; a Iniciativa de Parcerias para Tecnologias de Baixo Carbono (LCTPi) e a We Mean Business. Todos esses projetos estão atreladas ao combate das mudanças climáticas.

Além disso, o CEBDS também promovem programas empresariais nas 3 frentes ESG, considerando cursos de Liderança e Sustentabilidade, capacitação para a Gestão de Risco Climáticos, workshops de Títulos Verdes dentre outros.

[Saiba mais.](#)

INICIATIVAS NA ECONOMIA

I) Regulamentações

Política de Responsabilidade Socioambiental (PRSA)
4.327 CNM/ 2014

Resolução que formaliza diretrizes para melhores práticas socioambientais a serem implementadas pelas instituições reguladas pelo Banco Central.

Entidades Fechadas de Previdência Complementar (EFPC)
4.661 CMN/2018

Por mais que não seja uma resolução voltada especificamente a melhores práticas ESG, o art.10; §4 alega que sempre que possível, as companhias devem considerar aspectos relacionados à sustentabilidade econômica, social, ambiental e de governança dos investimentos em suas análises de riscos.

Crédito de Descarbonização na B3 (CBIO)

Para atingir as metas de descarbonização estabelecidas pela Política RenovaBio (Lei nº13.576/2017), a ANP passou a emitir os CBIO que são regularizados e negociados na B3. Cada crédito do tipo corresponde a uma tonelada de CO2 evitado.

II) Iniciativas da B3

o “Relate e Explique” foi lançada em 2012 pela B3 em parceria com o GRI e tinha como principal objetivo estimular as empresas listadas a divulgarem seus relatórios de sustentabilidade. A partir de 2017, o estímulo era integrar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável a estes relatórios de sustentabilidade, mais especificamente no item “Informações de Longo Prazo”.

A iniciativa foi encerrada em 2020, pois o banco de dados não era mais tão utilizado pelos investidores, eles procuravam o comportamento ESG das empresas direto da fonte, como nos sites corporativos. Porém, a B3 ainda se compromete com o desenvolvimento sustentável através da transparência e do relato de informações, em especial, através da coordenadoria do Subgrupo de Transparência do LAB (Laboratório de Inovação Financeira).

Além disso, em 2019, a B3 aderiu ao Programa de Compromisso com o Clima, iniciativa que conecta empresas que querem compensar suas emissões com projetos de impacto socioambiental positivo.

[**Saiba mais.**](#)



Marta Pinheiro

Partner & ESG
Director @ XP Inc.



AUMENTA A BUSCA POR PRODUTOS FINANCEIROS ESG NO BRASIL (1/3)

Da perspectiva dos investidores: como você enxerga esse movimento ESG no Brasil vs mundo? Quais os principais fatores que impulsionam esse movimento no Brasil?

Entendemos que o movimento ESG é uma jornada e o Brasil ainda está no início. Na Europa, por exemplo, vemos que tal movimento já se consolidou: os reguladores participam ativamente da temática, investidores de diferentes perfis e portes demandam produtos financeiros alinhados com as melhores práticas ESG e as empresas já têm adequado suas práticas para atender essa demanda. No entanto, nos últimos meses, a agenda ESG ganhou muita força no Brasil. Esse tema não é novo por aqui, mas em geral estava restrito a poucos players do mercado.

Acredito que a pandemia acelerou bastante a temática – afinal, ficou impossível ignorar os desafios sociais e ambientais que enfrentamos – trazendo conscientização não só para as pessoas físicas, na qualidade de investidoras, mas também das próprias empresas.

Existe uma polêmica e discussão a nível global no que tange chegar a um padrão ou consenso relacionado à definição de metodologias, critérios e ratings de empresas ESG. Do seu ponto de vista, já existe uma metodologia que poderia ser adotada como padrão global tanto para empresas como investidores? Se sim, o que a diferencia das demais?

Há algumas iniciativas globais que procuram estabelecer padrões para acompanhamento e divulgação de informações relacionadas aos fatores ESG. Do ponto de vista do reporte, as principais iniciativas são a GRI e a SASB, que estabelecem padrões de reporte de informações socioambientais e de governança para companhias de diferentes setores, com base na materialidade financeira desses, de modo que os tomadores de decisão possam comparar as companhias com base em tais critérios. Além disso, da perspectiva de rotular produtos financeiros alinhados à temática ESG ou Investimento de Impacto, podemos citar a taxonomia europeia, que busca estabelecer critérios claros e transparentes para os investidores. Também existem algumas iniciativas



Marta Pinheiro

Partner & ESG
Director @ XP Inc.



AUMENTA A BUSCA POR PRODUTOS FINANCEIROS ESG NO BRASIL (2/3)

direcionadas para temas específicos, como pegada ambiental, o questionário de divulgação do CDP entraria aqui. Acredito que ainda temos muito a evoluir em relação ao tema, incluindo maior transparência por parte das companhias, informações mais padronizadas, novos padrões para medir a adicionalidade de KPIs socioambientais e união de esforços entre diversas iniciativas e grupos de trabalho dispersos.

Em termos de produtos e possibilidades de investimento ESG, quais são as principais limitações que você enxerga no mercado brasileiro hoje? Você acredita que a economia brasileira já está madura o suficiente para ter um grande peso de investimentos ESG em bolsa?

Do ponto de vista corporativo, vejo que o Brasil tem tudo para ser uma potência verde e as companhias cada vez mais têm se alinhado a essa visão, implementando uma estratégia ESG alinhada ao negócio. Isso traz novas possibilidades de captação de recursos no mercado, como os *greenbonds* ou *sustainability linked bonds*, além de benefícios para a marca, atração & retenção de talentos, fidelização

dos consumidores, entre outros. Da perspectiva do investidor, acredito que estamos no início da jornada. Ainda há um longo caminho a percorrer em termos de conscientização e sensibilização dos investidores em relação à temática, e nós temos trabalhado para que isso acelere cada vez mais. Quando olhamos para as novas gerações de investidores, não temos dúvida de que essa pauta veio para ficar.

A XP tem fundos de investimento em ESG. A estratégia, portfólio e rendimento desses fundos difere muito de um fundo não ESG? Existe uma concentração de empresas em algum setor?

Temos diversas opções de fundos com muitas estratégias diferentes e apesar do pouco tempo de histórico nesses produtos, já existem alguns portfólios nos quais a rentabilidade te, performance superior que as versões tradicionais.

Em relação a gestão dessas carteiras, pode-se ter uma estratégia ativa, ou seja, ter pessoas por trás ativamente integrando ESG ao seu processo de investimentos para fundos específicos ou para fundos de todo o seu portfólio, ou passiva, que são



Marta Pinheiro

Partner & ESG
Director @ XP Inc.

XP inc.

AUMENTA A BUSCA POR PRODUTOS FINANCEIROS ESG NO BRASIL (3/3)

aqueles que replicam uma carteira de índices.

A maioria dos gestores utilizam a integração ESG por meio de diferentes metodologias. Essas metodologias identificam como os fatores ESG se traduzem em riscos ou oportunidades de investimento podendo impactar o valuation e a precificação dos ativos da perspectiva do gestor e ao mesmo tempo as decisões de investimentos dos fundos porque, dependendo da materialidade financeira de determinada companhia, o investimento pode não valer a pena, portanto nessa abordagem não existe uma concentração em setores específicos, porém, os gestores também podem adotar a abordagem de investimentos temáticos, ou seja, alocar o patrimônio do fundo em temas ou setores específicos com um olhar ambiental ou social, exemplos desse olhar com impacto ambiental podemos citar foco em água, carbono, energias renováveis e investimentos com foco social podem trazer exemplos como educação, saúde e diversidade.

Qual o papel das empresas de tecnologia brasileiras no movimento e transformação ESG no Brasil?

Acreditamos que a inovação é uma aliada fundamental da transformação ESG. Isso porque diversas tecnologias podem apoiar a evolução e consolidação dessa agenda, não só trazendo novas soluções para resolução de problemas socioambientais relevantes, mas também auxiliando a melhoria de processos já existentes, como rastreamento da cadeia de fornecedores e eficiência energética.

As startups trazem cada vez mais avanços tecnológicos e disrupção dos modelos de negócio, não apenas ajudando a caminhar mais rápido em diversas frentes, mas também comprovando a lucratividade dos business ESG. Essas empresas capturam as demandas da sociedade e as transformam em produtos e serviços que não apenas são benéficos para o meio ambiente e para a sociedade, mas também traz alto retorno aos investidores.

As novas tecnologias permitem que a agenda ESG possa se tornar cada vez mais parte do dia a dia do consumidor e das empresas, quebrando barreiras para a adoção de práticas socioambiental responsáveis.

JÁ SÃO MAIS DE R\$ 10 BILHÕES EMITIDOS EM TÍTULOS ESG

Os títulos sustentáveis são de **renda fixa**, onde o valor **arrecadado é empenhado para projetos com propósito** de ter impacto positivo nas frentes ESG. Na B3, eles estão divididos em 4 categorias: **Títulos Verdes, Títulos Sociais, Títulos de Sustentabilidade e Títulos vinculados à Sustentabilidade (SBL)**; cada uma dessas categorias está voltada para uma natureza de projeto diferente.

A primeira emissão de título verde foi realizada pela BRF em **2015**, no setor de alimentos. Logo após veio o BNDES, em 2017, com a emissão dos primeiros *green bonds* no mercado internacional, arrecadando o valor de US\$ 1 bilhão. Em seguida, vieram nomes como Suzano, Ômega Energia, Rio Energy e Enel. A primeira instituição a emitir Títulos Sociais, por sua vez, foi a Vivenda, em março de 2018. E a **primeira emissão de SLBs** no mundo foi da companhia de logística brasileira Simpar, captando US\$ 625 milhões em **janeiro deste ano**.

A grande **diferença dos SLBs** para os demais títulos é que o valor arrecadado é usado para **financiar o próprio desempenho em sustentabilidade da empresa**, conforme metas e indicadores. Se as metas não forem cumpridas, há penalização na taxa do título.

Na frente verde dos projetos financiados pelos títulos sustentáveis estão os setores de: eficiência energética, transporte limpo, prevenção da poluição, uso do solo de maneira sustentável e saneamento básico. Já na frente social: educação, saúde e financiamento a pequenos empreendimentos.

Em 2020, as emissões de **títulos ESG registrados na B3** somaram **R\$ 5,3 bilhões em 18 emissões** (13 debêntures, um CRI e 4 CRAs) de 12 empresas. No mesmo ano, as emissões de títulos temáticos ligados à sustentabilidade no **mercado brasileiro** somaram **US\$ 5,3 bilhões, superando em 26% o valor de 2019**, de acordo com o levantamento da Sitawi Finanças do Bem. Já no **final de março 2021**, de acordo com a B3, o **valor total aumentou para R\$ 10 bilhões** em 32 emissões (19 debêntures, 12 CRAs e 1 CRI).

Com o intuito de dar maior visibilidade a essa categoria de títulos, a B3, juntamente com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), promove a **Plataforma de Transparência de Títulos Verdes** na América Latina e Caribe. Na plataforma, é possível ver as movimentações de 5 países: México, Costa Rica, Colômbia, Brasil, Argentina e Chile.

TÍTULOS TEMÁTICOS ESG

Títulos Verdes (green bonds)	Títulos Sociais (social bonds)
<p>Projetos voltados à conservação da biodiversidade terrestre e aquática, adaptação às mudanças climáticas, edifícios verdes, eficiência energética, energia renovável, gestão sustentável das águas e águas residuais, produtos/tecnologias e produção ecoeficientes e ou adaptados à economia circular, prevenção e controle de poluição, transporte limpo.</p>	<p>Projetos que viabilizam o acesso a serviços essenciais, promovem a geração de empregos e programas projetados para prevenir e/ou aliviar o desemprego decorrente de crises socioeconômicas (inclusive por meio do efeito potencial do financiamento de PMEs e microfinanças), habitação a preços acessíveis, infraestrutura básica acessível, segurança alimentar e sistemas alimentares sustentáveis.</p>
Títulos de Sustentabilidade	Títulos Vinculados à Sustentabilidade
<p>Projetos de caráter socioambiental (Títulos verdes e Títulos Sociais combinados)</p> <p>obs: no Brasil as causas sociais estão fortemente ligadas com causas ambientais.</p>	<p>Projetos dentro de empresas com o objetivo de melhorar o desempenho em sustentabilidade e o cumprimento de metas em cada área:</p> <p>indicador: Gestão de Emissões/ meta: reduzir em 15% a intensidade de emissões de GEE até 2030 indicador: Gestão de Resíduos/ meta: 97% de resíduos reciclados até 2025 indicador: Energia Renovável/ meta: atingir 100% de consumo de energia elétrica renovável até 2022</p>

Ref: B3



Ana Buchaim

Diretora de Pessoas,
Marketing,
Comunicação e
Sustentabilidade @
B3



ESG NO MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO (1/3)

Como foi o movimento ESG das empresas listadas no mercado financeiro brasileiro até aqui, como a B3 se posicionou e qual a expectativa para os próximos anos?

Percebemos um avanço da agenda ESG por parte das empresas, seja em relação à implementação de novas ações ou ao aprimoramento das já existentes. A discussão ganhou destaque na pauta estratégica das companhias, que perceberam que aprimorar suas práticas ambientais, sociais e de governança, além de ser o correto a se fazer, as ajuda a ter melhores condições de acesso ao capital, mitigar riscos e atender uma demanda crescente dos investidores, consumidores e da sociedade.

Um dos indicadores que mostra isso é o aumento do interesse das empresas pelo ISE B3, o nosso Índice de Sustentabilidade Empresarial. Mais empresas se mostraram interessadas não apenas em integrar o índice, mas em obter o questionário para fazer um diagnóstico de suas ações. Esse é um movimento importante, que traz evolução e que nós procuramos incentivar.

Desde o ano passado, começamos a disponibilizar o questionário do ISE B3 gratuitamente na categoria Simulado, reforçando o compromisso da B3 de induzir e estimular boas práticas ESG no mercado. Isso fez com que o número de empresas participando da categoria Simulado saltasse de 10 para 33. Atualmente, fazem parte da carteira do ISE B3, 46 ações de 39 companhias pertencentes a 15 setores. A carteira anterior possuía 30 empresas e a que vigorou em 2019, 27.

A B3, como infraestrutura de mercado, atua para incentivar as melhores práticas de sustentabilidade entre seus stakeholders e oferecer produtos e serviços ESG (Ambientais, Sociais e de Governança, na sigla em inglês) que apoiem o cliente e o mercado nesta evolução.

O mindset do investidor brasileiro está mudando assim como no exterior? O que esperar dos próximos anos?

Certamente o investidor brasileiro está mais atento a esta agenda do que já esteve no passado. Especialmente do começo do ano passado para cá,



Ana Buchaim

Diretora de Pessoas,
Marketing,
Comunicação e
Sustentabilidade @
B3



ESG NO MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO (2/3)

não apenas investidores, mas também empresários passaram a dar ainda mais atenção ao tema. Além da pandemia, que acelerou essa conscientização, a BlackRock, maior gestora de ativos no mundo, vem publicando cartas alertando os executivos sobre a relevância do impacto socioambiental e da boa governança na gestão das companhias e tornou a sustentabilidade tema ainda mais relevante para a sua construção de portfólios. Além disso os jovens, cuja participação vem ganhando cada vez mais força nos produtos de bolsa, muitas vezes buscam consumir e investir com propósito, em empresas que tragam retorno positivo para a sociedade e meio ambiente. Essa é uma tendência que deve permanecer nos próximos anos.

Qual o papel dos índices da B3 relacionados a sustentabilidade e ESG? Como tem sido o desempenho desses índices e das empresas listadas vs empresas não listadas?

Temos atualmente 7 índices ESG. Nossos índices de sustentabilidade possuem metodologias robustas que estabelecem critérios não apenas para a seleção das empresas que farão parte das

carteiras, como de rebalanceamento e acompanhamento do mercado.

É um forma de reunir empresas que se enquadram em determinados padrões e apresentá-las de forma consolidada ao investidor, encurtando o período de análise. Há produtos indexados diretamente a esses índices, como fundos abertos e ETFs, que entregam essas estratégias prontas para os investidores.

Para trazer transparência e ajudar o investidor a selecionar a estratégia que faz mais sentido para compor sua carteira, a B3 disponibiliza a metodologia de cada um de seus índices. No caso do ISE B3, são públicos também os questionários respondidos pelas empresas que integram o índice (no site iseb3.com.br).

Em relação a rentabilidade, os índices ESG vêm, no consolidado dos anos, performando melhor que o Ibovespa. O ISE B3, conta com uma performance acumulada, desde sua criação em novembro de 2005 até março de 2021, de 300,00%, enquanto o Ibovespa rendeu 265,43% no mesmo período.



Ana Buchaim

Diretora de Pessoas,
Marketing,
Comunicação e
Sustentabilidade @
B3



ESG NO MERCADO FINANCEIRO BRASILEIRO (3/3)

Já a rentabilidade do IC02 entre agosto de 2010 e março de 2021 foi de 141,35% contra 79,04% do Ibovespa no mesmo período. O IGCT render 428,35% desde sua criação, em dezembro de 2005 até março deste ano, contra 248,62% do Ibovespa no mesmo período.

Quais os maiores desafios e dificuldades enfrentados pelas empresas para se adequarem às mudanças e novos padrões exigidos pelo mercado hoje?

O movimento de integração das questões ESG para o mainstream é crescente e considerar aspectos ESG na tomada de decisão de investimentos e alocação de recursos depende da disponibilidade, qualidade e tempestividade das informações reportadas pelos emissores.

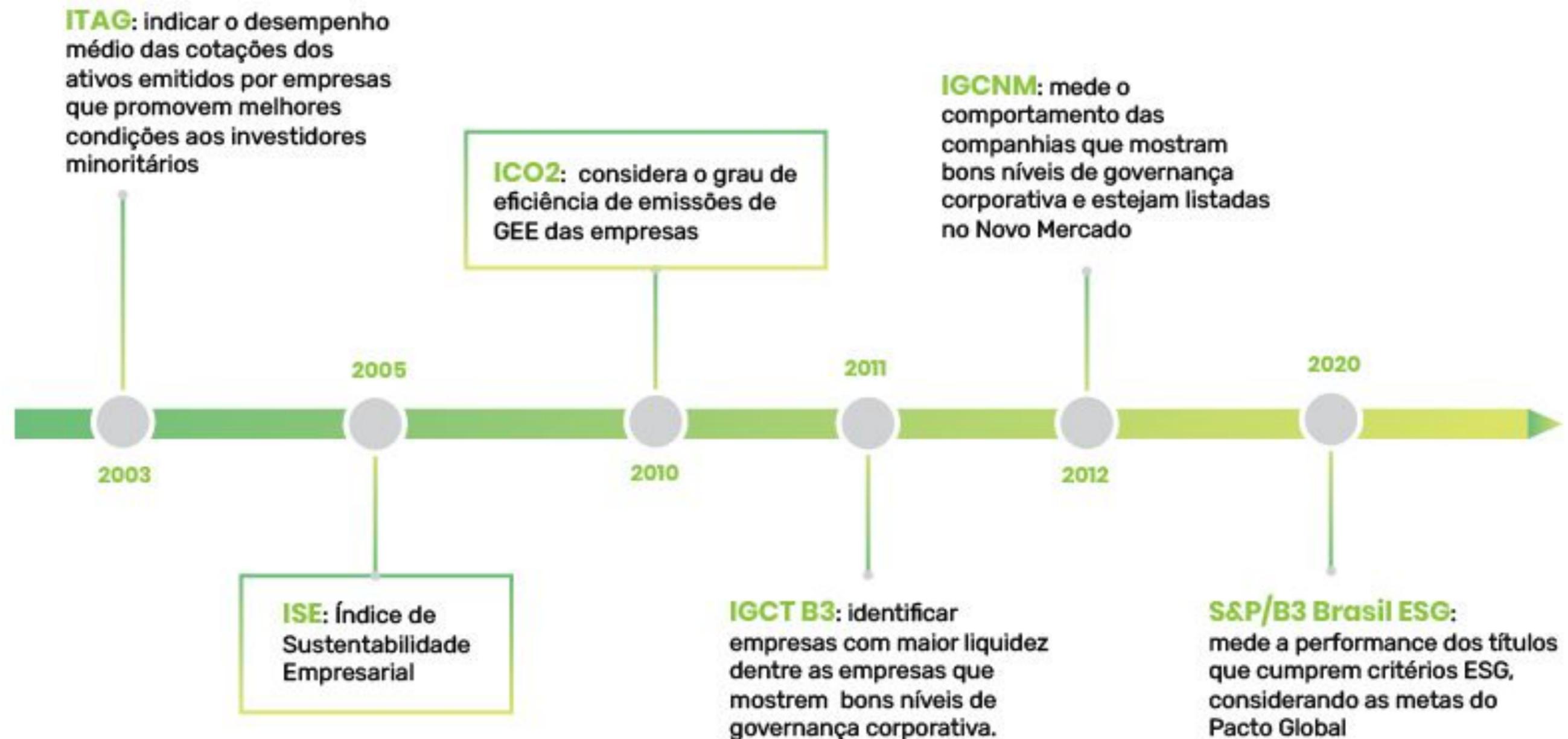
No Brasil, o debate no âmbito dos órgãos regulatórios vem ganhando cada vez mais relevância, o que é bastante positivo para o nosso mercado.

Participamos ativamente junto do regulador e outros atores do mercado de discussões relevantes para o avanço agenda ESG no país, via Laboratório de Inovação Financeira (LAB) da CVM.

A B3 monitora o volume investido nos títulos ESG? Vocês tem disponíveis dados sobre a evolução de investimento nos 4 tipos de Títulos ESG em bolsa, como green bonds ou social bonds?

As emissões de títulos verdes, sociais ou sustentáveis (socioambientais) podem ser identificadas no nosso ambiente de negociação desde novembro de 2018, numa forma de trazer visibilidade para esses papéis e atender investidores que buscam trazer produtos ESG para suas carteiras. No final de março de 2021, havia 32 instrumentos - 19 debêntures, 12 certificados de recebíveis do agronegócio (CRAs) e 1 certificado de recebíveis imobiliários (CRI) - identificados nos nossos sistemas, totalizando um valor de emissão de R\$ 10 bilhões.

ÍNDICES SUSTENTÁVEIS: Linha do Tempo



ISE

O **primeiro índice de sustentabilidade corporativa no Brasil** e o quarto no mundo, foi feito pelo **Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV (Gvces)** em parceria com a B3 e implementado na bolsa.

O índice foi criado como ferramenta de **análise comparativa da performance de empresas listadas** em bolsa considerando a sustentabilidade corporativa nos critérios de eficiência econômica, equilíbrio ambiental, justiça social e governança corporativa. Durante a sua criação, mais de 800 indicadores foram levantados e analisados para criar o questionário atual que considera **7 dimensões independentes**: Ambiental, Social, Econômico-Financeira, Governança Corporativa, Geral, Natureza do Produto e Mudanças Climáticas.

São convidadas as **empresas emissoras dos 200 papéis mais líquidos** da B3 e o **ISE seleciona até 40** dessas empresas de capital aberto e listadas para compor sua carteira, considerando sua liquidez e as práticas sustentáveis que adotam.

Para participar, as empresas precisam responder um questionário detalhada e entregar documentos e relatórios

específicos que comprovem cada informação do seu desempenho. **O número de inscritas esse 2020 foi 69% maior que em 2019.**

De acordo com o levantamento realizado com **as companhias participantes do ISE, 93% delas possuem processos de integração dos ODS às estratégias**, metas e resultados. O que demonstra a sinergia entre liquidez e sustentabilidade das empresas do ISE. Desde 2005 até agora, o ISE apresentou **rentabilidade de +300% contra +265,43% do Ibovespa**. O índice ainda se apresentou **menos volátil**: 25,62% em relação a 28,10% do Ibovespa (levantamento de novembro de 2020).

Em 2021 está previsto o lançamento de mais um índice ESG na B3 em parceria com a Great Place to Work.

Sobre a carteira de 2021:

A carteira do ISE é montada com a premissa de não exceder mais que 15% de um só setor, sendo que a atual carteira compila 46 ações de **39 companhias** que estão distribuídas em 15 setores diferentes e **somam R\$1,8 trilhão em valor de mercado**. Essa carteira representa 38% do total do valor de mercado das 400 companhias com ações negociadas na B3.

Empresas selecionadas para a carteira do ISE em 2021

AES Tiete	Cemig	Eletrobras	Lojas Americanas	Neoenergia
B2W	Cielo	Engie	Lojas Renner	Petrobras
Banco do Brasil	Copel	Fleury	M. Dias Branco	Santander
BR Distribuidora	Cosan	GPA	Marfrig	Suzano
Bradesco	CPFL	Itaú Unibanco	Minerva	Telefônica
BRF	Duratex	Itaúsa	Movida	TIM
BTG	Ecorodovias	Klabin	MRV	Weg
CCR	EDP	Light	Natura	

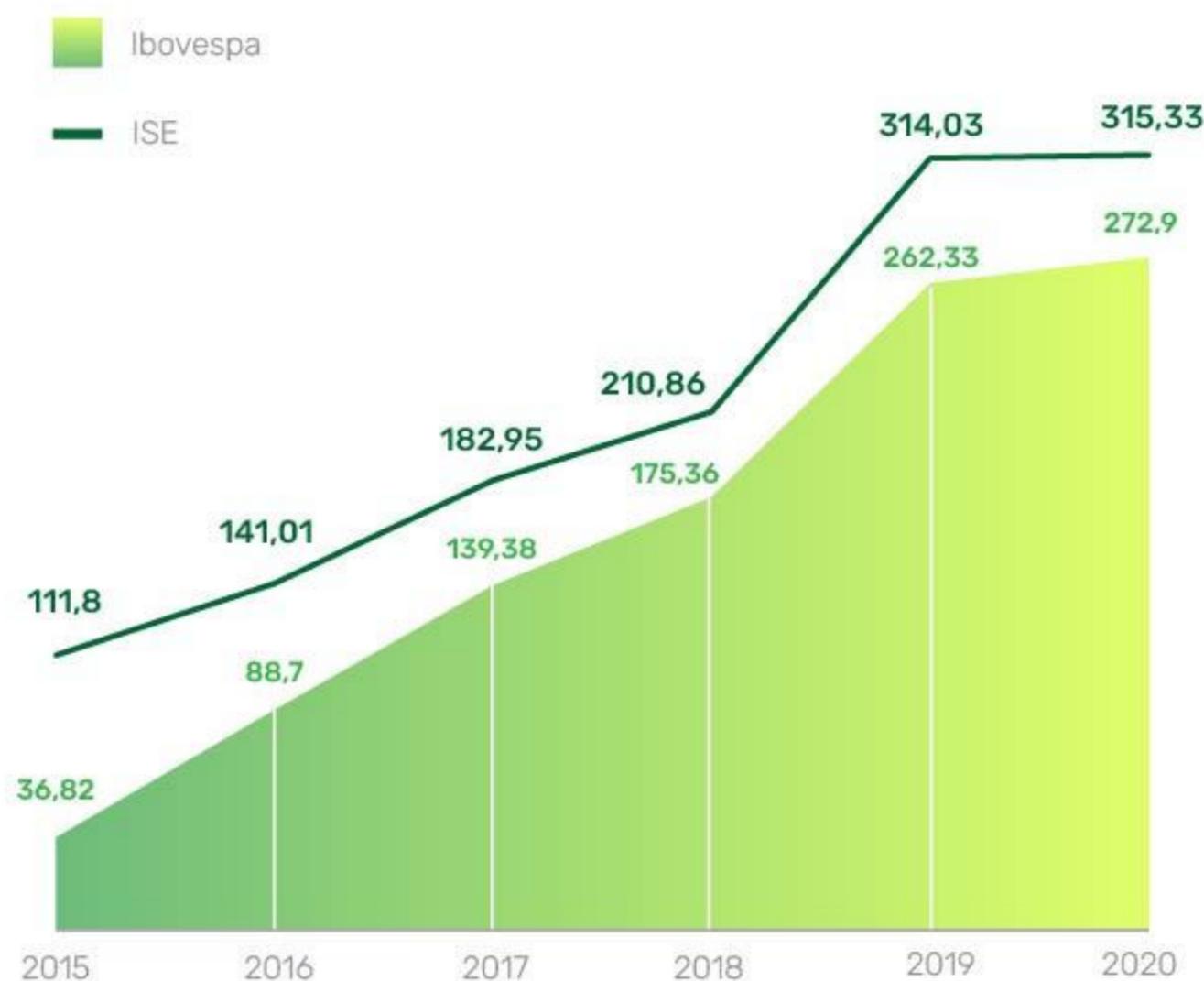
CARTEIRA ISE SUPERA IBOVESPA EM MAIS DE 40%

Existem diversos estudos que buscam compreender se índices ou portfólios compostos por empresas alinhadas aos princípios ESG são de fato mais rentáveis ou não. Um estudo realizado pelo PRI apontou que, entre os cerca de 2 mil estudos publicados sobre esse assunto, 63% concluem que existe uma correlação positiva entre a adoção de critérios ESG e retorno.

Através do “Raio X da carteira de 2021 - ISE B3”, podemos acompanhar a evolução das empresas listadas na B3 que compõem o índice, considerando o que foi apresentando no questionário que elas tiveram que responder para participar.

De acordo com a B3, das empresas na carteira de 2021, 100% estabelecem medidas disciplinares em caso de violação de direitos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero, e 58% promovem discussões com liderança na equidade de licença parental entre homens e mulheres, incluindo o benefício para casais homoafetivos e famílias monoparentais. Dentre os conselhos de administração, 77% apresentam mulheres e 5% apresentam negros como membros titulares, 72% promovem práticas para encorajar representantes LBTQIA+ a se integrarem, 67% estão listadas no segmento do Novo Mercado e 100% possuem processos de gestão de riscos que consideram aspectos de curto, médio e longo prazo. Além disso, 100% das empresas utilizam a Agenda 2030 e ODS como referência em suas metas de sustentabilidade e 93% possuem processos definidos e em andamento da integração das ODS em suas estratégias.

RENTABILIDADE ACUMULADA ISE vs IBOVESPA (2015 - 2020)





Gustavo Araujo

Cofounder e CEO @
Distrito

DISTRITO

ECOSSISTEMA DE STARTUPS ALAVANCA PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO E INOVAÇÃO DE CORPORAÇÕES

Os novos padrões ESG obrigam as empresas tradicionais dos mais diversos setores a inovar, ou seja, a conduzir suas atividades de uma maneira mais resiliente e sustentável, tanto para dentro da empresa quanto para o mundo ao seu redor.

Dentro dessa nova necessidade, as corporações perceberam que fomentar parcerias com startups que tenham soluções direcionadas para cada “dor” que a corporação precisa resolver é muito mais estratégico e vantajoso financeiramente do que criar suas próprias soluções internamente para as diferentes frentes do seu negócio, e muito mais eficaz no processo de transformação ESG.

A inovação aberta, por sua vez, permite que o ecossistema de startups se torne cada vez mais atrativo e robusto no país. Isso significa que estimula o empreendedorismo de negócios, que, em sua definição, são inovadores e estão nascendo para resolver problemas atuais do mercado, que, sem dúvida, carrega as necessidades de melhores práticas sustentáveis e responsáveis para os *players* que querem sobreviver às mudanças globais.

Além disso, sob o olhar estratégico das corporações, é mais seguro incorporar uma solução que já foi testada e validada no ecossistema do que investir em realizar todo esse processo de transformação sozinho.

Porém, um grande diferencial de se incorporar a inovação aberta no mundo corporativo é que cada negócio é especialista em uma solução, e as grandes empresas podem selecionar o que existe de referência no mercado, tanto na frente de governança corporativa, quanto social e ambiental.

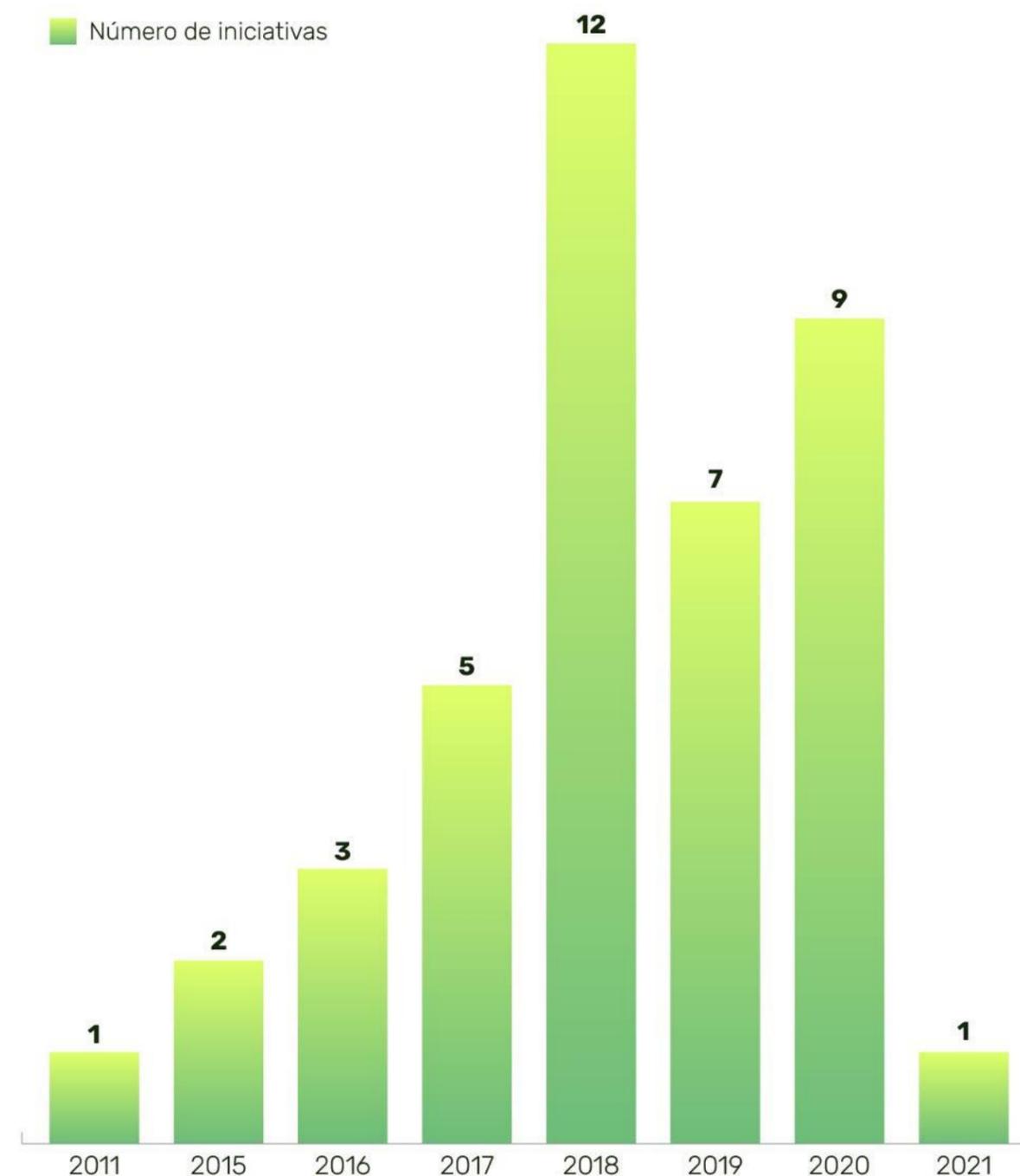
Quem também está de olho nas *ESG Enablers*, as startups que fornecem tecnologias que ajudam as corporações a cumprir as práticas ESG, são os fundos de investimento. Um deles é a EB Capital, que pretende levantar um bilhão de reais no Brasil e no exterior para investir nesse ecossistema. De acordo com Eduardo Sirotsky Melzer, cofundador da EB Capital, a retomada verde significa uma das maiores oportunidades de negócio do mundo. Para ele e o restante da sua equipe, ‘green is the new tech’.

A EVOLUÇÃO DAS INICIATIVAS DE INOVAÇÃO ABERTA

As primeiras iniciativas das empresas destacadas na página anterior foram lançadas majoritariamente nos últimos 7 anos, sendo o único outlier a Telefônica, com o hub Wayra, em 2011. Esse comportamento coincide com a crescente preocupação das corporações com a temática ESG e como elas enxergam inovação aberta como uma possível solução.

Em destaque, temos o ano de 2018, que representou a fundação de 30% de todas as iniciativas de inovação aberta criada pelas empresas consideradas referência em ESG. Por mais que esse valor tenha diminuído quase 13% em 2019, em 2020 observamos a fundação de 22,5% das iniciativas de inovação aberta nas 40 empresas avaliadas.

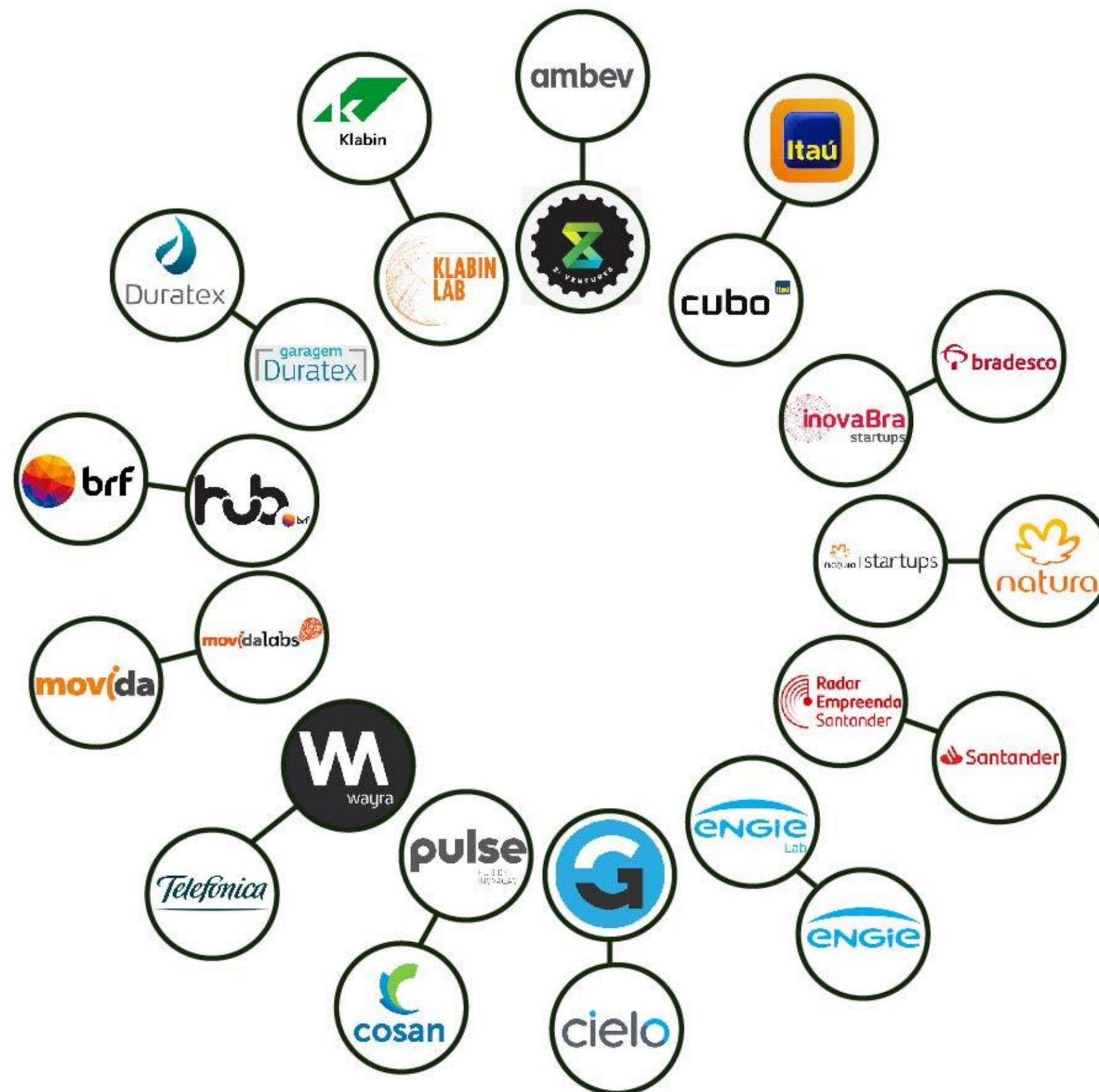
É importante destacar que foi usada a data de lançamento da primeira iniciativa de inovação aberta própria identificada de cada uma das corporações, mas muitas apresentam mais de uma iniciativa ou fomentam inúmeras parcerias com startups em suas operações. Um exemplo prático é a Duratex S.A., controlada pela Itaúsa, que lançou seu hub de inovação em 2017, o Garagem Duratex. Ao mesmo tempo, seguiu investindo em outras iniciativas, como o programa Scale-Up Construtech com a Endeavor e na sua plataforma de inovação interna (Imagine) com a FCamara. Além disso, oferecem o recém-lançado portal de comunicação e cases de inovação aberta em 2020.



AS CORPORAÇÕES & INOVAÇÃO ABERTA

Das empresas presentes na carteira do ISE, sem considerar grupos que controlam outras empresas da carteira, e incluindo empresas no ranking ESG da XP como Localiza, Ultrapar e Ambev, 100% das empresas possuem braços internos relacionados à inovação aberta em alguma das 4 formas: Challenges, Hackathons, Programas de Aceleração ou Hubs de Inovação,

Alguns exemplos estão apresentados no esquema ao lado.





Daniel Michilini Carocha

Board Member da
PANGEIA.ECO,
ecossistema de
negócios ESG e
causas
socioambientais



ESG+T: A REVOLUÇÃO ESG PASSA PELA TECNOLOGIA E PELA INOVAÇÃO ABERTA (1/2)

No ano de 2016, o governo do Japão deu início à implementação do seu “Quinto Plano Básico de Ciência e Tecnologia”, baseado na visão de uma sociedade centrada do ser humano e na conservação do planeta. Essa visão foi batizada de **Sociedade 5.0**.

A base do modelo japonês visa a identificar uma variedade de necessidades e desafios – e os possíveis cenários para resolvê-los, estimulando investimentos em ESG – tantos públicos quanto privados – para a materialização da sua visão.

A colaboração entre governo, sociedade, academia, startups e indústria gerou uma abrangência sem precedentes. Sob o Conselho de Estratégia de Crescimento - Investindo para o Futuro, composto por ministros, CEOs, empreendedores e acadêmicos, foram estabelecidos Comitês Indústria-Governo. Todos os projetos são conectados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - (“ODS”, ou “SDGs”, em inglês) adotados pelas Nações Unidas. Dentro dessa estrutura, são discutidas visões e estratégias para a implantação de tecnologias digitais, bem como a aceleração da (essencial) revolução ESG.

Coube ao primeiro-ministro Shinzo Abe, em 2019, apresentar no Fórum Econômico Mundial, em Davos, e na Cúpula do G20, realizada em Osaka, o conceito e as diretrizes que norteiam a Sociedade 5.0, incluindo o plano de ação e os investimentos que já estavam em andamento.

Embarcando no modelo japonês, o Fórum Econômico Mundial de 2020 testemunhou a proposta de inclusão de uma letra à sigla ESG. Seria o “T”, de “Tecnologia e Inovação”, defendida pela fundadora e CEO da GEC Risk Advisory: Andrea Bonime-Blanc. Segundo ela:

- Junto com os desafios ESG, existe uma vasta e crescente gama de desafios tecnológicos, riscos e oportunidades;
- 2020 foi caracterizado por uma tempestade perfeita de riscos sistêmicos envolvendo pandemia, clima, problemas sociais e tecnológicos. Todos interconectados;
- Quanto mais rápido os tomadores de decisão forem capazes de identificar e resolver seus problemas em ESGT, mais rápido poderemos atingir nossos objetivos de desenvolvimento sustentável.



Daniel Michilini Carocha

Board Member da
PANGEIA.ECO,
ecossistema de
negócios ESG e
causas
socioambientais



ESG+T: A REVOLUÇÃO ESG PASSA PELA TECNOLOGIA E PELA INOVAÇÃO ABERTA (2/2)

Ainda segundo o artigo de Andrea Bonime-Blanc:

Meio ambiente: As preocupações com as mudanças climáticas continuam a se acelerar e, em alguns casos, pioraram dramaticamente neste ano, acima e além do que os cientistas já temiam. Os cientistas têm apontado para a sobreposição entre a destruição da biodiversidade e a invasão humana em habitats naturais como vetor de facilitação para a propagação de novos tipos de vírus – a COVID-19, naturalmente, é uma primeira prova disso. Isso continuará sendo um problema na busca de múltiplas soluções globais.

Sociedade: As questões de saúde e segurança explodiram na esteira da pandemia. Não apenas essas questões – que estão à espreita há muito tempo – vieram à tona, mas também transbordaram para uma série de questões sociais relacionadas, como a desigualdade (econômica, racial e global); o deslocamento da força de trabalho e a destruição de empregos; a realocação da força de trabalho do escritório para casa, com suas novas e sérias repercussões sociais para a privacidade, cuidados com crianças / idosos e assuntos relacionados, bem como novas oportunidades para melhorar o futuro do trabalho.

Governança: Líderes, executivos e conselhos de administração em todos os lugares foram amplamente demandados. Eles não só precisam implantar o gerenciamento imediato de crises, como projetar planos sólidos e multifacetados para a gestão de seus negócios no longo prazo. A governança em todos os seus aspectos foi amplamente afetada pelos múltiplos riscos estratégicos no âmbito ESGT que o mundo enfrenta hoje. As empresas e as ONGs sem conselhos ágeis, bem como agências governamentais e organizações internacionais sem governança proativa serão severamente afetadas e podem causar danos graves aos interesses de seus stakeholders mais importantes.

Por isso, **não há como não adicionar a camada 'tecnologia e inovação aberta' à revolução ESG.** Uma coisa é certa: quanto mais as empresas, a sociedade e o governo conseguirem incorporar os pilares do ESGT – avaliando problemas, riscos e oportunidades – e endereçá-los com uma estratégia de longo prazo, mais cedo seremos capazes de fazer a revolução que precisamos.

PRINCIPAIS RISCOS, PROBLEMAS E OPORTUNIDADES ESG+T

Em seu livro “Gloom to Boom: How Leaders Transform Risk into Resilience and Value”, **Andrea Bonime-Blanc**, CEO e Founder da GEC Risk Advisory e reconhecida globalmente por sua expertise em governança, risco, ESG, ética e gestão de risco, compartilha um quadro que consolida os principais riscos, problemas, desafios e oportunidades que ela vê no mundo hoje e nos próximos anos. Os temas estão separados pelas categorias ESG + Tendências e desafios tecnológicos.

Ambiental	Social	Governança	Tecnologia
Aquecimento global	Direitos humanos	Governança corporativa	Cibersegurança
Sustentabilidade	Direitos trabalhistas	Liderança	IA
Água	Trabalho infantil	Cultura	Mineração de dados
Ar	Tráfico humano	Ética empresarial	Internet das coisas
Terra	Escravidão	Geopolítica	Machine learning
Emissão de carbono	Saúde	Corrupção	Deep learning
Eficiência energética	Segurança	Fraude	Robótica
Recursos naturais	Condições no trabalho	Lavagem de dinheiro	Vigilância
Lixo tóxico	Violência no trabalho	Antitruste	Dark web
Reciclagem	Livre comércio	Conformidade regulatória	Fake news
Energia limpa	Privacidade de dados	Conflitos de interesse	Nanotecnologia
Construções verdes	Discriminação	Transparência	Biometria
Biodiversidade	Racismo	Compensação	
Direitos dos animais	Diversidade		
Pandemias	Inclusão		
	Bullying		

Fonte: A. Bonime-Blanc, ‘Gloom to Boom’.
Routledge 2020



Nelmara Arbex

Sócia KPMG | Líder
da prática de ESG |
líder IMPACT na
América do Sul



ESG TAMBÉM É TERRENO PARAS AS STARTUPS

A transição para uma economia circular, de baixo carbono, socialmente inclusiva e que regenera os ecossistemas depende de alguns fatores críticos. Dois deles são: fazer dos negócios uma ferramenta para moldar esse futuro – que chamamos sustentável – e desenvolver soluções tecnológicas que nos ajudem a fazer isso mais rapidamente.

Conhecer as startups que se propõem a completar esse quebra-cabeça e preencher as lacunas no sistema de soluções se tornou quase um dever de todos nós, que estamos buscando ferramentas para implementarmos a agenda da transição.

A próxima década, a década da transição, será marcada como a década do “fazer acontecer”. Vamos ter que colocar em prática o que aprendemos nas décadas passadas, e, no caminho, vamos ter que pensar em soluções, implementar, medir, corrigir, escalonar e ser transparente sobre os resultados que tivemos, para podermos utilizar a rede de conhecimento que temos à nossa volta. E, assim, levar a agenda para o próximo nível.

Esse é o terreno natural das startups.

O trabalho do Distrito em mapear as que estão cumprindo esse papel no campo do agora chamado ESG é muito importante. As razões são várias, mas especialmente por nos dar uma visão geral do que já existe, com soluções prontas para serem testadas ou implementadas, e o que vamos precisar desenvolver nessa jornada.

Valeu equipe do Distrito, apoiadores e colaboradores que fizeram este trabalho! Espero que ele seja utilizado de fato como um mapa para uma mina de soluções – tantas as necessárias como as que nem imaginávamos existir...



TECHS

METODOLOGIA DO MAPEAMENTO DE STARTUPS

As startups delineadas no report foram selecionadas a partir de um trabalho minucioso de pesquisa e consulta ao banco de dados de startups proprietário do Distrito. Para esta primeira edição, utilizamos como base para a checagem de startups categorias do nosso banco de dados que consideramos fortemente relacionadas ao tema ESG.

Entendemos que tanto a base como a categorização podem sofrer mudanças e precisar de ajustes, que serão feitos ao longo do tempo nos próximos meses e reports. Nosso intuito é sempre melhorar e fazer o melhor possível.

O objetivo do mapeamento recortar uma visão inovadora e única do ecossistema de startups trazendo à luz startups que estão ajudando nosso país a se tornar melhor e mais sustentável, dentro dos critérios ESG.

Os critérios de seleção estabelecidos são:

- Ter a inovação no centro do negócio, seja na base tecnológica, no modelo de negócios ou na proposta de valor.
- Estar em atividade no momento da realização do estudo, medido pelo status do site e atividade em redes sociais.
- Desempenhar atividade diretamente relacionada e com impacto significativo em alguma das categorias ESG (Ambiental, Social e Governança Corporativa).
- Ter nacionalidade brasileira e operar atualmente no Brasil.

O trabalho de definição das categorias foi baseado em análise da literatura e referências relevantes no Brasil e no mundo. A definição da categoria que pertence cada startup foi feita por nossa equipe, e, quando uma startup opera em mais de uma categoria, a situamos na que interpretamos como sua atividade principal ou de maior visibilidade ou propósito da empresa.

Também temos uma preocupação em incluir somente aquilo que consideramos startups dentro do nosso escopo - e por mais que nosso critério para defini-las seja bastante amplo, excluimos alguns tipos de negócio que, embora muitas vezes se autodenominem startups, acabam fugindo do conceito. Isso inclui empresas que têm como característica principal serem:

- Aceleradoras, incubadoras e ecossistemas
- Software Houses (desenvolvimento de software sob demanda)
- Consultorias
- Agências de marketing, publicidade e design

Enfatizamos aqui que os números expostos podem sofrer alterações conforme a evolução da acurácia das informações e maior capacidade de interação com as próprias startups ao longo do tempo.

Sua startup não está no nosso radar? Mande um e-mail para inside@distrito.me.

inside ESG TECH. REPORT BRASIL 2021

REALIZAÇÃO

DISTRIITO

RADAR GERAL

CATEGORIA: SOCIAL



RADAR GERAL

CATEGORIA: AMBIENTAL



RADAR GERAL

CATEGORIA: GOVERNANÇA COPORATIVA





Maure Pessanha

Diretora-executiva
@ Artemisia



“PROCESSO ESG” SE ESTENDE A STARTUPS TAMBÉM? (1/3)

Na seleção de startups para o programa de aceleração da Artemisia, são levados em consideração critérios ESG? Quais outros critérios vocês se apoiam para selecionar as startups?

Os critérios que levamos em consideração nos diferentes programas de aceleração conduzidos pela Artemisia são permeados pelo impacto social. Ou seja, selecionamos empreendedores que têm – como ponto central, diferencial e fortaleza – o entendimento do problema que querem resolver e uma solução (produto ou serviço) que enderece diretamente esse desafio mapeado. Na prática, conhecem, em profundidade e com empatia, a dor e a vulnerabilidade social.

E, a partir daí, criam um negócio de impacto social baseado em algumas premissas. Vale ressaltar que o conceito abarca empresas que oferecem, de forma intencional, soluções com potencial de escala (não apenas na acepção literal da palavra, mas no enorme potencial de inspirar o surgimento de outras soluções) para problemas sociais e ambientais.

Acho importante pontuar quais são as características principais dos negócios de impacto social na visão desenvolvida pela Artemisia, organização pioneira no Brasil no fomento e na aceleração dessas empresas.

- foco na população em situação de vulnerabilidade econômica (produtos e serviços desenhados de acordo com as necessidades e características dessa população);
- intencionalidade (possuem a missão explícita de causar impacto social e são geridos por empreendedores éticos e responsáveis);
- potencial de escala (podem ampliar o alcance por meio da expansão do negócio, da replicação em outras regiões por outros atores ou pela disseminação de elementos inerentes ao negócio por outros empreendedores, outras organizações e políticas públicas);
- rentabilidade (possuem um modelo robusto que garante a rentabilidade e não depende de doações ou subsídios).



Maure Pessanha

Diretora-executiva
@ Artemisia



“PROCESSO ESG” SE ESTENDE A STARTUPS TAMBÉM? (2/3)

- impacto social relacionado à atividade principal (o produto ou serviço oferecido diretamente gera impacto social ou se trata de projeto/iniciativa separado do negócio – sim, da atividade principal); e
- distribuição ou não de dividendos (um negócio pode distribuir ou não dividendos a acionistas; decisão que não é um critério para definir o impacto social).

Na Artemisia, estamos a serviço da transformação gerada por negócios de impacto. Ao longo de 15 anos, temos acelerado empreendedores e seus negócios de impacto social alinhados à conduta socialmente responsável, reunindo um pipeline nacional de empresas criadas para a resolução de problemas sociais e ambientais, ou seja, que no DNA carregam a faísca da mudança.

A crescente preocupação para se adequar aos critérios ESG está apenas no meio corporativo ou se estende a startups também?

O estudo A onda verde: oportunidades para empreender e investir com impacto ambiental positivo no Brasil – desenvolvido pela Climate Ventures e a Pipe.Labo, com parceria estratégica da Aliança pelos Investimentos e Negócios de Impacto, apoio do Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), Instituto Clima e Sociedade (iCS), Instituto Humanize, Fundo Vale e Cargill – revela que a agenda ESG tem mostrado força nos últimos anos, tanto no contexto internacional quanto no mercado nacional. Estimativas do JP Morgan apontam para um montante global de US\$ 45 trilhões de investimentos.

A lógica que rege o ESG remete à estratégia adotada pelas empresas para evitar decisões de negócios que representem riscos à performance da companhia por meio de gestão de mitigação de impactos negativos nos pilares ambiental, social e de governança das operações. Uma parte dessas ações são investimentos de impacto responsáveis por operações e modelos de negócios que intencionalmente contribuem para a solução de desafios socioambientais – como os Objetivos de



Maure Pessanha

Diretora-executiva
@ Artemisia



“PROCESSO ESG” SE ESTENDE A STARTUPS TAMBÉM? (3/3)

Desenvolvimento Sustentável (ODS). Levantamento do International Finance Corporation (IFC) aponta que, em 2020, os investimentos de impacto alcançaram o montante de US\$ 2 trilhões globalmente.

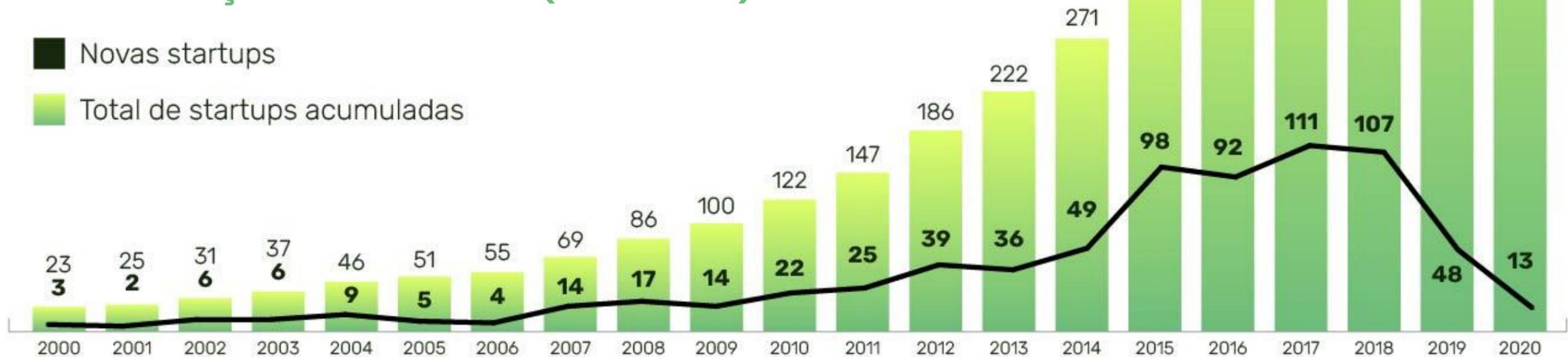
Embora a integração da sustentabilidade à iniciativa privada – a partir de critérios do ESG – seja uma tendência em forte crescimento, isso representa a ponta do iceberg. No médio prazo, o estudo A onda verde alerta para a necessidade de os modelos de negócio avançarem do olhar para as dimensões do ESG para uma mudança das relações com o meio ambiente e, sobretudo, para os interlocutores-chave. Aliás, isso é crucial para desenvolver modelos capazes de gerar valor enquanto promovem impacto positivo no meio ambiente. Já temos visto empresas que desde a concepção integram a geração de impacto socioambiental positivo ao core business.

Como já citei, na minha percepção, o ESG tem sido utilizado pelas empresas dentro da estratégia de evitar decisões de negócios que representem riscos à performance da companhia por meio de gestão de mitigação de impactos negativos nos pilares ambiental, social e de governança das operações. No entanto, não deve ser associado a uma solução para mitigação de riscos – ou a uma iniciativa isolada de curto prazo. O ESG está mais próximo de uma jornada complexa; um processo que pode nos levar, como sociedade, a um outro patamar.

JÁ SÃO 740 STARTUPS COM SOLUÇÕES EM ESG NO BRASIL

Essas empresas de tecnologia não necessariamente são ESG, suas soluções sim. De acordo com estudo da 500 Startups, com fundadores de cerca de 100 startups, em que mais de 50% das startups eram early stage (startups em estágio inicial), 69% dos fundadores respondeu que acredita que implementar políticas, métricas e iniciativas ESG em suas startups deve impactar positivamente suas vendas e 91% acreditam que essas medidas e este posicionamento ajudam a startup a reter e atrair novos talentos. Do mesmo estudo: 66% dos fundadores afirmaram ter trabalhado em suas startups ao menos uma iniciativa com foco em ESG no ano de 2020. Da parcela que não atuou nessa frente, 37% responderam que estão em estágio inicial de mais e 20% que os investidores não se preocupam com isso.

ANO DE FUNDAÇÃO DAS ESG TECHS (2000 - 2020)



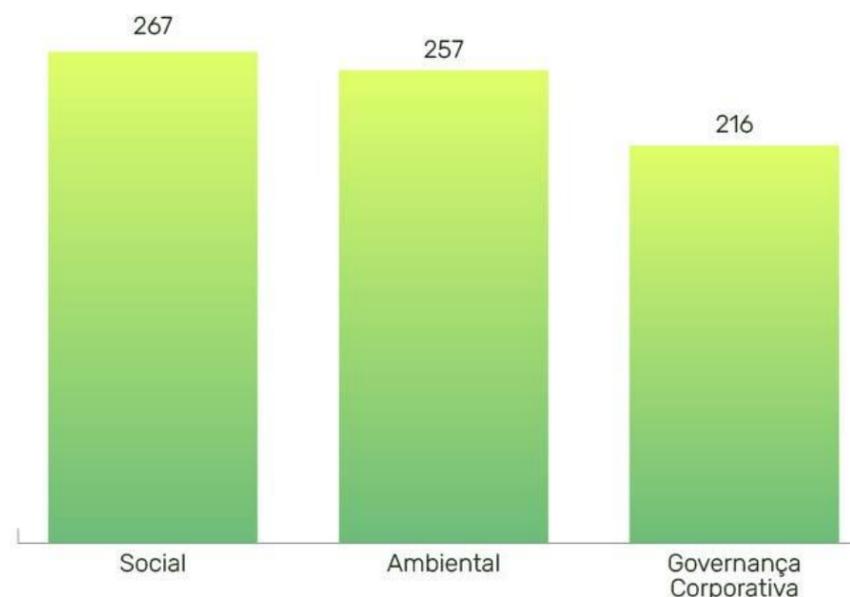
+70% DE TODO VOLUME INVESTIDO EM ESG ENABLERS FOI NA CATEGORIA SOCIAL

São mais de 260 startups brasileiras na categoria Social que, neste recorte, ajudam corporações, governos, pequenas e médias empresas e a sociedade a resolver questões sociais como por exemplo a erradicação da pobreza (ODS 1), saúde e bem-estar (ODS 3), educação de qualidade (ODS 4), igualdade de gênero (ODS 5), trabalho decente (ODS 8) e redução das desigualdades (ODS 10). Essas startups receberam mais de 70% de todo montante aportado em ESG Techs, equivalente a aproximadamente US\$ 1 bilhão na última década.

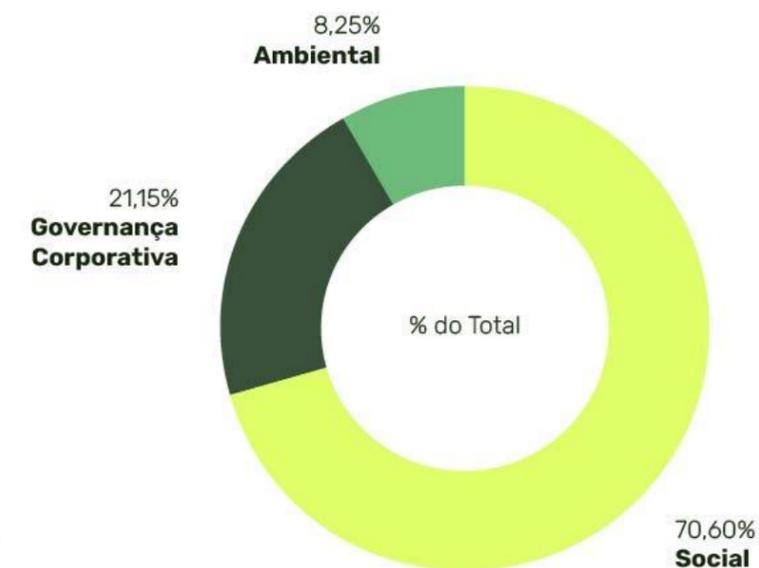
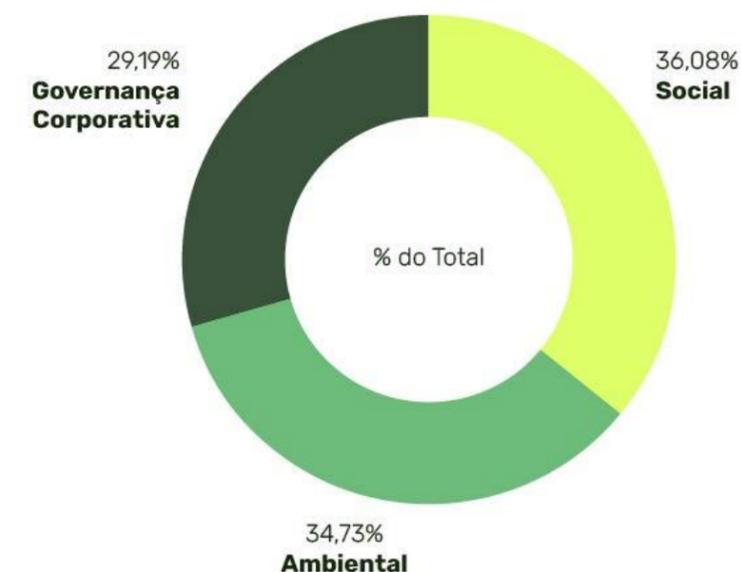
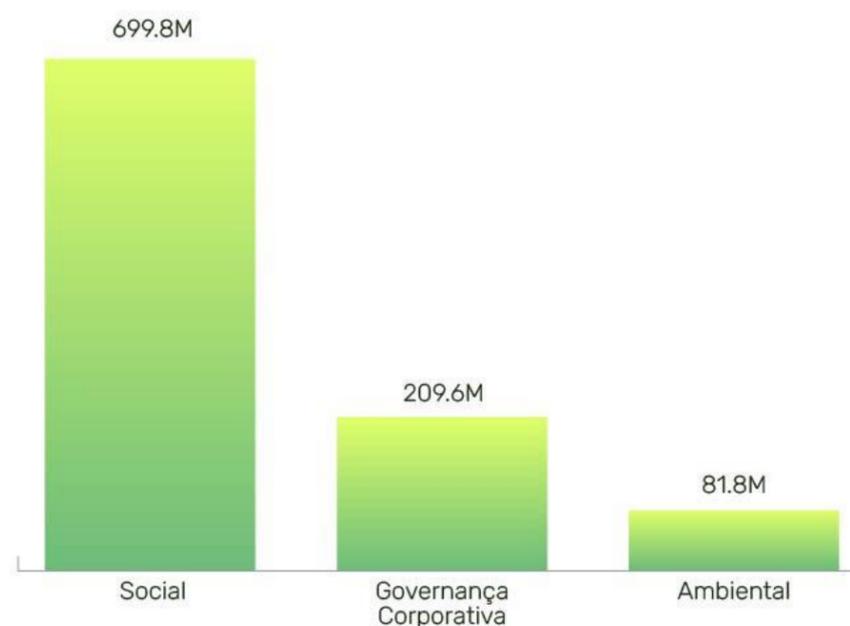
A categoria ambiental, com soluções de economia circular, logística reversa e energia limpa (entre outras) recebeu US\$ 81 milhões no mesmo período, embora o número de startups seja praticamente o mesmo que da categoria Social (257 vs 267).

209,6 milhões de dólares foram investidos nas 216 startups que potencializam a Governança Corporativa.

STARTUPS POR CATEGORIA



INVESTIMENTOS POR CATEGORIA



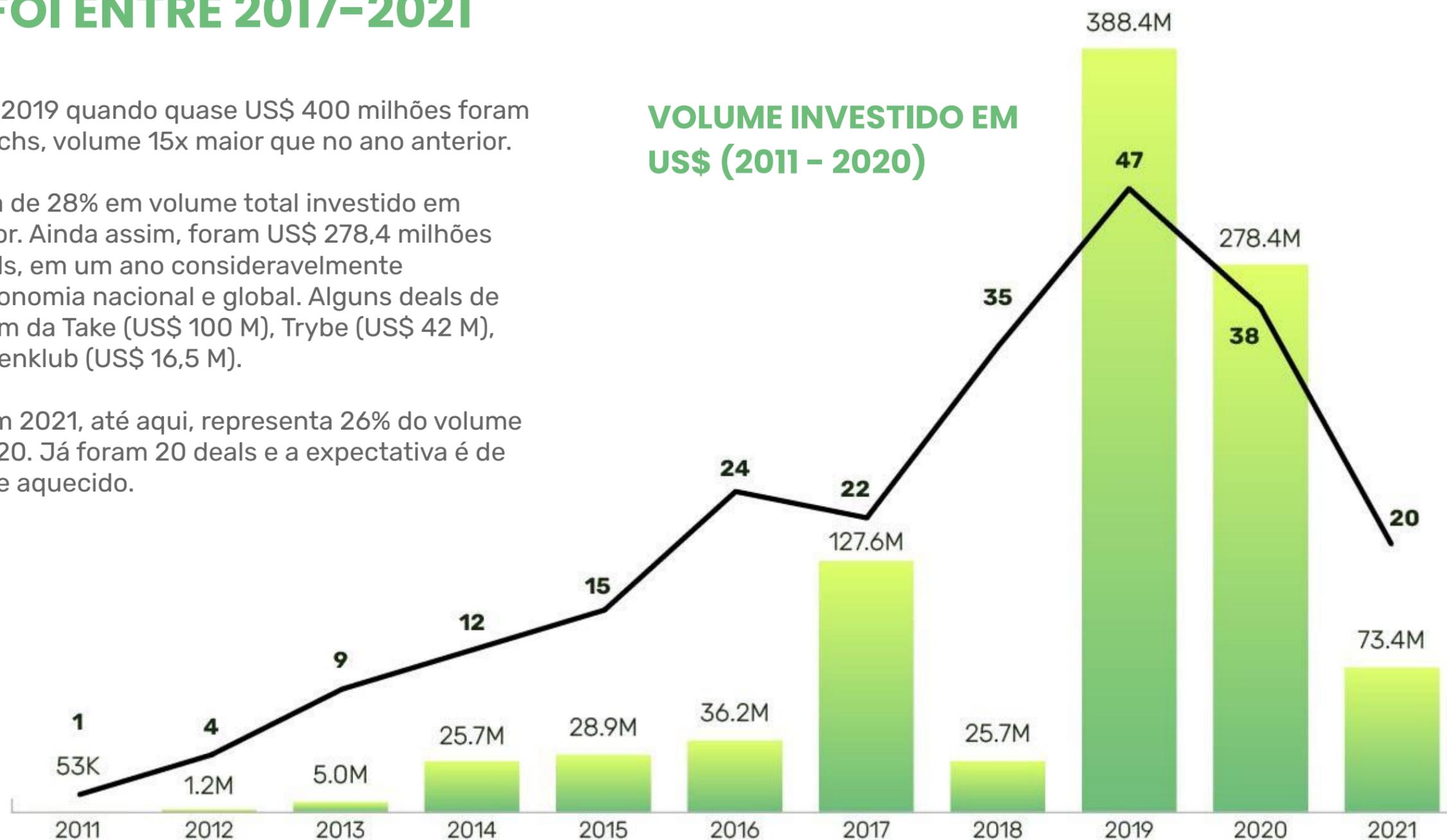
90% DE TODO VOLUME INVESTIDO EM ESG ENABLERS FOI ENTRE 2017-2021

O *boom* foi no ano de 2019 quando quase US\$ 400 milhões foram investidos em ESG Techs, volume 15x maior que no ano anterior.

2020 teve uma queda de 28% em volume total investido em relação ao ano anterior. Ainda assim, foram US\$ 278,4 milhões investidos em 38 deals, em um ano consideravelmente complicado para a economia nacional e global. Alguns deals de destaque do ano foram da Take (US\$ 100 M), Trybe (US\$ 42 M), Cuidas (US\$ 17 M) e Zenklub (US\$ 16,5 M).

O volume investido em 2021, até aqui, representa 26% do volume total investido em 2020. Já foram 20 deals e a expectativa é de um segundo semestre aquecido.

VOLUME INVESTIDO EM US\$ (2011 - 2020)



MIT REAP: O projeto que busca transformar o Rio de Janeiro no "Vale do Silício" da energia e sustentabilidade



O MIT REAP Rio é uma iniciativa conjunta do Laboratório de Inovação Tecnológica, Organizacional e em Serviços (LabrInTOS), da Coppe/UFRJ, com as empresas Furnas e Petrobras, o Deputado Federal Paulo Ganime, o fundo de venture capital MSW Capital, e as aceleradoras Fábrica de Startups Brasil e Energy Hub – Sai do Papel.

Saiba mais em:
<https://reap.mittechreview.com.br>

Assim como o "Vale do Silício" da Califórnia, cada vez mais regiões no mundo buscam se desenvolver tornando-se ecossistemas de inovação e empreendedorismo (i-ecossistemas). As vantagens de ser uma referência global nesses temas são inúmeras, e por isso o Rio de Janeiro aplicou, em 2019, sua proposta de ser um i-ecossistema nas áreas de energia e sustentabilidade.

Formalmente tudo começou em agosto de 2020, com o Rio de Janeiro sendo selecionado para ser uma dessas regiões pelo Programa de Aceleração de Regiões e Empreendedoras (Regional Entrepreneurship Acceleration Program, ou REAP) do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

O objetivo da iniciativa é transformar o Rio de Janeiro na referência em inovação e empreendedorismo no setor de energia e sustentabilidade na América Latina nos próximos cinco anos. É uma visão inspiradora e ousada que pretende ser um importante vetor de desenvolvimento econômico e social da região.

Para tal, foi preciso unir representantes de peso de cada uma das cinco pontas da metodologia do MIT REAP: universidades, entidades governamentais, grandes empresas, investidores e startups. No caso do Rio de Janeiro os fundadores da iniciativa foram o LabrInTOS da COPPE/UFRJ, Furnas, Petrobras, o Deputado Paulo Ganime, a MSW Capital, a Fábrica de Startups e o Energy Hub – Sai do Papel. A ideia é que ao longo do programa mais atores se unam a estes esforços, podendo chegar a centenas de instituições colaborando como ocorreu em outras regiões e edições do programa.

Até o momento o MIT REAP já acelerou mais de 50 regiões ao redor do mundo, distribuídas por todos os continentes. E em 2021, mais três regiões do mundo iniciaram a jornada de dois anos de implementação, sendo o Rio de Janeiro uma delas, feito inédito no Brasil, que já havia tentado trazer o programa anteriormente em outras ocasiões.

É inegável a importância e protagonismo do Rio de Janeiro no setor de Energia no Brasil e no mundo, sendo sede de inúmeras corporações (nacionais e internacionais) e entidades governamentais, tanto no setor de óleo e gás, quanto no setor de energia elétrica. O Estado representa mais de 60% de toda a exploração de O&G do país, e possui atores relevantes do setor elétrico como Eletrobras, ONS, EPE entre outros. O Rio também reconhecido mundialmente pelas pautas de sustentabilidade e mudanças climáticas tendo sido sede da Eco 92 e Rio +20, fator fundamental no contexto da transição energética.

O projeto se encontra em sua etapa de diagnóstico das capacidades empreendedoras e inovativas da região, medindo infraestrutura, demanda, cultura/incentivos, capital humano e funding através de diversos indicadores. Um modelo próprio de governança e duas intervenções estratégicas estão em fase de estruturação e serão divulgadas em breve.

Não há dúvidas que o Rio de Janeiro possui todas as condições para se transformar em um polo gloocal (local + global) de inovação nas áreas de energia e sustentabilidade. Mas para isso é fundamental contar com a colaboração e suporte de todo o ecossistema de inovação.

ZOOM: **B2B** ESG TECHS

METODOLOGIA DO ZOOM EM SOLUÇÕES PARA GRANDES EMPRESAS

As startups delineadas no ZOOM: B2B ESG Techs foram selecionadas a partir de um trabalho minucioso de pesquisa e consulta ao banco de dados de startups proprietário do Distrito. **O objetivo deste recorte é ajudar grandes empresas a encontrar e se conectar com tecnologias que as auxiliem na gestão e geração de impacto, redução de danos e a se tornarem mais próximas das causas e critérios ESG.**

Para isso, nós analisamos e mapeamos centenas de startups brasileiras que tem **soluções para grandes empresas (B2B)** com impacto relevante em alguma das 3 categorias e 10 sub-categorias relacionadas a ESG que desenvolvemos. **Startups com soluções B2C ou para pequenas e médias empresas, por exemplo, ficaram de fora deste primeiro recorte que fizemos.**

Os critérios de seleção estabelecidos são:

- Ter a inovação no centro do negócio, seja na base tecnológica, no modelo de negócios ou na proposta de valor.
- Estar em atividade no momento da realização do estudo, medido pelo status do site e atividade em redes sociais.
- Desempenhar atividade diretamente relacionada a alguma das categorias ESG.
- Ter um modelo de negócios e soluções que tenham empresas como foco.

- Ajudar diretamente empresas a gerar impacto positivo, reduzir danos e/ou a se tornar mais responsável na categoria ESG relacionada
- Ter nacionalidade brasileira e operar atualmente no Brasil.

As startups selecionadas não necessariamente são ESG. Nosso time foi criterioso e analisou a fundo cada startup, mas com **foco nas soluções e atividades das startups e no potencial de impacto a ser gerado na estratégia e atividades de grandes empresas**, em termos ESG, e não na conduta e posicionamento das startups como ESG ou não.

Também temos uma preocupação em incluir somente aquilo que consideramos startups dentro do nosso escopo - e por mais que nosso critério para defini-las seja bastante amplo, excluimos alguns tipos de negócio que, embora muitas vezes se autodenominem startups, acabam fugindo do conceito. Isso inclui empresas que têm como característica principal serem:

- Aceleradoras, incubadoras e ecossistemas
- Software Houses (desenvolvimento de software sob demanda)
- Consultorias
- Agências de marketing, publicidade e design

Enfatizamos aqui que os números expostos podem sofrer alterações conforme a evolução da acurácia das informações e maior capacidade de interação com as próprias startups ao longo do tempo.

CATEGORIAS

SOCIAL

Colaboradores

Startups com soluções para outras empresas com foco na saúde, benefícios, capacitação, fitness, bem-estar e qualidade de vida dos colaboradores.

Consumidores

Soluções para grandes empresas melhorarem seu relacionamento, compreensão e transparência com seus consumidores.

Comunidade

Startups com soluções que oferecem serviços a grandes empresas e direcionam parte dos recursos para gerar impacto social positivo na comunidade ao seu redor e na economia local.

GOVERNANÇA

Compliance

Soluções que ajudam empresas a se manter em conformidade com normas, regulamentações e leis do setor e do país.

Risco e impacto

Soluções que ajudam empresas a gerir e mitigar riscos internos e externos de suas operações e investimentos.

Gestão e transparência

Soluções que ajudam empresas a ter uma gestão mais aprofundada, ampla e transparente (interna e externamente) de suas operações.

Segurança e antifraude

Startups com soluções com foco em segurança e prevenção à fraudes em empresas.

People

Soluções para empresas fazerem melhor gestão de seus recursos humanos dentro da empresa com transparência em prol de direitos humanos, igualdade, diversidade e ética.

AMBIENTAL

Sustentabilidade

Startups com soluções para empresas fazerem gestão e redução do uso de água, energia, recursos naturais, e geração de resíduos, bem como fazer reciclagem, logística reversa e fomentar a economia circular.

Clima

Soluções para empresas reduzirem e compensarem a emissão de CO2 ou adquirirem créditos de carbono, na luta contra o aquecimento global.

inside ESG TECH . REPORT

BRASIL
2021

REALIZAÇÃO

DISTRIITO

RADAR ZOOM B2B

CATEGORIA: AMBIENTAL

SUSTENTABILIDADE

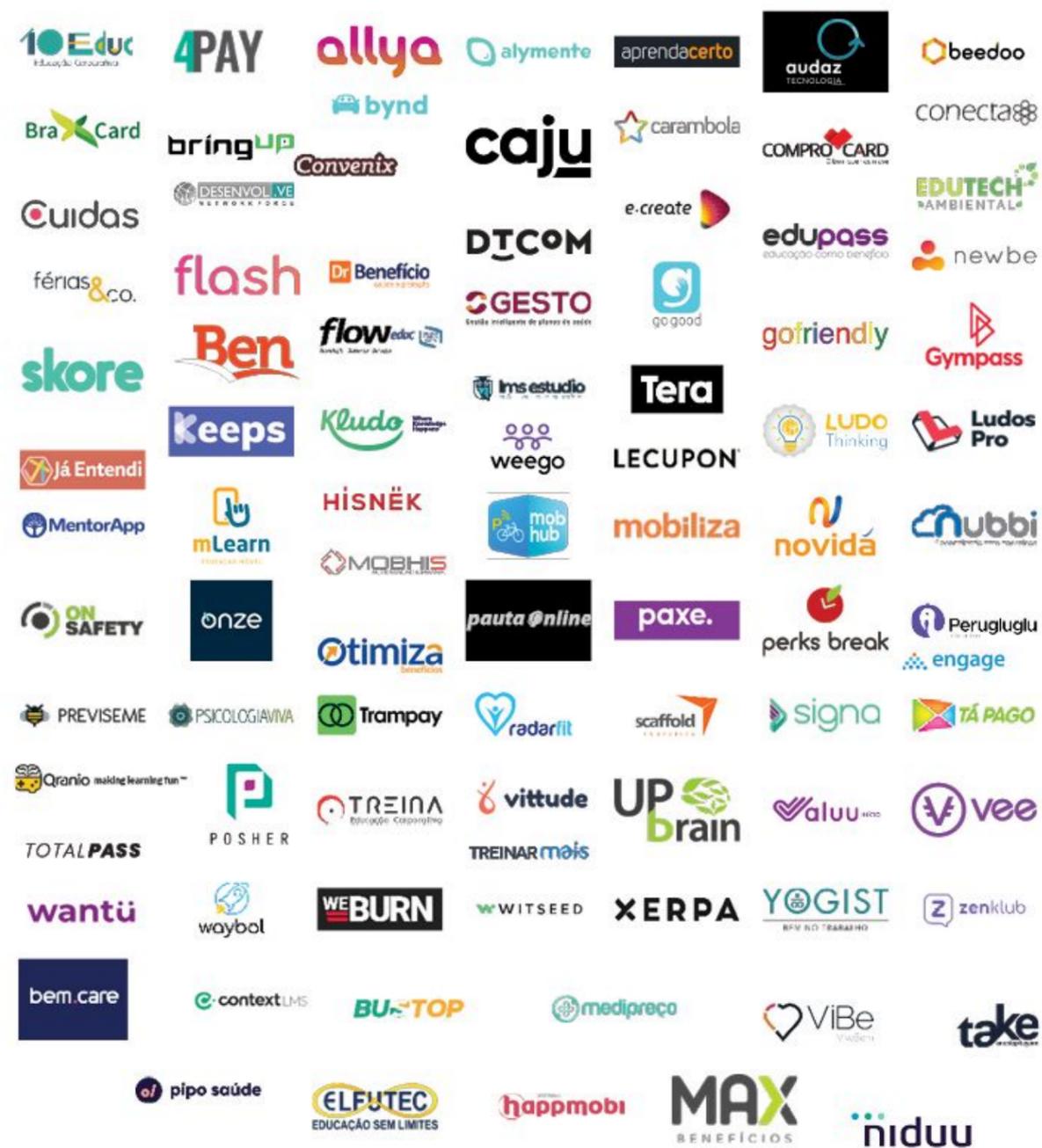


CLIMA



RADAR ZOOM B2B

COLABORADORES



CONSUMIDORES



CATEGORIA: SOCIAL

COMUNIDADE



RADAR ZOOM B2B

CATEGORIA: GOVERNANÇA CORPORATIVA

SEGURANÇA E ANTIFRAUDE



RISCO E IMPACTO



PEOPLE



GESTÃO E TRANSPAR.



COMPLIANCE

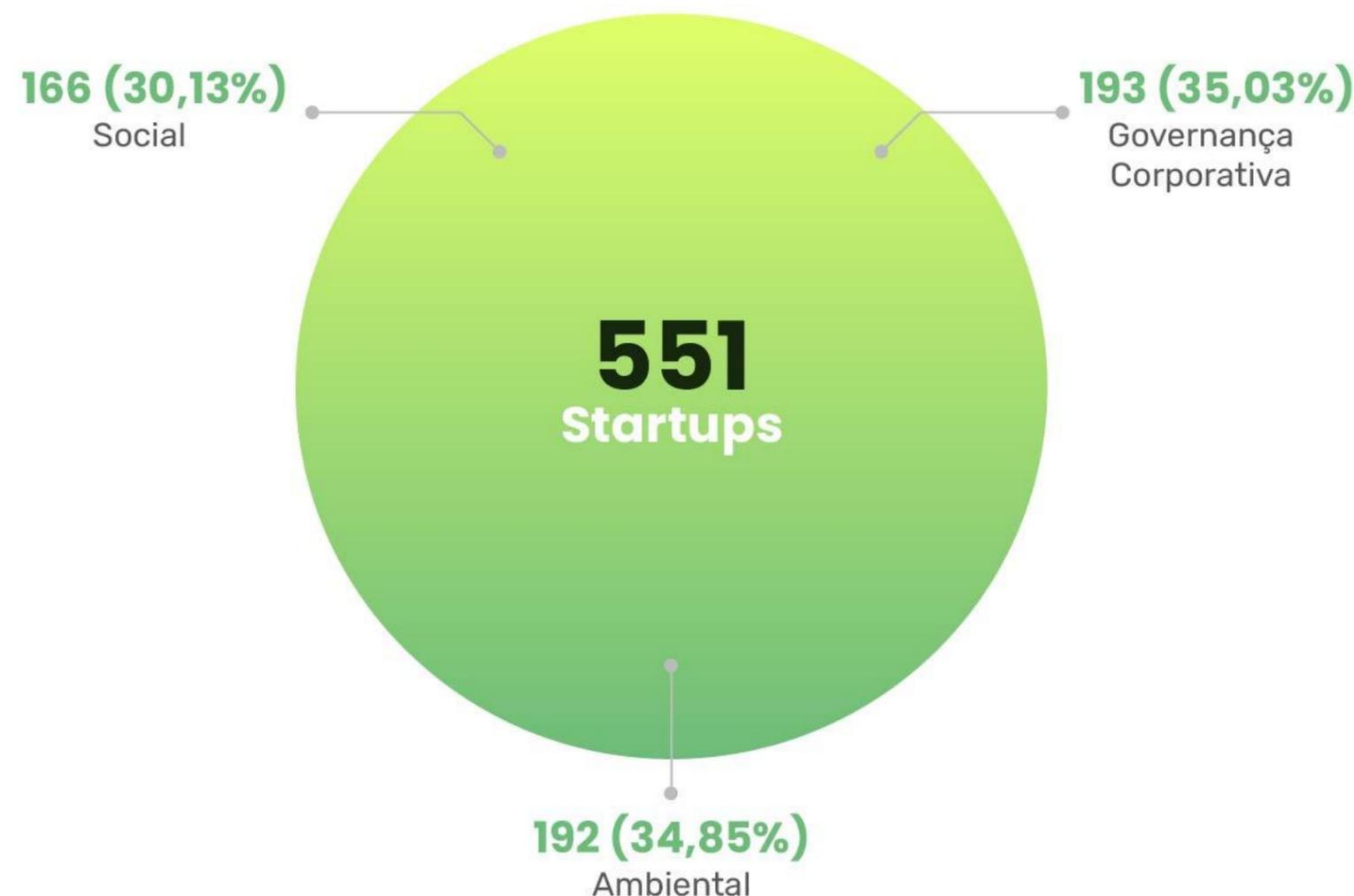


551 STARTUPS BRASILEIRAS QUE POTENCIALIZAM ESG EM GRANDES EMPRESAS

Tendo em vista a necessidade de transformação das empresas brasileiras para os critérios ESG e o potencial que as empresas de tecnologia tem de auxiliar e suportar esse movimento, o Distrito usou inteligência artificial e seu time de analistas para criteriosamente selecionar de seu banco de dados especialmente as tecnologias que ajudam as empresas nessa jornada de transformação e processo ESG.

Inicialmente, dividimos as startups em três categorias - Ambiental, Social e Governança corporativa - e a categoria com o maior número de startups é a de governança corporativa, que contém soluções que ajudam grandes empresas em questões como compliance, risco, gestão e transparência, segurança e antifraude. Na sequência, com apenas uma startup a menos está a categoria de Ambiental.

B2B ESG TECHS POR CATEGORIA



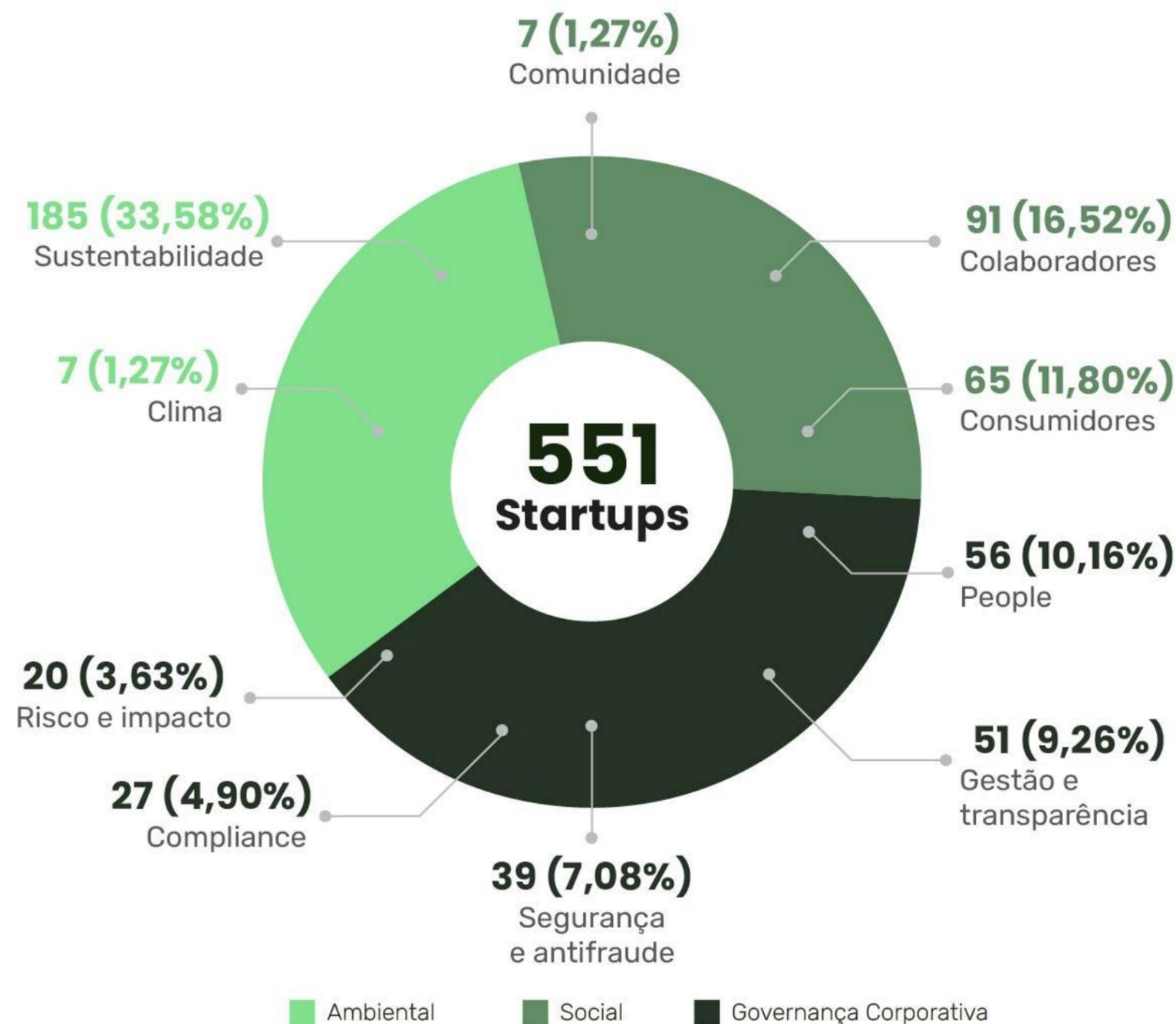
SUSTENTABILIDADE CONCENTRA UM TERÇO DE TODAS AS SOLUÇÕES MAPEADAS

Dentro de governança corporativa foram determinadas cinco subcategorias que dividem as soluções por tema, critério ESG e/ou necessidade das empresas. Em maior número temos soluções com foco em melhorar e tornar a gestão de empresas mais transparente (Gestão e transparência).

Na esfera ambiental dividimos em as startups em 2 categorias. Em sustentabilidade temos 185 startups cujas soluções ajudam empresas a otimizarem e/ou reduzirem o impacto ambiental de suas operações. A subcategoria de Clima tem 7 startups com soluções que ajudam empresas colaborar na luta contra o aquecimento global, reduzindo a emissão de CO2 ou negociando créditos de carbono.

No âmbito social, temos 91 startups com foco nos colaboradores das empresas, 65 tecnologias que melhoram o relacionamento das empresas com seus consumidores e 7 startups que ajudam empresas a gerar impacto social na comunidade.

STARTUPS POR SUBCATEGORIA

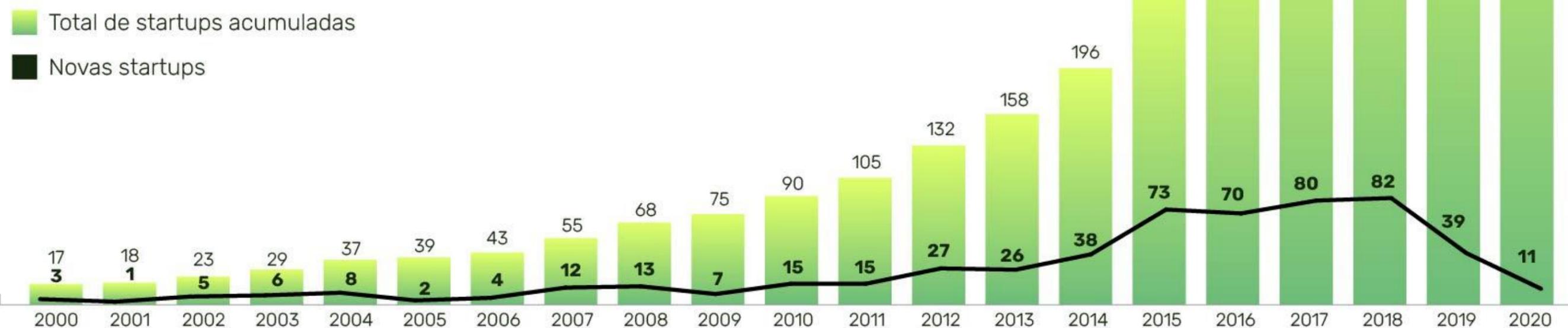


282 STARTUPS FORAM FUNDADAS NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

Todo ano surgem novas ESG Techs. Só em 2017 foram fundadas 80 startups que de alguma forma ajudam empresas em sua jornada de transformação ESG e em 2018 o número de startups passou de 500.

2020 foi um ano duro e o número de startups fundadas no ano pode refletir o ambiente de extrema incerteza que foi gerado por conta da pandemia. Contudo, vale destacar que a queda registrada nos últimos dois anos não necessariamente reflete a taxa real de fundação de novas startups, mas sim a dificuldade maior de encontrar empresas recém-nascidas, ainda com pouca visibilidade no mercado.

ANO DE FUNDAÇÃO DAS B2B ESG TECHS (2000 - 2020)



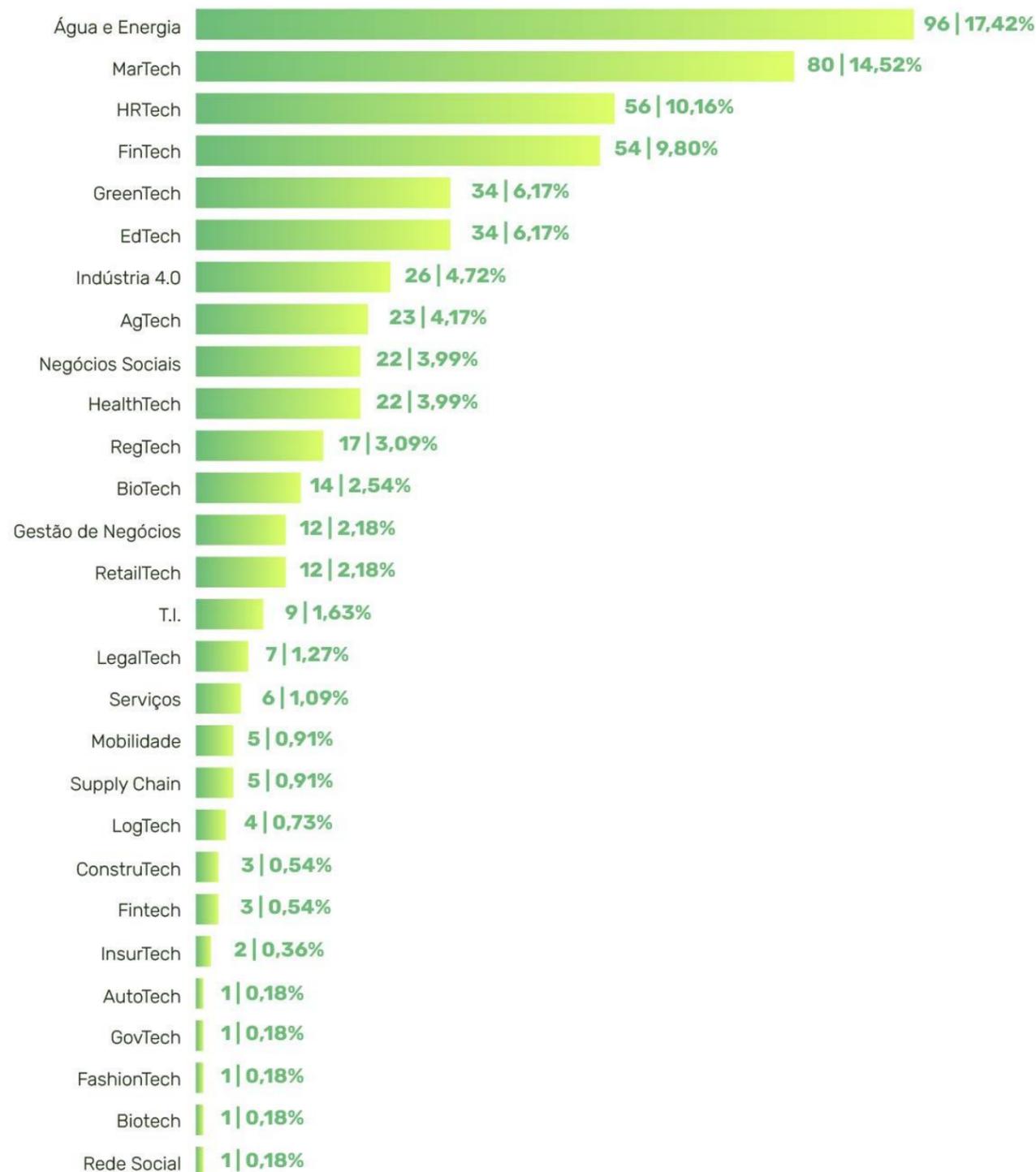
28 DIFERENTES SETORES COM SOLUÇÕES QUE AUXILIAM EMPRESAS NA TRANSFORMAÇÃO ESG

Os setores que predominam são Água e Energia, MarTech, HRTech, FinTech, GreenTech, EdTech, Indústria 4.0, AgTech, Negócios sociais e HealthTech, que juntos representam quase 80% de todas startups mapeadas.

Entre as 96 startups de Água e Energia, a maioria das soluções está dentro da subcategoria Sustentabilidade, que concentra as startups que auxiliam empresas a reduzir ou anular o impacto ambiental gerado por suas atividades, com soluções que vão de economia circular, logística reversa, energia limpa até biotecnologia.

A forte presença das MarTechs (80 startups) se dá principalmente pelas diversas soluções que ajudam empresas a melhorarem seu relacionamento, comunicação e transparência com consumidores, o que na maioria dos casos traz também melhores resultados para as empresas.

B2B ESG TECHS POR SETOR



SOCIAL É A CATEGORIA QUE MAIS RECEBEU RECURSOS

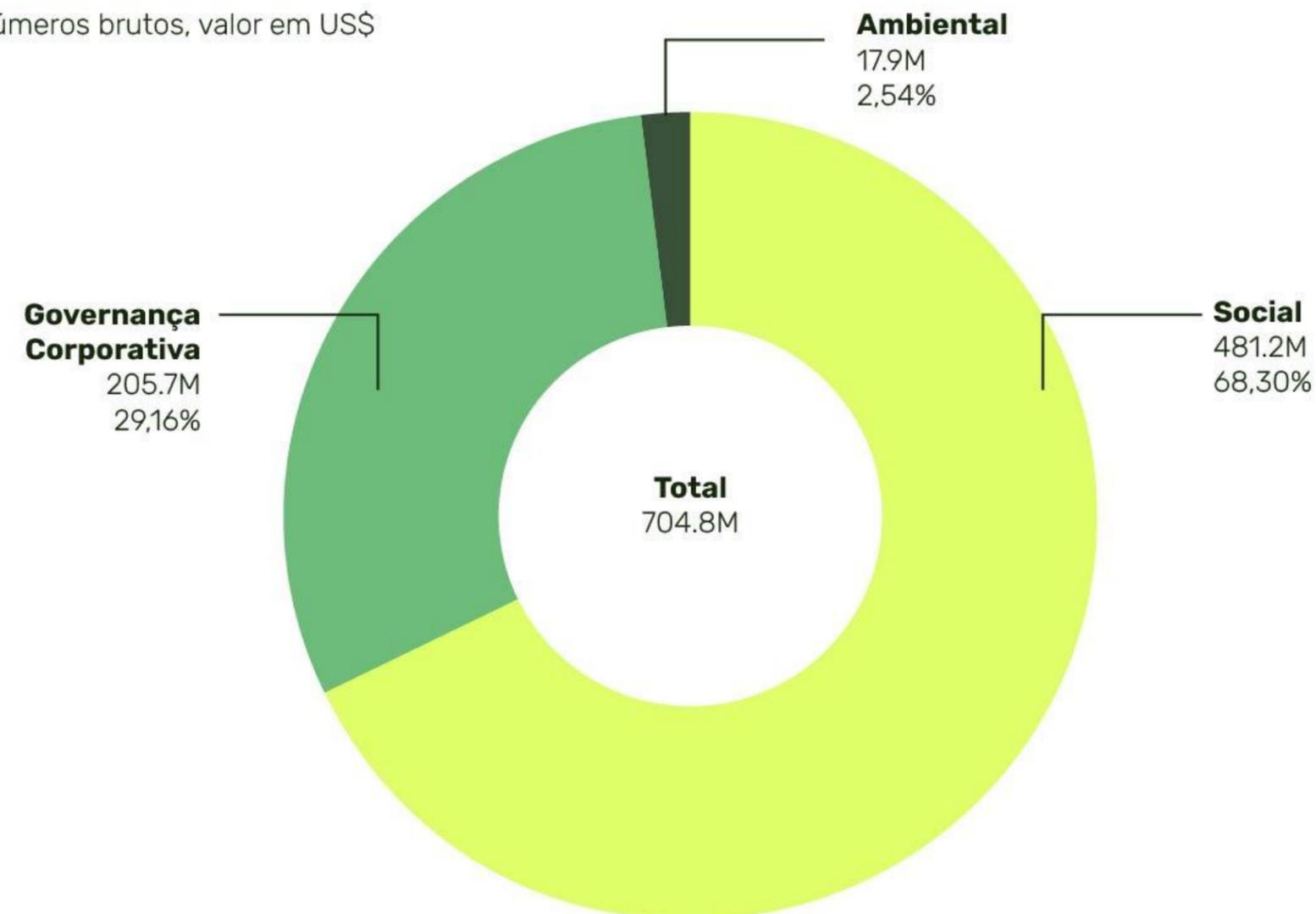
Apenas em 2020 foram investidos 139,4 milhões de dólares em ESG Social Techs e ao todo já foram mais de US\$ 480 milhões levantados em 155 deals nos últimos 10 anos. Apesar de ter o menor número de startups (166), a categoria Social recebeu mais de 68% de todo volume investido até hoje em ESG Techs.

A categoria Governança está em segundo lugar com 205,7 milhões de dólares aportados, mas cresce a passos largos. Apenas em 2020 foram levantados US\$ 83 milhões, praticamente o dobro do montante captado no ano anterior.

As 192 startups na categoria Ambiental, com soluções focadas em tornar as operações das empresas mais sustentáveis, receberam cerca de US\$ 18 milhões em aportes, que representa apenas 2,54% do total aportado em ESG Techs.

INVESTIMENTOS POR CATEGORIA (2012-2021)

Números brutos, valor em US\$

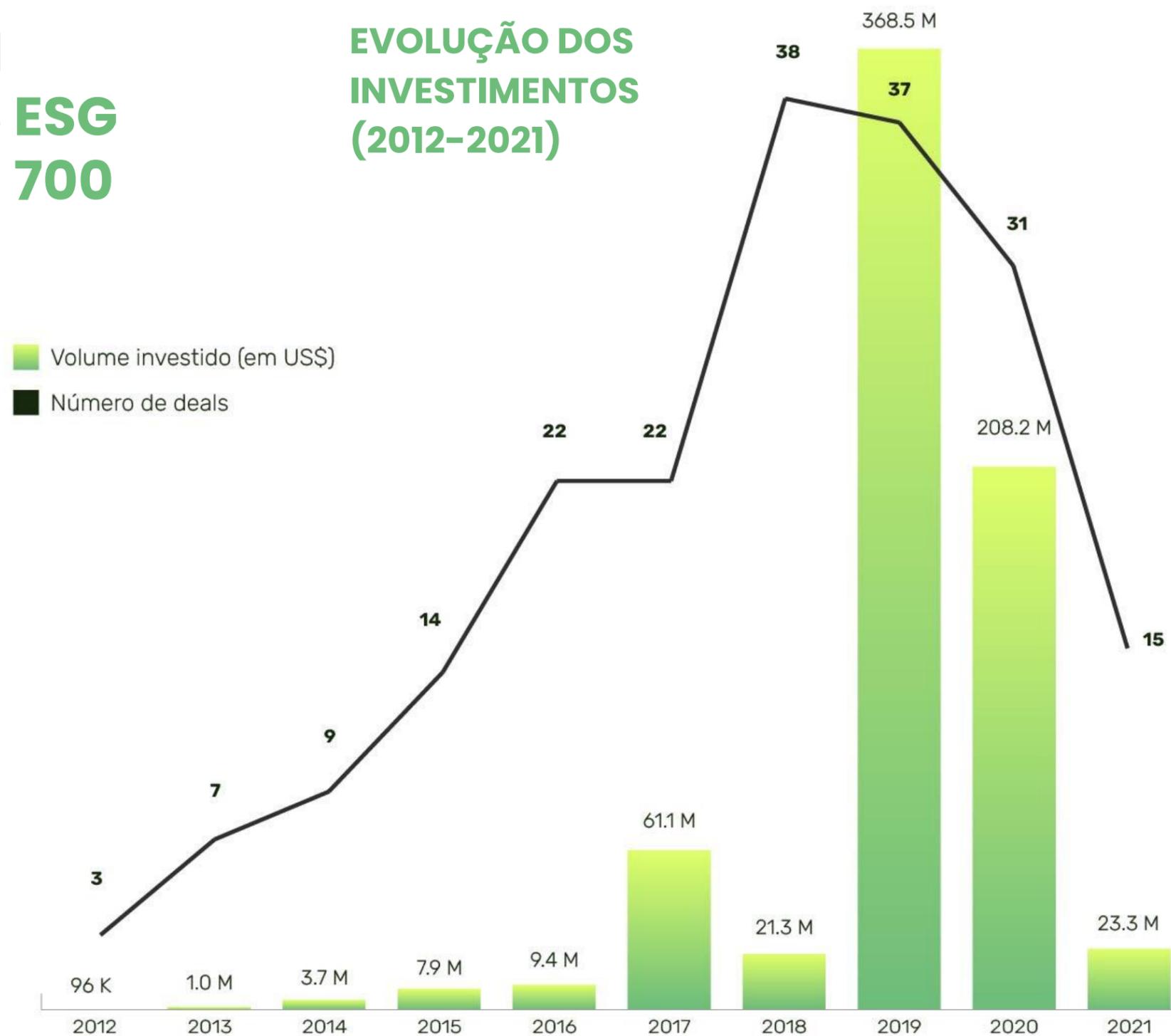


STARTUPS QUE AUXILIAM EMPRESAS A SEREM MAIS ESG RECEBERAM MAIS DE US\$ 700 MILHÕES DESDE 2012

Somente nos anos de 2019 e 2020, US\$ 576,8 milhões foram investidos, que representam cerca de 82,5% do total, o que indica uma forte aceleração nos últimos anos. Em 2021, US\$ 23,3 milhões já foram investidos por meio de doze rodadas de investimentos.

A expectativa é de novas grandes rodadas este ano, dado o amadurecimento das startups mapeadas e também motivações decorrentes dos impactos da pandemia que, por exemplo, impulsionaram a transformação digital das empresas e trouxeram preocupações à tona como gestão de pessoas à distância, saúde mental, cibersegurança e sustentabilidade (economia circular).

EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS (2012-2021)



O AMADURECIMENTO DO MERCADO ACOMPANHA A MAIOR IMPORTÂNCIA DO TEMA NOS ÚLTIMOS ANOS

A medida que o ecossistema de inovação amadurece, bem como o tema de ESG ganha mais relevância no mercado, enxergamos que cada vez mais as empresas irão buscar rodadas de investimento mais avançadas. A tendência é que isso siga ocorrendo no mercado, a ponto de conseguirmos ver um número cada vez mais significativo de rodadas Series A, Series B e Series C no mercado.

Enfatizamos aqui que o número de deals nos estágios de Anjo e Pré-Seed podem não refletir completamente a realidade, uma vez que existe uma dificuldade maior em encontrar dados nestes estágios.

TIPO DE FUNDING POR ANO (2012-2021)

Ano	Anjo	Pré-seed	Seed	Series A	Series B	Series C
2012		2	1			
2013	1	3	4	1		
2014		4	3	3		
2015	3		5	2	1	
2016		7	8	2	1	
2017	1	3	10	3	2	1
2018		12	12	5	1	
2019	2	11	11	5	2	1
2020	1	4	16	4	2	
2021	1	2	4	4		1

AMBIENTAL

B2B ESG TECHS

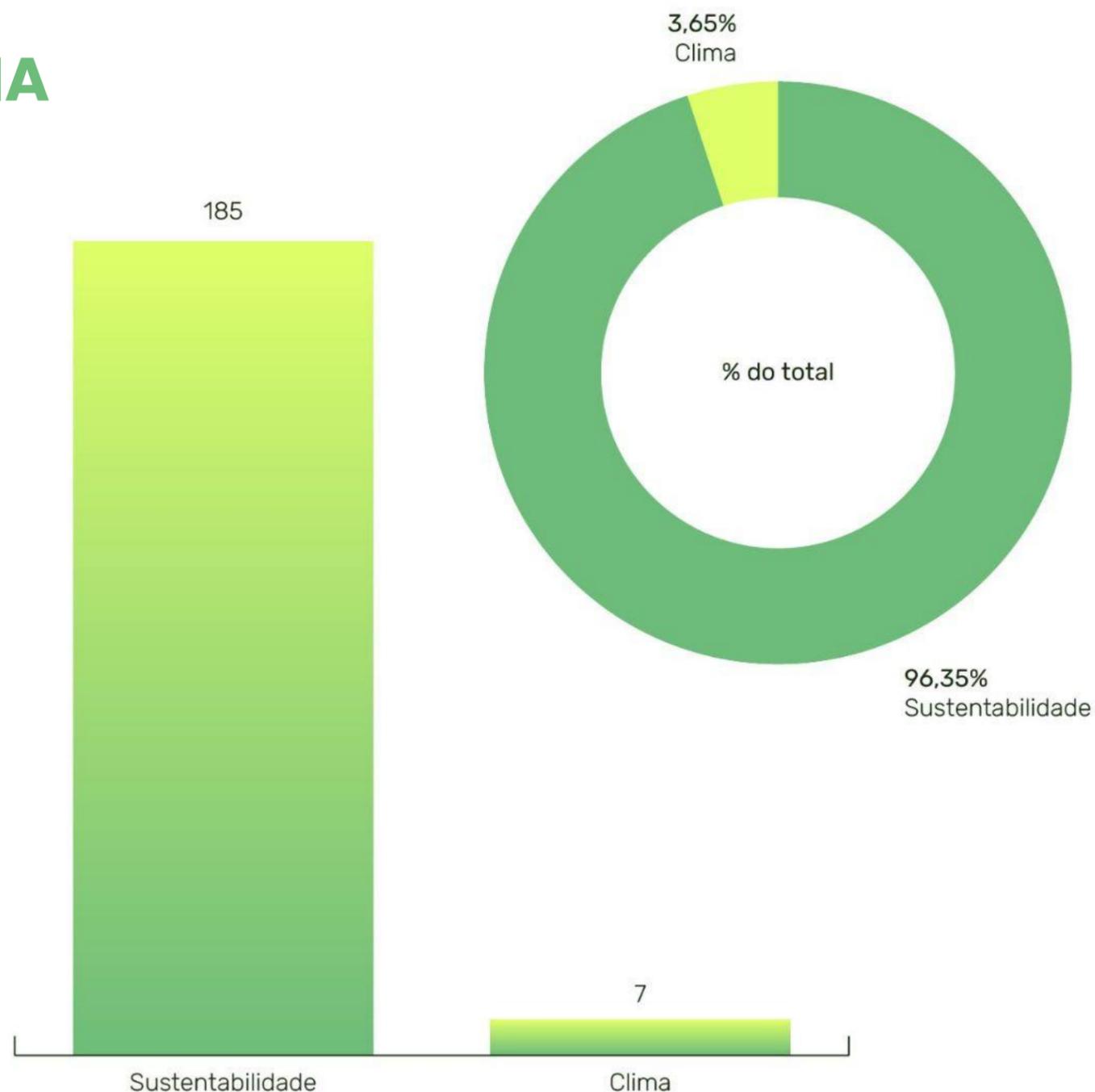
SUSTENTABILIDADE CONCENTRA MAIS DE 95% DAS STARTUPS DA CATEGORIA

Startups que possuem soluções para empresas fazerem gestão e redução do uso de água, energia e recursos naturais, e geração de resíduos, bem como fazer reciclagem e logística reversa são a maioria dentro da categoria Ambiental.

Por outro lado, a subcategoria Clima, composta por empresas com soluções para reduzir e compensar a emissão de CO2 de outras corporações ou adquirirem créditos de carbono, na luta contra o aquecimento global ainda são a minoria, com apenas 3,6% de representatividade.

Enxergamos que isso reflete a ainda grande dificuldade enfrentada por muitas empresas nos em se adequar em termos de gestão e redução de recursos naturais, energia e água. Isso fez com que esta subcategoria crescesse muito no ecossistema brasileiro (análise exposta no slide a seguir). Da mesma forma, acreditamos que com a crescente discussão em torno dos problemas climáticos, devemos também notar um crescimento das soluções da subcategoria de Clima.

STARTUPS POR CATEGORIA E SUBCATEGORIA



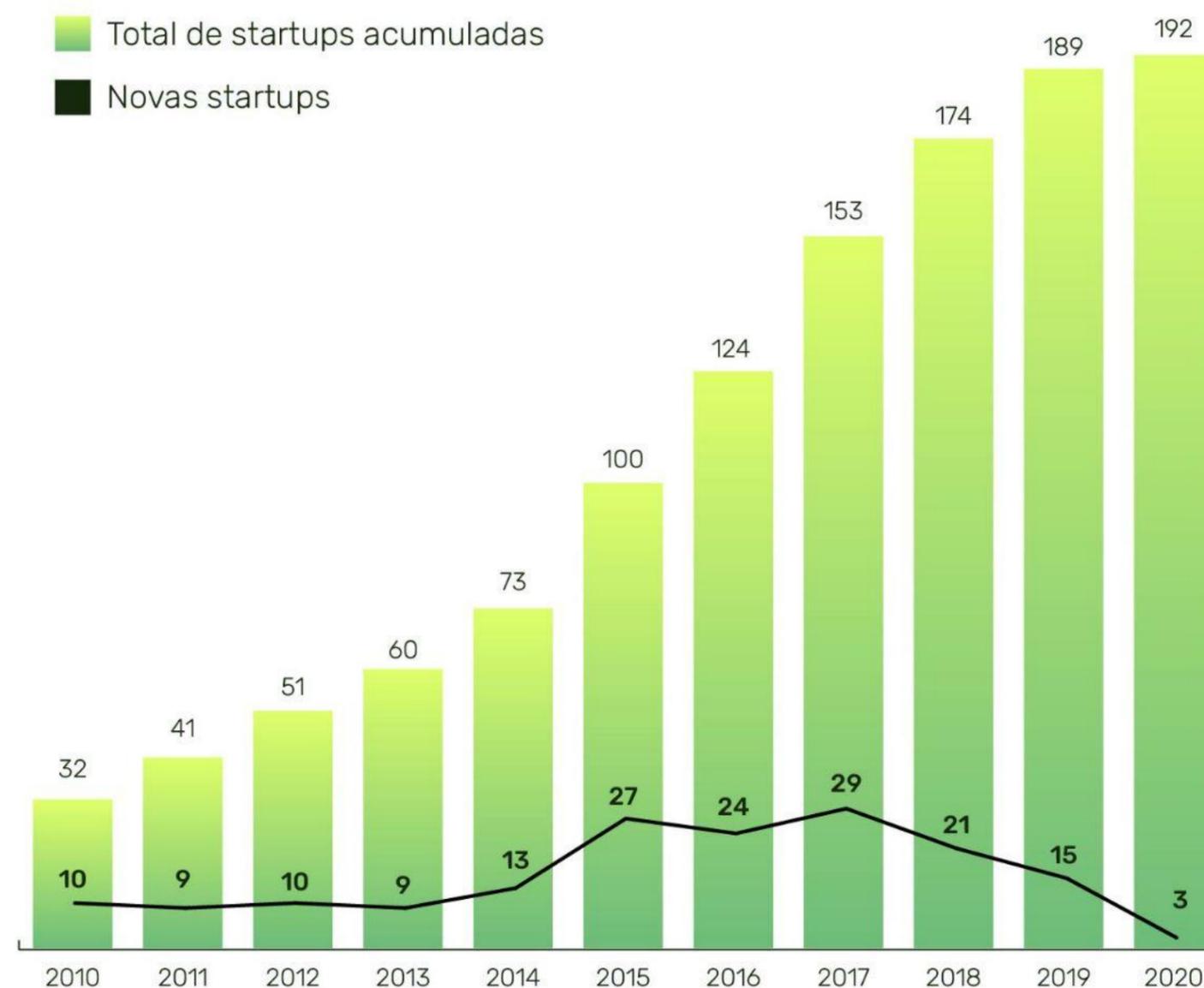
DESDE 2015, 93 STARTUPS FORAM FUNDADAS DENTRO DA CATEGORIA DE AMBIENTAL

O boom no surgimento de soluções inovadoras no Brasil na categoria Ambiental aconteceu principalmente no intervalo 2015-2017, quando foram fundadas mais de 80 startups. Ao todo, cerca de 62% das startups surgiram após o ano de 2015.

Curiosamente (não significa que está diretamente relacionado), 2015 foi o ano em que, em Paris, foi assinada por 195 partes a COP 21 (Acordo de Paris), cujo objetivo é basicamente combater os efeitos das mudanças climáticas, bem como reduzir as emissões de gases de efeito estufa.

Vale destacar também que a queda registrada nos últimos dois anos não reflete necessariamente a taxa real de fundação de novas startups, mas sim a dificuldade maior de encontrar empresas recém-nascidas, ainda com pouca visibilidade no mercado.

ANO DE FUNDAÇÃO DAS STARTUPS (2010-2020)

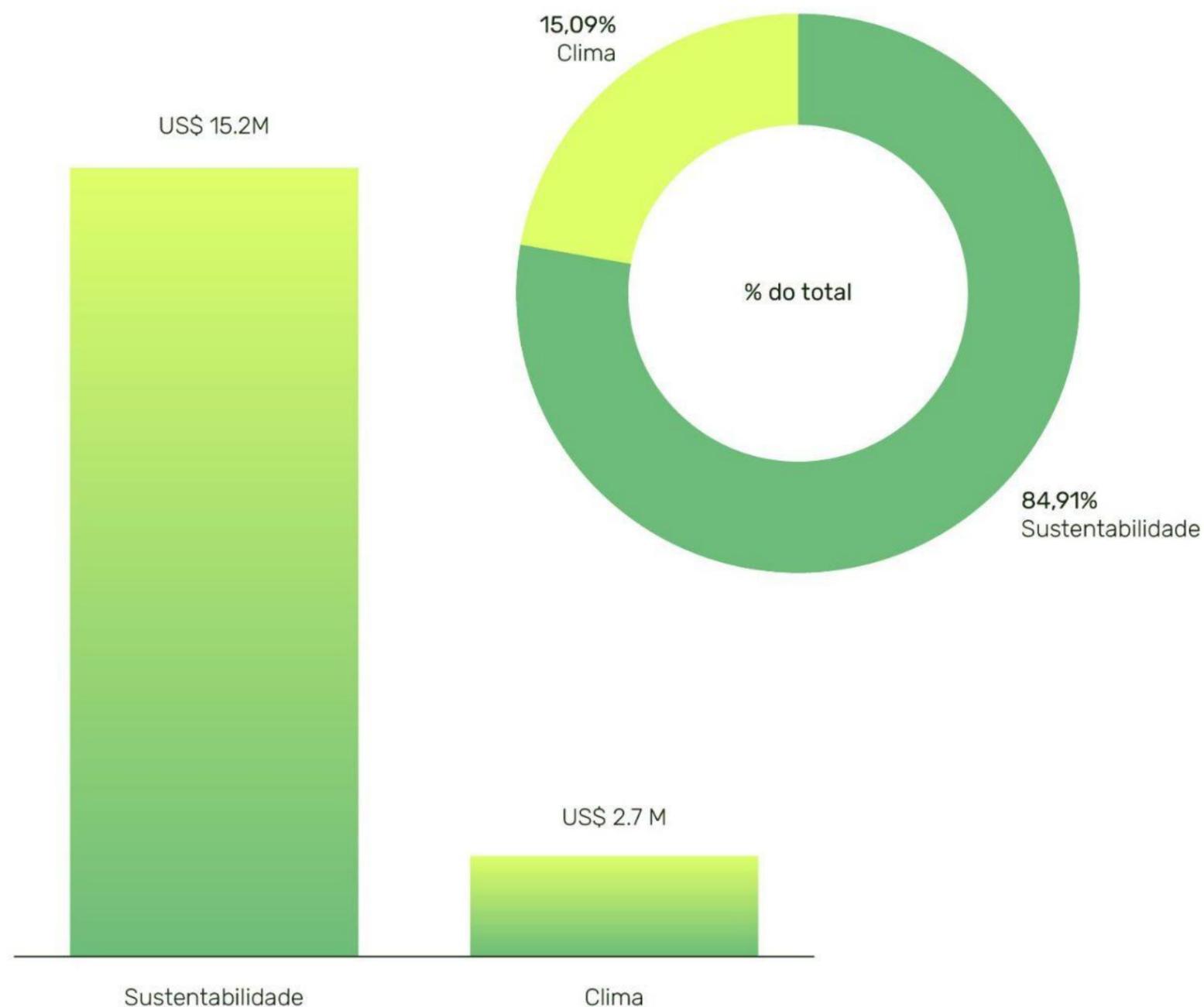


SUSTENTABILIDADE CONCENTRA MAIS DE US\$ 15 MILHÕES DE INVESTIMENTO

Dos quase US\$ 18 milhões investidos na categoria, cerca de 85% foram destinados para as startups da subcategoria de Sustentabilidade e 15% para a de Clima.

Interessante notar que, mesmo concentrando apenas 7 startups (menos de 5% do total), a subcategoria Clima já recebeu mais de US\$ 2,7 milhões em aportes. O grande destaque ficou por conta da Moss.Earth, plataforma ambiental de compra e venda de créditos de carbono que recebeu um investimento de US\$ 1,8 milhão.

INVESTIMENTOS POR CATEGORIA E SUBCATEGORIA (2011-2021)

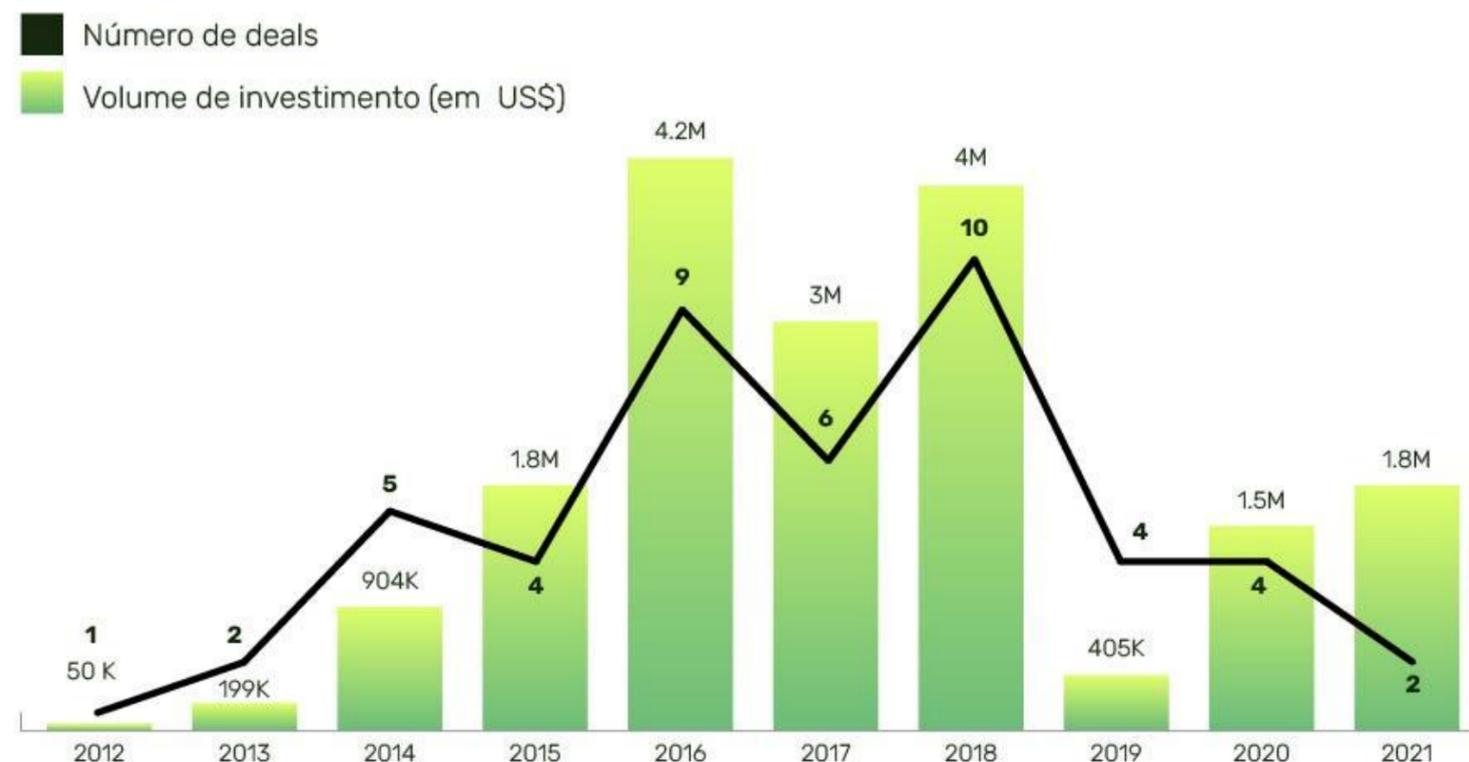


2021 JÁ SUPEROU 2020 EM VOLUME DE INVESTIMENTOS NA CATEGORIA AMBIENTAL

Mais de US\$ 17 milhões investidos na categoria nos últimos dez anos. De 2019 para 2020, o aumento foi do volume de investimentos foi de mais de 380%. Com apenas duas grandes rodadas, 2021 já ultrapassou 2020 em termos de volume investido. O deal que se destaca é a rodada Seed da Moss.Earth de US\$ 1,8 M em jan/21.

Chama a atenção que, apesar de já existirem 192 startups operando em Ambiental, apenas 52 delas receberam aportes, o que explica ainda o baixo volume de investimento. Além disso, é possível notar que o número de empresas que conseguem captar rodadas de investimento em estágios mais avançados ainda é baixo. A maior parte das rodadas de startups na categoria, foram Pré-Seed e Seed e apenas 9 Series A.

EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS (2012-2021)



TIPO DE FUNDING POR ANO (2012-2021)

Ano	Anjo	Pré-Seed	Seed	Series A	Series B	Series C
2012		1				
2013		1	1			
2014		1	3	1		
2015	1		1	2		
2016	1	4	2	2		
2017		1	3	1		
2018		3	6	2		
2019		2	1	1		
2020		1	3			
2021			2			

SITUAÇÃO CRÍTICA NA AMAZÔNIA

A pandemia do Covid-19 não só escancarou muitas desigualdades como fez crescer a preocupação em criar um ecossistema de boas práticas, tanto corporativas quanto governamentais, para se atingir um ideal de desenvolvimento sustentável no Brasil.

Além disso, a crise sanitária em que vivemos hoje trouxe à tona o debate de sustentabilidade ambiental, especialmente voltado à hábitos considerados prejudiciais para o planeta, como a produção inconscientes de alimento reflete a Indústria da Carne ou a extração irresponsável de recursos da floresta Amazônica, como a atividade madeireira, pouco fiscalizada pelo governo brasileiro.

Dentre tais preocupações corporativas indo em contrapartida ao descaso governamental, é possível observar movimentações do mercado internacional à favor de uma mudança estrutural na política ambiental brasileira.

Em junho de 2020, representantes de 29 instituições financeiras, detentores de US\$ 3,7 trilhões em ativos, encaminharam uma carta às embaixadas brasileiras na Europa, EUA e Japão ameaçando retirar seus investimentos do país, caso o governo não tomasse medidas contra o desmatamento da Amazônia.

Ao mesmo tempo, vemos esse momento de instabilidade política e econômica sendo usada como uma oportunidade para que a legislação ambiental seja driblada, em prol dos interesses de negócios irresponsáveis dentro dos critérios ESG, em especial, da frente “E”.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), foram registrados 12% a mais de focos de incêndios na Amazônia em 2020 do que no ano anterior, representando o maior índice da década. Já foram desmatados 17% da Amazônia Legal até agora.

Com pressões da política externa, as empresas correm cada vez mais para se adaptarem às novas necessidades ESG e começam a quantificar as perdas financeiras que esse tipo de impacto ambiental causa nos negócios. Em especial, vindo do país detentor de 59% da maior floresta do mundo.

De acordo com a Moss,earth, fintech de crédito de carbono, o Brasil é o país com maior potencial de mercado de carbono graças a Amazônia, podendo chegar a um valor de US\$ 45 bilhões de dólares. Isto se a floresta for mantida de pé.

CONHECE A MOSS.EARTH?



Categoria: Ambiental
Subcategoria: Clima
Ano de Fundação: 2020
Funcionários: 47
Fundadores: Walter Campos, Luis Felipe Adaime, Alexandre L.
Público:
Investimento Recebido: US\$ 3.4 M
Investidores: The Craftory

SOBRE:

A Moss.earth é uma fintech focada em crédito de carbono tokenizados como ferramenta para neutralizar as emissões de CO2 de grandes empresas e também de pessoas, como forma de combater as mudanças climáticas.

Para as grandes empresas, a startup oferece a oportunidade de neutralizar seus respectivos impactos negativos no meio ambiente, através da compra de crédito de carbono no valor necessário para a “pegada de carbono” dessas empresas.

O valor arrecadado com esses créditos são investidos em programas de conservação da floresta Amazônica, como forma de captar carbono da atmosfera e tornar essas empresas “Carbono Neutro”. Além disso, a Moss também oferece orientação de como e onde mitigar o impacto negativo.

A fintech se enquadra na categoria de clima por ter soluções com propósito de fortalecer o combate ao aquecimento global, através da neutralização das emissões de carbono em uma estratégia que quanto mais pessoas e empresas comprarem créditos de carbono, mais caros esses ativos ficam e, conseqüentemente, mais rentáveis serão os projetos ambientais. Dessa maneira, as atividades poluidoras se tornarão cada vez mais caras, obrigando o setor corporativo a adotar melhores práticas ESG, especialmente na dimensão “E” (Ambiental), com o intuito de se tornar mais atrativo no mercado.

No final de 2020, a Moss captou US\$ 1,8 milhões para investir em soluções B2C, inclusive criando o primeiro token de crédito de carbono (MCO2) no começo deste ano. Atualmente, já foram mais de US\$ 10 milhões enviados para a Amazônia.

CONHECE A TRASHIN?



Categoria: Ambiental

Subcategoria: Sustentabilidade

Ano de Fundação: 2018

Funcionários: 19

Fundadores: Sérgio Finger, Gustavo Lan Finger, Rafael Dutra, Renan Vargas e Daniel Peterson

Público: B2B e B2C

Investimento Recebido: R\$ 1.3 M

Investidores: Ventiur Aceleradora

SOBRE:

A TrashIn é uma cleantech focada na gestão de resíduos 360°. Em outras palavras, a startup promove a coleta seletiva e gestão completa de resíduos até o descarte, através da conexão entre geradores de resíduos, cooperativas de reciclagem e a indústria de beneficiamento e transformação. Com o uso de tecnologia para dar escala, segurança e confiabilidade ao rastreamento de resíduos, a startup armazena e analisa informações de todo o processo de gerenciamento de resíduos para melhor comercializar e aproveitar o material.

Além de soluções de gerenciamento de resíduos para empresas, a TrashIn também oferece cursos de Logística Reversa para auxiliar as empresas a alcançarem metas de logística e obter créditos de reciclagem. Através da rede de cooperativas e unidades de triagem, a TrashIn oferece material reciclável como matéria-prima para as empresas interessadas, beneficiando o resíduo e diminuindo os custos de operação das empresas. Entre os clientes da startup, estão a Unilever e o Itaú.

A TrashIn se enquadra na categoria de Sustentabilidade por ter uma solução voltada à logística reversa, aproveitamento de matéria prima, reciclagem e, conseqüentemente, fomentar a Economia Circular dentro de empresas. A solução se destaca também por ter um viés educativo que impacta na governança ambiental da empresa e fomenta o impacto socioambiental positivo.

No começo de 2021, a TrashIn fez parceria com a P&G para estreitar um projeto piloto de economia circular e educação ambiental em condomínios residenciais em São Paulo.

SOCIAL

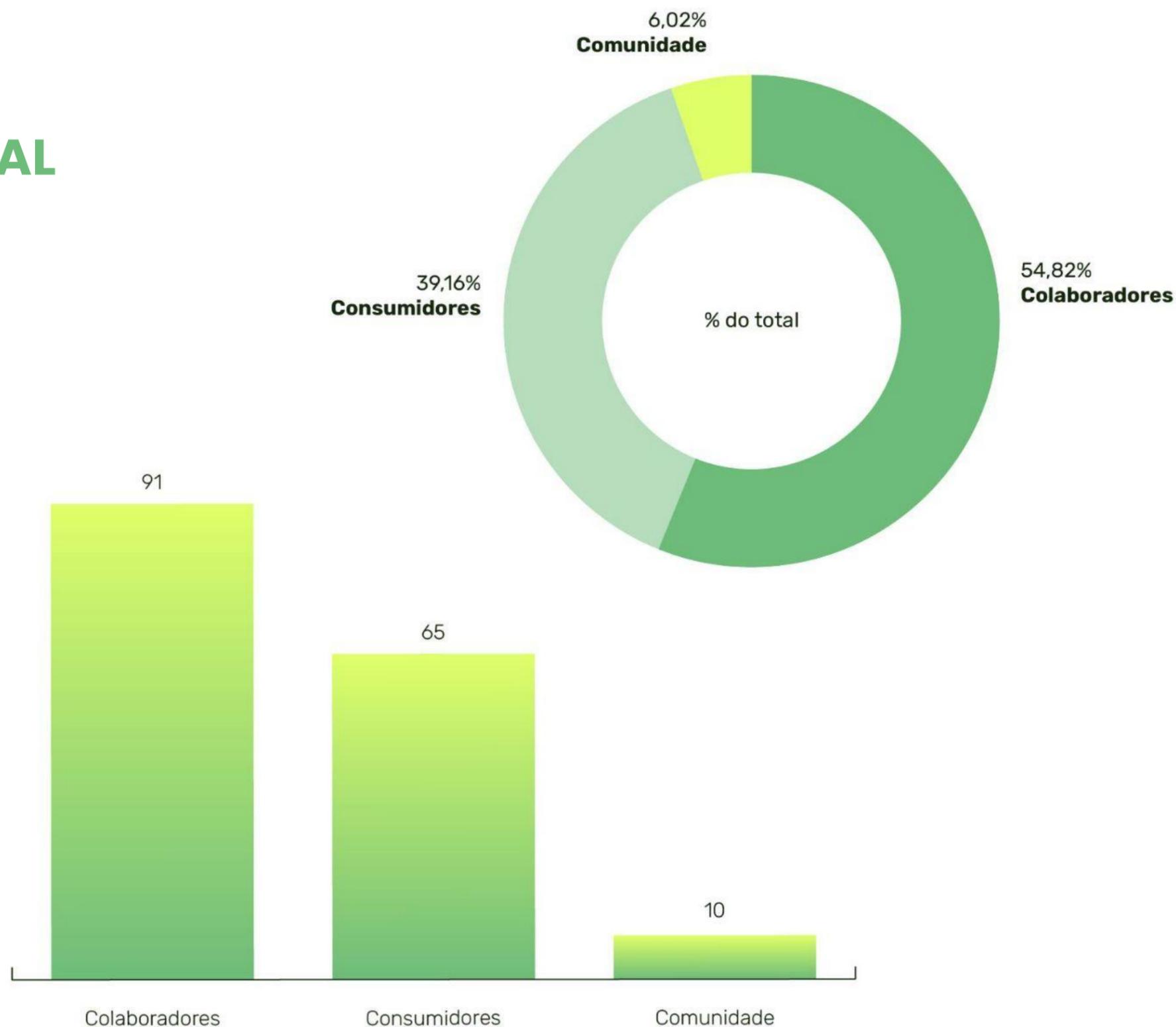
B2B ESG TECHS

COLABORADORES É A SUBCATEGORIA MAIS REPRESENTATIVA DE SOCIAL

Startups com soluções para outras empresas com foco na saúde, benefícios, capacitação, fitness, bem-estar e qualidade de vida dos colaboradores são a maioria dentro da categoria Social com 91 startups, 54,8% do total.

Na sequência, com 39,2% das empresas, está a subcategoria de Consumidores, composta por empresas que apresentam soluções para grandes corporações melhorarem seu relacionamento, compreensão e transparência com seus consumidores.

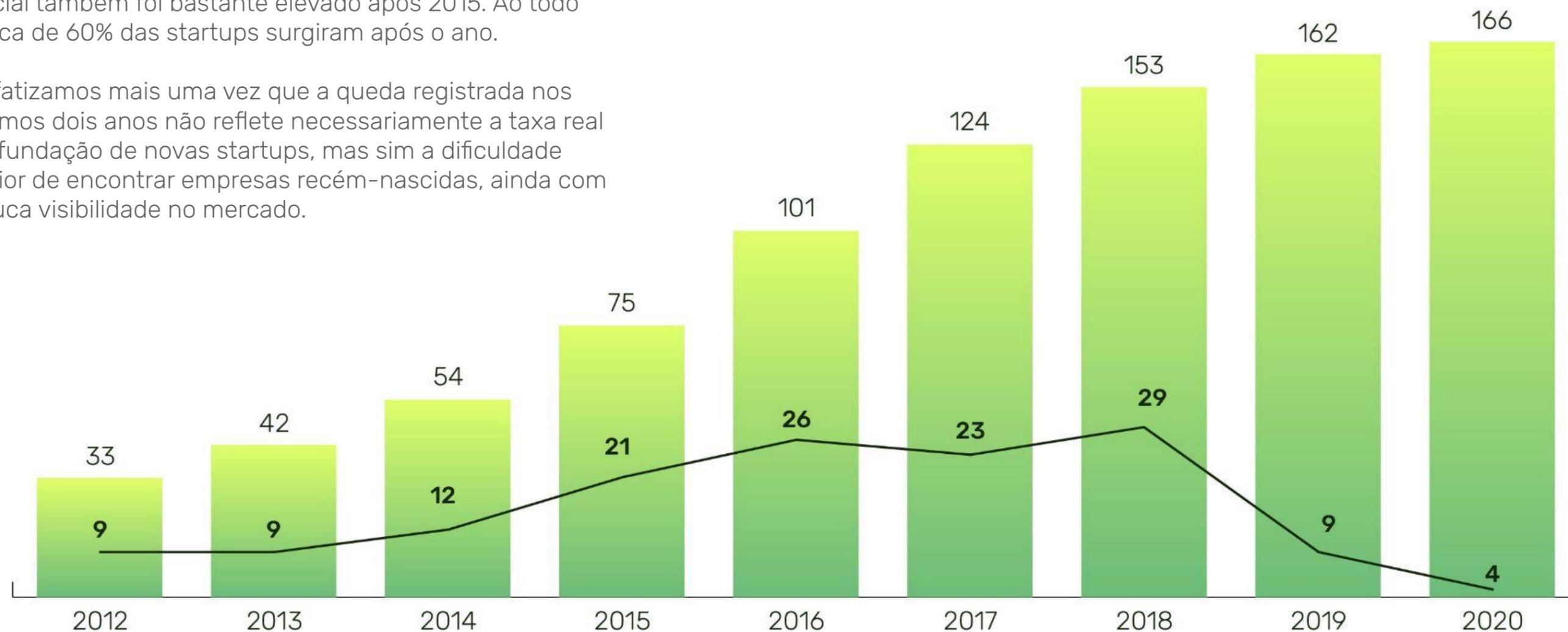
Por fim, com 10 startups (6% do total) está a subcategoria de Comunidade, startups com soluções que oferecem serviços a grandes empresas e direcionam parte dos recursos para gerar impacto social positivo na comunidade ao seu redor e na economia local.



BOOM NO SURGIMENTO DE NOVAS STARTUPS ACONTECEU ENTRE 2015 E 2018

Seguindo o mesmo comportamento da categoria de Ambiental, o número de soluções que surgiram dentro de Social também foi bastante elevado após 2015. Ao todo cerca de 60% das startups surgiram após o ano.

Enfatizamos mais uma vez que a queda registrada nos últimos dois anos não reflete necessariamente a taxa real de fundação de novas startups, mas sim a dificuldade maior de encontrar empresas recém-nascidas, ainda com pouca visibilidade no mercado.

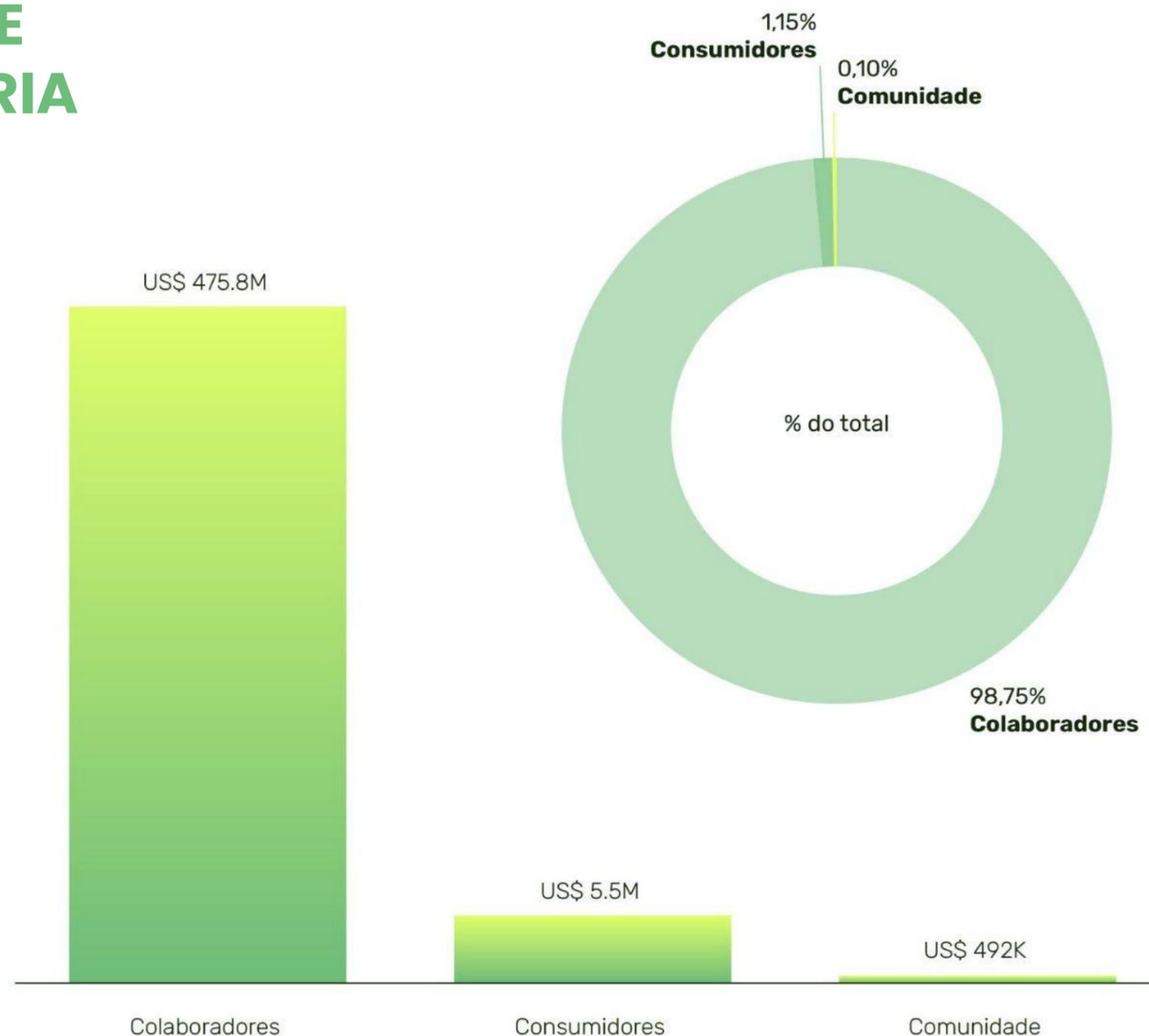


COLABORADORES CONCENTRA MAIS DE 98% DO VOLUME APORTADO NA CATEGORIA

Brasil é o país com maior taxa de pessoas com transtorno de ansiedade no mundo e quinto em casos de depressão (OMS). Também de acordo com a OMS, depressão passará da quarta para a segunda colocada entre as principais causas de incapacidade para o trabalho no mundo nos próximos anos.

Além disso, mais da metade (53%) dos brasileiros entrevistados por uma pesquisa (Ipsos) declararam que sua saúde emocional e mental piorou desde o início da pandemia, em índice superior à média dos 30 países e territórios pesquisados.

Surpreende, mas nem tanto, que 98% do montante aportado em ESG Social Techs tenha sido destinado a subcategoria Colaboradores, que é composta por startups com soluções para outras empresas com foco na saúde, benefícios, capacitação, fitness, bem-estar e qualidade de vida dos colaboradores.



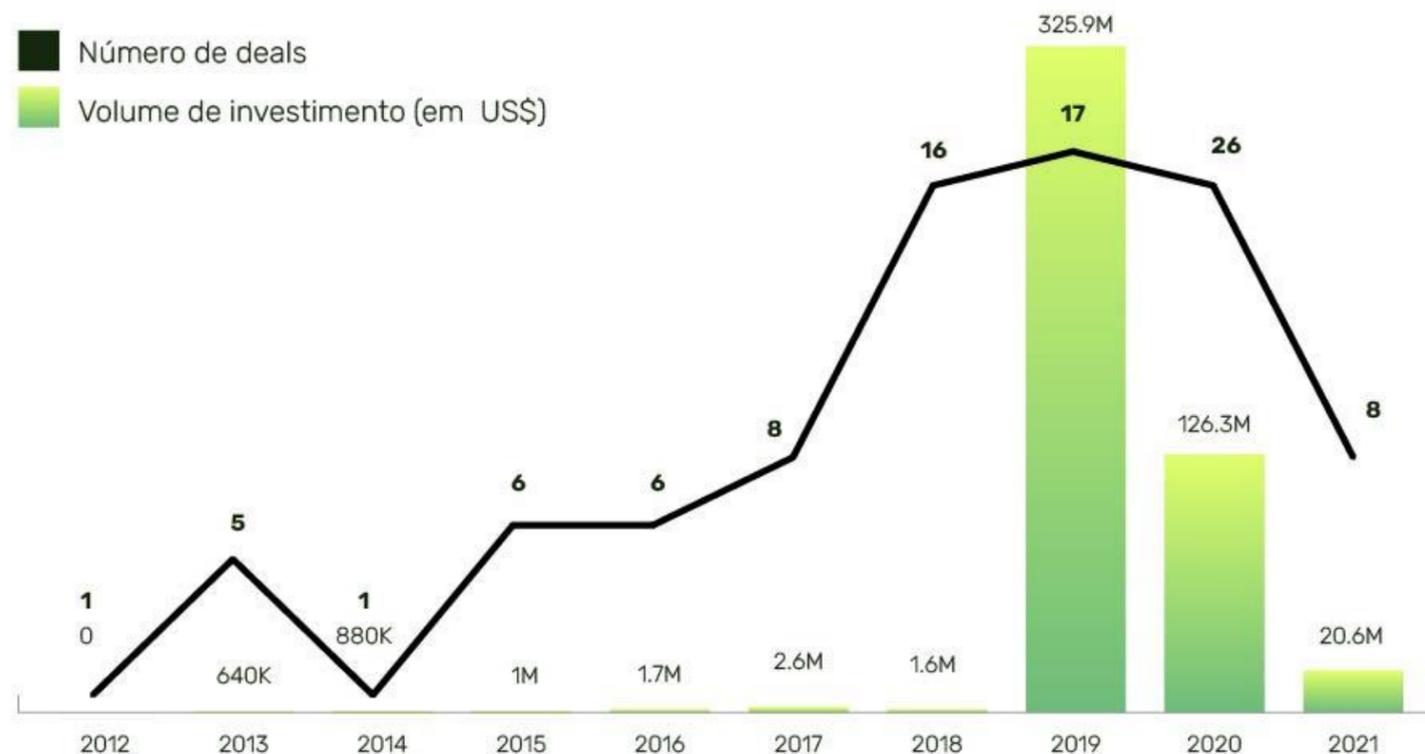
98% DOS INVESTIMENTOS FORAM REALIZADOS NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS

Startups da categoria Social receberam mais de US\$ 472 milhões de dólares em investimento se considerarmos os anos de 2019, 2020 e 2021.

Os grandes destaques ficaram por conta da rodada Series C recebida pelo Gympass em 2019, no valor de US\$ 300 milhões (responsável por 98% do montante investido no ano) e pelo Series A recebido pela Take em 2020 no valor de US\$ 100 milhões.

Ao todo, foram mais de 20 rodadas de investimento Seed realizadas nos últimos quatro anos versus 11 investimentos em Series A e apenas 2 realizado no Series B. Nossa expectativa, com o amadurecimento do mercado, é que estas startups que captaram um Seed, voltem ao mercado em busca de rodadas mais avançadas.

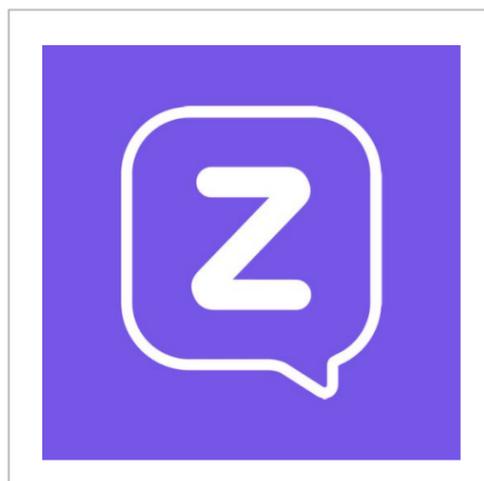
EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS (2012-2021)



TIPO DE FUNDING POR ANO (2012-2021)

Ano	Anjo	Pré-Seed	Seed	Series A	Series B	Series C
2012			1			
2013	1	2	2	1		
2014			1			
2015	1	1	3	1		
2016		2	3		1	
2017	1	2	4	1		
2018		7	6		1	
2019		6	6	3	1	1
2020		2	10	4		
2021	1		2	4		

CONHECE A ZENKLUB?



Categoria: Social
Subcategoria: Colaboradores
Ano de Fundação: 2016
Funcionários: 265
Fundadores: Rui Duarte Brandão e José Simões
Público: B2B e B2C
Investimento Recebido: US\$ 11,9 milhões
Investidores: Indico Capital Partners, GK Ventures e SK Tarpon

SOBRE:

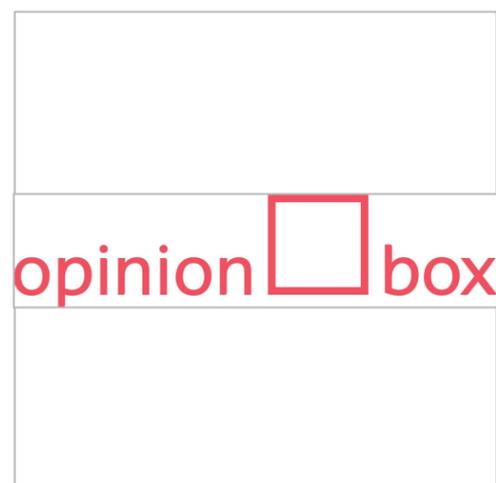
A Zenklub é uma plataforma online que presta serviços de bem-estar e saúde emocional dentro das empresas. Ela surgiu com o propósito de conectar psicólogos a possíveis pacientes em um esquema de "matching" que usa tecnologia e dados para transformar o cuidado das empresas com seus colaboradores. Além disso, através do seu aplicativo, a healthtech também facilita o acesso à informação, disponibilizando diversos conteúdos educativos, guias, dicas e exercícios para os usuários.

A startup foca em criar uma cultura organizacional forte e respeitosa, procurando entender os colaboradores e identificar forças e fraquezas na cultura empresarial. Além disso, cria diagnósticos emocionais detalhados da empresa e busca o desenvolvimento contínuo do time através do fomento de habilidades socioemocionais. A solução já está presente em mais de 150 empresas, entre elas estão Raízen, Natura&Co, Ambev, Cielo e Votorantim Energia.

A Zenklub se enquadra na categoria de Colaboradores, porque olha para o bem-estar social dos funcionários, pensando em suas questões individuais e desenvolvimento pessoal para fora da empresa, e não apenas em sua performance dentro de suas funções corporativas. Especialmente considerando o momento atual que vivemos hoje, em que o isolamento social e o "home office" evidenciaram a necessidade de cuidar da saúde mental para uma melhor produtividade.

Em fevereiro deste ano, a plataforma recebeu um aporte de R\$ 45 milhões em uma rodada série A, para fortalecer o crescimento acelerado e criação de valor da solução no longo prazo.

CONHECE A OPINION BOX?



Categoria: Social
Subcategoria: Consumidores
Ano de Fundação: 2013
Funcionários: 37
Fundadores: Felipe Schepers
Público: B2B
Investimento Recebido: -
Investidores: -

A startup apresenta um crescimento constante e foi responsável pela primeira pesquisa de mercado via chatbot do país e liderando pesquisas de comportamento de mercado em diversos setores. A martech atende empresas como PayPal, Ebanx, LinkedIn e Faber Castell.

A OpinionBox se enquadra na categoria de Consumidores, porque tem como foco melhorar o relacionamento das empresas com seus clientes, criando um canal de atendimento transparente, simples e eficiente para melhor compreender as necessidades daqueles que usam seus serviços.

Em 2020, a OpinionBox conquistou o 3º lugar no ranking das 100 Open Startups na categoria das melhores startups novatas em inovação aberta, por conta de sua plataforma focada na satisfação do cliente.

SOBRE:

A Opinion Box é uma startup de pesquisa digital dedicada a soluções de pesquisa de mercado. Surgiu dentro da empresa Expertise, a partir da necessidade de inovação nos sistemas de captação e análise de mercado, que eram vistos como lentos, ultrapassados e muito custosos. Trabalhando em cima dos pilares de vendas, lealdade, experiências e fortalecimento de marca, a empresa se compromete a ajudar as corporações a entenderem seus clientes com o intuito de incrementar seus negócios para gerar o máximo de valor possível para seus consumidores.

CONHECE A INCENTIV.ME?



Categoria: Social
Subcategoria: Comunidade
Ano de Fundação: 2016
Funcionários: 40
Fundadores: Douglas Lopes Nicolau
Público: B2B
Investimento Recebido: 013
Investidores: 013

SOBRE:

A Incentiv.me atua na área de inovação tributária e foi criada para incentivar projetos de impacto social, por meio da transformação dos impostos em investimentos que gerem benefícios para a sociedade. A taxtech percebeu que, no Brasil, temos uma carga tributária pesada, mas muito pouco é retornado para a sociedade, refletindo diretamente em diversos problemas sociais. Com o propósito de mudar essa realidade, a Incentiv.me oferece serviços e produtos para pessoas e empresas buscando multiplicar o impacto social e destinar da melhor forma estes tributos,

podendo até acompanhar a evolução dos projetos escolhidos com a empresa. Através da conexão do ecossistema de leis de incentivo fiscal, a Incentiv.me conta com mais de 3.500 usuários, tanto do meio corporativo, como do público e civil. Atualmente, a startup já financiou 280 projetos com R\$ 80 milhões captados, e concentra mais de R\$ 265 milhões em projetos sociais no portfólio. Dentre as empresas patrocinadoras, estão Itaú, Suzano, Grupo Fleury, B3, Marisa, BASF, Ambev e XP.

A Incentiv.me se enquadra na categoria Comunidade, porque ajuda as empresas a impactarem positivamente o mundo ao seu redor. Porém, a solução não é apenas uma filantropia, uma vez que traz benefícios fiscais para as empresas, fomentando a responsabilidade social empresarial das corporações, dentro dos critérios ESG.

No começo de 2020, a startup lançou o programa CovidZero, com o intuito de unir empresas e instituições sociais para o combate aos danos causados pela pandemia, ajudando pessoas em situação de vulnerabilidade. No final do mesmo ano, recebeu o selo Impact, pela solução de impacto social positivo.

GOVERNANÇA

B2B ESG TECHS

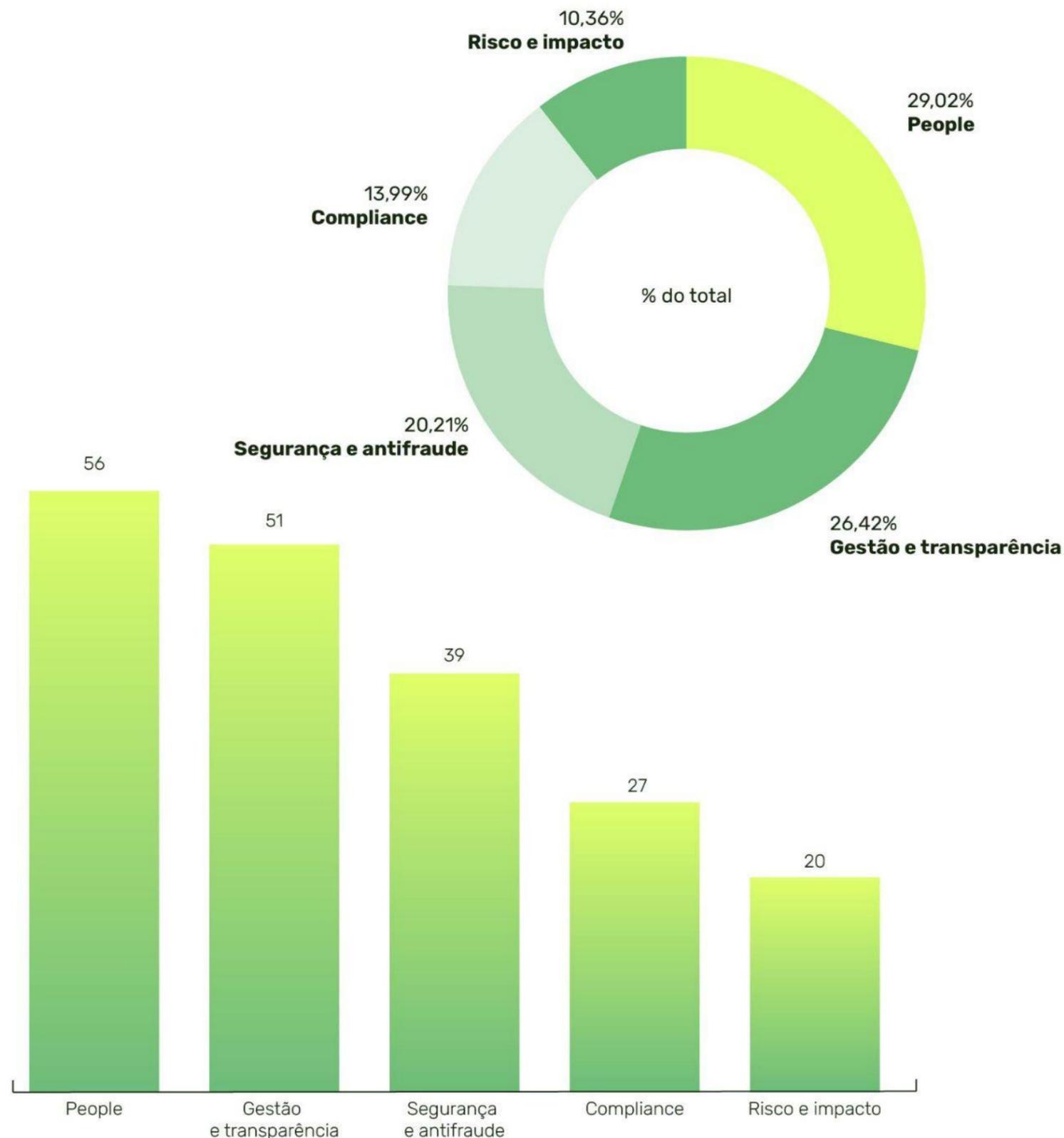
PEOPLE CONCENTRA QUASE 30% DO TOTAL DE SOLUÇÕES NA CATEGORIA DE GOVERNANÇA

No dia 1 de Maio a Justiça do Trabalho no Brasil completou 80 anos, marcada por desafios nunca enfrentados antes e pela necessidade do uso da tecnologia, tanto por parte do Governo como de empresas, para preservar os direitos do trabalhador mesmo no cenário de crise.

Soluções para empresas fazerem melhor gestão de seus recursos humanos com transparência e em prol de direitos humanos, igualdade e ética (People), concentram 29% do total e são a maioria dentre as startups da categoria Governança, o que reforça a importância dessas startups e a tendência que esse setor se desenvolva ainda mais nos próximos anos.

Na sequência, estão as soluções que ajudam empresas a ter uma gestão mais aprofundada, ampla e transparente de suas operações (Gestão e Transparência) com 26,4% de concentração.

Completando o pódio, está a subcategoria de Segurança e Antifraude, composta de soluções com foco em segurança e prevenção à fraudes em empresas, com 20,21% de representatividade.



O SURGIMENTO DE STARTUPS EM GOVERNANÇA ACOMPANHA O MESMO PADRÃO DAS DEMAIS CATEGORIAS

Assim como encontrado nas categorias de Ambiental e Social, em Governança os anos com mais startups fundadas também aconteceu entre os períodos de 2015 a 2018. Interessante notar, no entanto, que os anos de maiores destaques foram 2017 e 2018, 28 e 32, respectivamente.

Apesar de termos mapeadas 19 startups nascidas entre 2019 e 2020, enfatizamos que a queda registrada nos últimos três anos não reflete necessariamente a taxa real de fundação de novas startups, mas sim uma maior dificuldade em encontrar empresas recém-nascidas, ainda com pouca visibilidade no mercado.

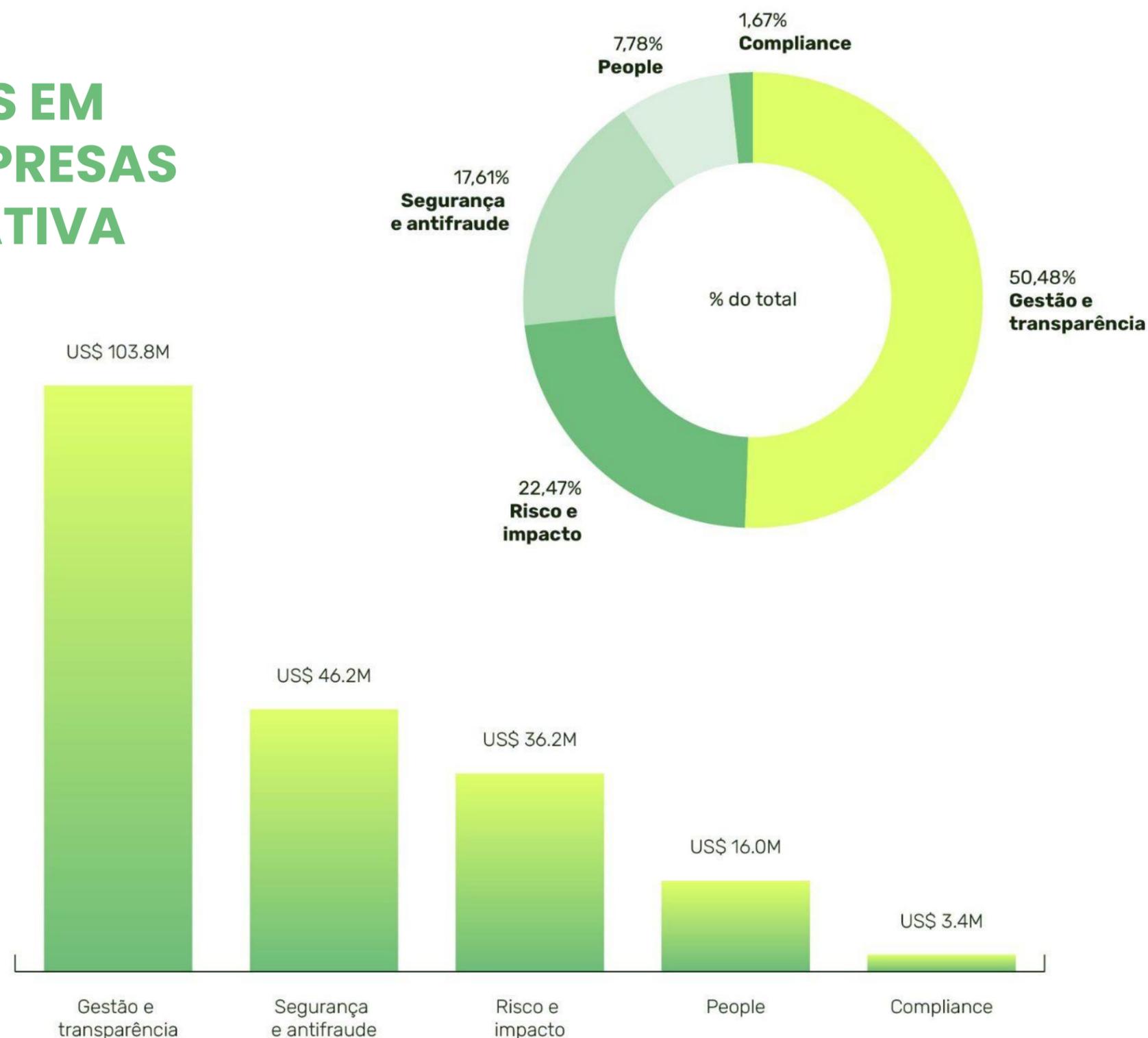


AO TODO, MAIS DE US\$ 205 MILHÕES FORAM INVESTIDOS EM STARTUPS QUE AJUDAM EMPRESAS EM GOVERNANÇA CORPORATIVA

A letrinha “G” de ESG engloba questões complicadas e no Brasil, em termos de tecnologia, há ainda um oceano de oportunidades para solucionar problemas como lavagem de dinheiro, conflitos de interesse, transparência, compensação, conformidade regulatória, ética empresarial, cultura, entre outras.

Dentro da categoria, a subcategoria que se destaca é a de Gestão e transparência que contém mais de 50% de todo volume investido na categoria (US\$103M). A subcategoria com o menor volume de investimentos é a de Compliance com US\$ 3.4M.

Soluções de Segurança e antifraude para empresas receberam mais de US\$ 46 milhões na última década. Cibersegurança, especialmente após os impactos da pandemia na sociedade, tem sido motivo de preocupação cada vez maior de governos a pequenas e grandes empresas. Não à toa, 61% de todo montante investido na categoria foi aportado nos últimos 3 anos.



VOLUME INVESTIDO EM 2020 FOI 90% SUPERIOR QUE EM 2019

Com base nos deals mapeados pelo Distrito Dataminer, cerca de 95% de todo volume aportado em startups com soluções na categoria Governança Corporativa ocorreu entre 2017 e 2021.

O grande destaque ficaram por conta do volume investido em 2017, quando US\$ 55 milhões foram investidos, sendo US\$ 45 milhões originados somente pelo Series B recebido pela Neoway.

Em 2020, mais de US\$ 80 milhões foram aportados em startups de Governança, quase o dobro que em 2019. Os grandes destaques ficaram por conta das rodadas Series B recebidas pela Solinftec, no valor de US\$ 60 milhões e da Cerc, no valor de US\$ 12.7 milhões.

Chama a atenção que, dentre as três categorias do Report (Ambiental, Social e Governança) a de Governança é a que apresenta maior quantidade de startups alcançando estágios mais avançados. Ao todo, foram 16 rodadas Series A, 7 aportes no Series B e 2 investimentos no Series C.



Ano	Anjo	Pré-Seed	Seed	Series A	Series B	Series C
2012		1				
2013			1			
2014		3		2		
2015	1		2	1	1	
2016		2	5	1		
2017			6	1	2	1
2018		5	6	3		
2019	2	4	6	4	2	
2020	1	2	5	2	2	
2021		3	1			1

CONHECE A EGALITÊ?



Categoria: Governança
Subcategoria: People
Ano de Fundação: 2009
Funcionários: 10
Fundadores: Guilherme Braga
Público: B2B e B2C
Investimento Recebido: não divulgado
Investidores: Facebook e Artemisia

SOBRE:

A startup tem o objetivo de auxiliar pessoas com deficiência a entrar no mercado de trabalho e as empresas a cumprir a lei de cotas com um recrutamento assertivo. Além disso, a Egalitê trabalha na construção de melhores práticas de inclusão para que as pessoas com deficiência se desenvolvam como profissionais em um ambiente de trabalho produtivo para todos os envolvidos. Eles acreditam no potencial das pessoas com deficiência e no retorno que as empresas obtêm quando fazem um trabalho de inclusão atento a detalhes, processos e, principalmente, resultados.

A solução da Egalitê se baseia em uma plataforma que usa tecnologia para aumentar a eficiência e inteligência do setor de RH para deficientes, com a automatização e digitalização dos processos. Acelerada pelo Facebook e Artemisia na Estação Hack em 2018, a Egalitê já atende grandes empresas como a Ambev, BRG, Gerdau, Pão de Açúcar, TOTVS e C&A.

A HRTech se enquadra em nossa categoria de People por oferecer soluções mais igualitárias de recrutamento, que estimulem a diversidade no quadro de funcionários de uma empresa. Além disso, a Egalitê fomenta um ambiente de trabalho mais ético e inclusivo, representando claramente uma Governança Corporativa mais sustentável dentro dos critérios ESG.

No final de 2020, a Egalitê foi a primeira brasileira a ganhar o prêmio internacional *Zero Project* da iniciativa promovida pela parceria entre a *Austrian Essl Foundation*, *World Future Council* e *European Foundation Center*, como foco nos direitos das pessoas com deficiência. Depois desse reconhecimento, a startup está expandindo sua atuação para o Chile, Nigéria e Bangladesh.

CONHECE A DATARISK?



Categoria: Governança
Subcategoria: Risco e impacto
Ano de Fundação: 2017
Funcionários: 39
Fundadores: Gustavo Di Giovanni
 Bernardo e Jhonata Emerick
Público: B2B
Investimento Recebido: US\$ 700.6 K
Investidores: Crescera Investimentos

SOBRE:

A startup oferece uma plataforma de modelagem preditiva focada na concessão de crédito e análise de dados para gestão de riscos dos investimentos da empresa, especialmente no que tange a criação de *score* de crédito em tempo real para evitar a inadimplência de seus clientes.

A plataforma SaaS usa algoritmos de Inteligência Artificial e Machine Learning para criar soluções focadas no setor financeiro, focando em modelos antifraude pelo "Datacheck" e validação de

modelos de previsão de impacto e riscos no controle financeiro através do produto "Datapred".

A solução do "Datapred" se destaca por aplicar Data Science de uma maneira simples e intuitiva, proporcionando aos investidores insights baseado em dados para melhorar a avaliação de riscos em sua gestão.

A fintech se enquadra na categoria de "Risco e Impacto" por ser referência na validação de modelos de prevenção ao risco considerem *stakeholders* externos, como os tomadores de crédito de forma individual. Dessa forma, evitando que a empresa sofra perdas financeiras e que seus clientes consigam crédito, mas em proporções compatíveis com seus perfis para não se endividarem.

Acelerada por programas como Google For Startups, Visa e Plug and Play, a fintech cresceu seu faturamento em mais de 1000% em 2020 e prevê atingir os US\$ 110 bilhões até 2024. Este crescimento fez ela conquistar um lugar Ranking 100 Open Startups, como uma das 10 maiores empresas de big data.

CONHECE A ECOTRACE?



Categoria: Governança
Subcategoria: Segurança e antifraude
Ano de Fundação: 2017
Funcionários: 18
Fundadores: Eric Luque e Flavio Redi
Público: B2B
Investimento Recebido: R\$ 5.3 M
Investidores: KPTL

SOBRE:

A Ecotrace é focada na rastreabilidade de alimentos ao longo da cadeia produtiva no Agronegócio. Com a aplicação da tecnologia Blockchain em sua plataforma, a startup viabiliza tanto o gerenciamento das fases de transformação do produto quanto a possibilidade de verificar e validar as informações de forma independente. A coleta e armazenamento descentralizado dos dados na rede garante maior segurança e transparência desde o produtor até o consumidor final, uma vez que a tecnologia impede que exista qualquer tipo de adulteração dos dados, evitando

falsificações que teriam tanto danos a saúde do consumidor final e perdas financeiras para o agricultor e fornecedores quanto impactos negativos para o meio ambiente.

A Ecotrace não é responsável pela produção de alimentos em si, mas sim pela certificação dos produtos em uma lógica do “Campo para o Prato”, por isso ela se enquadra na categoria de Segurança e Antifraude e não em Sustentabilidade. Através aplicação de suas soluções, a empresa consegue melhorar sua governança focando no controle e monitoramento em sua gestão. Já os investidores conseguem avaliar de forma clara quais são seus impactos em cada elo da cadeia e os agricultores conseguem garantir uma produção de alimentos responsável e sustentável.

Atualmente a agtech é foca na área de Bovinos, Frango e Algodão, mas pretende expandir sua solução para mais setores. Em janeiro de 2021, a Ecotrace recebeu um aporte de R\$ 3 milhões da gestora KPTL. Entre os principais clientes da startup estão JBS, Minerva e Frigol na indústria de proteína animal e a Associação Brasileira de Produtores de Algodão (Abrapa) na de algodão.

CONHECE A EURECICLO?



Categoria: Governança
Subcategoria: Compliance
Ano de Fundação: 2016
Funcionários: 9
Fundadores: Thiago Carvalho Pinto e Luciana Oliveira
Público: B2B
Investimento Recebido: R\$ 500 K (New Hope Ecotech)
Investidores: Grão e Positive Ventures

SOBRE:

A plataforma EuReciclo é o braço de compliance da startup de logística reversa New Hope Ecotech. O objetivo da startup é comprovar a logística reversa das embalagens das empresas através do selo “EuReciclo”, como forma de garantir a segurança jurídica e comunicar o compromisso da empresa com as taxas de reciclagem impostas por lei.

Criada em 2016, a EuReciclo atua em conformidade com a Política Nacional de Resíduos Sólidos, criada pela Lei nº 12.305 em 2010,

auxiliando as grandes empresas a desenvolverem sua cadeia de reciclagem com lastro em notas fiscais que garantem rastreabilidade e transparência à compensação ambiental se suas embalagens. O percentual de embalagens compensadas por cada empresa varia de 22% (mínimo previsto pela lei) a 200%.

A EuReciclo se enquadra na categoria de Compliance por certificar as empresas conforme as normas da PNRS e promover uma governança mais sustentável, transparente e responsável. No site, eles ainda divulgam avisos sobre novos prazos para a regularização da logística reversa para que as empresas se adequem e mitiguem seus impactos negativos. Ao mesmo tempo, as empresas parceiras ainda geram valor para a comunidade ao seu redor, já que elas acabam investindo na rede de cooperativas de reciclagem da New Hope Ecotech ao destinar corretamente seu lixo reciclável.

Atualmente, a EuReciclo tem a Certificação B e é referência em compliance ambiental. Além disso, já certificou mais de 3.700 marcas, como Arezzo&Co, +Mu e Lola Cosmetics.

CONHECE A PLATAFORMA VERDE?



Categoria: Governança
Subcategoria: Gestão e Transparência
Ano de Fundação: 2016
Funcionários: 42
Fundadores: Chicko Sousa
Público: B2B
Investimento Recebido: US\$ 1,5 M
Investidores: DGF Investimentos

A greentech se enquadra na categoria de Gestão e Transparência por fornecer uma visão ampla de toda a cadeia de descarte, assim como no controle de receitas e despesas e relatórios de desempenho, para que a empresa consiga ter controle sobre todo o seu processo administrativo de produção.

É importante destacar que, por mais que seja uma startup com soluções sustentáveis, ela não realiza o descarte em si, mas sim dados para melhorar a tomada de decisão e também articular os agentes com foco em cada uma das etapas de gerenciamento de resíduos. Por isso, ela se enquadra nessa categoria e não na nossa categoria de “Sustentabilidade”.

Em 2019, a Plataforma Verde recebeu um investimento Seed da gestora de venture capital DGF Investimentos e passou a atuar no mercado internacional através de parcerias proporcionadas por programas do governo, como o StartOut Brasil. Recentemente, a JBS começou a usar plataforma para monitorar o fornecedor de seus fornecedores e garantir mais transparência na sua gestão para produzir um gado 100% “verde”.

SOBRE:

A Plataforma Verde é uma startup de T.I especializada em software de Gerenciamento de Resíduos. Utilizando o blockchain como tecnologia, a empresa é capaz de realizar o rastreamento desde a matéria-prima até o descarte do produto. Atuando em parceria, com agentes envolvidos nos processos de produção, transporte, tratamento e descarte dos resíduos sólidos, a missão da empresa é conseguir digitalizar o lixo, para assim descomplicar o gerenciamento de resíduos e acelerar a produção sustentável.

ESG TECH

TRENDS

AQUECIMENTO GLOBAL

De acordo com a NOAA em cooperação com a NASA, 2020 foi o segundo ano mais quente da história, desde que o aquecimento global começou a ser monitorado em 1880. A temperatura mais elevada já registrada foi em 2016.

Por outro lado, o mês de março de 2021, apresentou o mês de março com a menor temperatura desde 2014, mas em termos históricos, foi o oitavo mês de março mais quente nos últimos 142 anos.

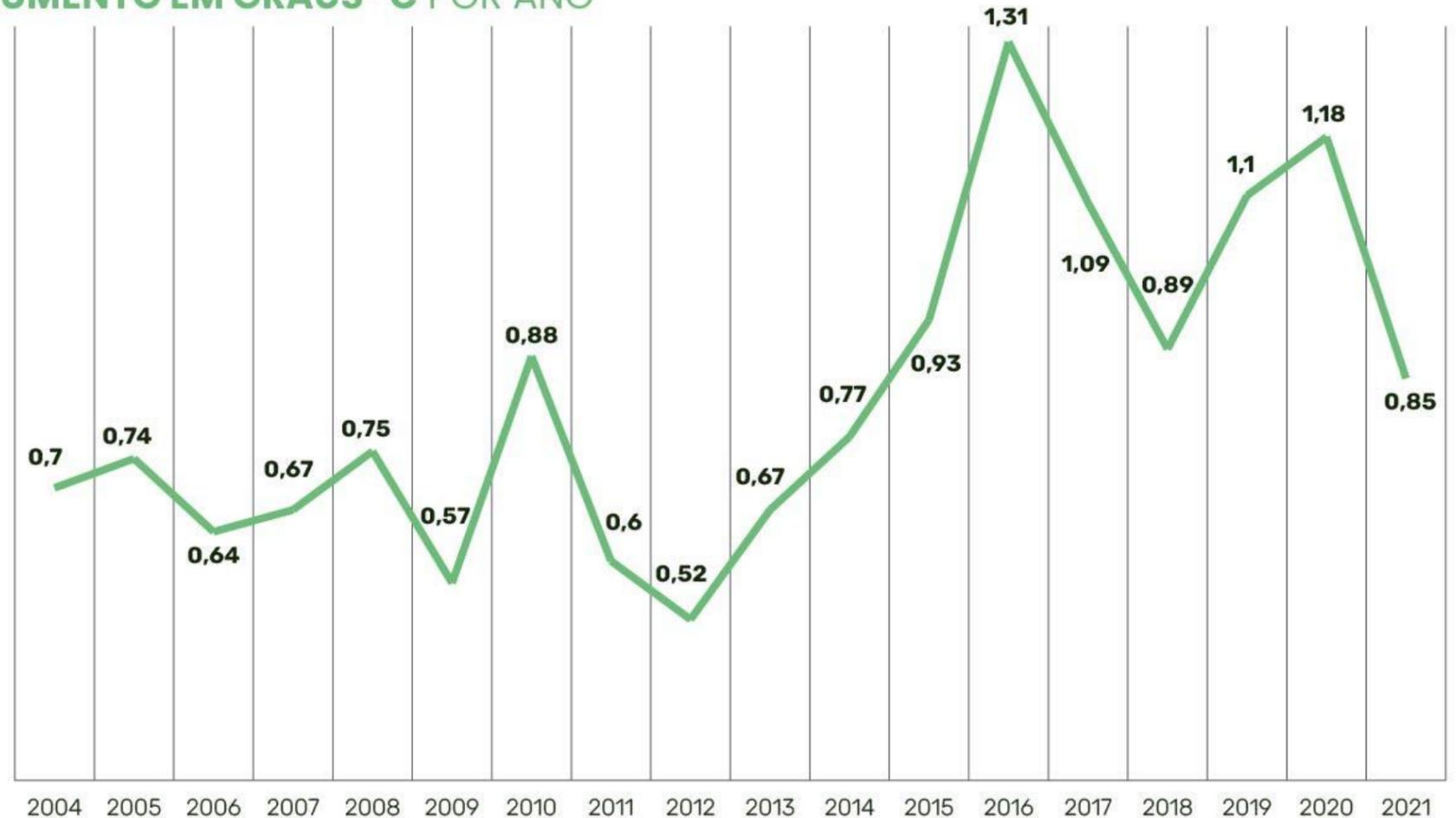
A preocupação com as mudanças climáticas invadiu o mundo corporativo e a agenda pública nos últimos anos, como pode ser visto em iniciativas recentes como a Cúpula de Líderes sobre o Clima, convocada por Joe Biden no dia 22 de abril deste ano para acelerar a redução da emissão de gases de efeito estufa.

Ao mesmo tempo, em fevereiro deste ano, houve também a quinta sessão da Assembleia do Meio Ambiente da ONU pelo PNUMA para discutir especificamente o aquecimento global e mudanças climáticas.

Ref: <https://www.nasa.gov/press-release/2020-tied-for-warmest-year-on-record-nasa-analysis-shows>

<https://www.ncdc.noaa.gov/sotc/>

AUMENTO EM GRAUS °C POR ANO



Exemplo de Startup
“Um grau e meio”: monitoramento de incêndios e emissões de CO2
<https://umgrauemeio.com/>

PAÍSES ESTÃO USANDO SEUS PLANOS DE RECUPERAÇÃO PARA ALAVANCAR PRIORIDADES DAS POLÍTICAS AMBIENTAIS EXISTENTES

Os impactos da pandemia são profundos. Muitos atribuem a questão da poluição do ar como um dos fatores que encadeou a pandemia e, há tempos, no mundo todo, os debates sobre os benefícios da sustentabilidade ambiental são crescentes.

O movimento no ambiente corporativo vai na linha de planejamento e implementação de estratégias de longo prazo que visam a transição para a sustentabilidade total das atividades das empresas. De acordo com a BackRock, empresa de investimentos global com cerca de US\$ 7 trilhões em ativos sob gestão, o alinhamento das empresas aos critérios ESG deve ajudá-las a mitigar riscos e também a elevar seus ganhos no futuro.

No que tange os governos, no ano passado, muitos países usaram seus planos de recuperação para alavancar prioridades das políticas ambientais existentes, além de implementar novas iniciativas. Em um artigo publicado pela McKinsey, "O novo normal chegou: tendências que definirão 2021 – e o futuro", em janeiro de 2021, foram listados algumas dessas movimentações:

- A União Europeia planeja dedicar cerca de 30% do seu plano de US\$880 bilhões para medidas relacionadas às mudanças climáticas, incluindo a emissão de pelo menos \$240 bilhões de "títulos verdes" (green bonds).
- Em setembro de 2020, a China se comprometeu a reduzir para zero suas emissões líquidas de carbono até 2060.
- O Japão prometeu se tornar carbono neutro até 2050.
- O Green New Deal da Coreia do Sul faz parte do seu plano de recuperação econômica, afirmando ter o objetivo de zerar as emissões líquidas até 2050.
- Durante sua campanha, Joe Biden, presidente eleito dos Estados Unidos, se comprometeu a investir US\$ 2 trilhões em energia limpa nos setores de transportes, eletricidade e construção.
- O Canadá está relacionando a recuperação aos objetivos climáticos.
- A Nigéria planeja descontinuar gradativamente os subsídios concedidos a combustíveis fósseis e instalar sistemas de energia solar para um número estimado de 25 milhões de pessoas.
- A Colômbia está plantando 180 milhões de árvores.

MUNDO VIVE PANDEMIA DE CIBERATAQUES

Estudo da Fortinet revela que, em 2020, foram mais de 8 bilhões de tentativas de ataques cibernéticos no Brasil. Segundo análises do FortiGuard Labs, o que mais preocupa é o grau de sofisticação que os cibercriminosos estão alcançando ao utilizar tecnologias avançadas como Big Data e Inteligência artificial, visando aumentar a efetividade dos ataques.

Segundo Marco DeMello, CEO da empresa de segurança cibernética PSafe, "O Brasil tem uma defasagem muito grande entre a sua posição econômica e a sua posição em termos de cibersegurança. É a 8ª maior economia e o penúltimo, dentre 47 países monitorados, em velocidade de detecção de vazamento de dados."

A expectativa é de aumento no número de startups brasileiras com soluções de segurança cibernética e de volume investido no setor. Com base nos dados mapeados pelo Distrito Dataminer, apenas a subcategoria que mapeia soluções de segurança e antifraude para outras empresas já recebeu mais de US\$ 46 milhões nos últimos dez anos, sendo que mais de 50% desse montante foi aportado nos últimos três anos.

FUTURO DO TRABALHO E SAÚDE MENTAL

Fato é que o "futuro do trabalho" chegou antes do previsto, por bem ou por mal. Nem todos que podem irão fazê-lo, mas o McKinsey Global Institute (MGI) estima que mais de 20% da força de trabalho global (a maioria em funções altamente qualificadas e em setores como finanças, seguros e TI) podem trabalhar a maior parte do tempo fora do escritório – e obter o mesmo nível de eficiência. No entanto, um estudo realizado pela Workana, plataforma para trabalhadores freelancers, apontou que o impacto do home office na saúde mental dos profissionais pode ter sido negativo. Entrevistando 2.810 trabalhadores, descobriu-se que 43,7% dos participantes declararam que trabalhar em casa resultou em impactos psicológicos. Outro estudo, feito pelo Ipsos, revela que 45% de 21 mil brasileiros entrevistados afirmaram que sua saúde mental piorou. A ausência de atividades físicas, contato social, problemas financeiros, entre outras questões, podem justificar esse piora nos índices de saúde mental, depressão e ansiedade. A preocupação das empresas em dar suporte a seus colaboradores é necessária e evidente. Não à toa, o mapeamento do Distrito Dataminer apontou que a subcategoria que recebeu o maior volume de investimentos foi a de Colaboradores com mais de US\$ 475 M investidos.

O PROPULSOR DA REGULAÇÃO NO BRASIL VS. MUNDO

O Brasil ficou está para trás em ações para o desenvolvimento sustentável em prol da Agenda 2030 e está se tornando alvo de preocupações do países mais desenvolvidos.

Só no mês de abril o Reino Unido, EUA e Noruega criaram a Coalizão LEAF (Lowering Emissions by Accelerating Forest Finance) para proteger as florestas tropicais, onde foram mobilizados US\$ 1 bilhão em financiamento para iniciativas com esse propósito. Ao mesmo tempo, a Nova Zelândia aprova lei que obriga o setor financeiro a fornecer informações sobre o impacto ambiental causado sobre seus investimentos.

Já no Brasil, a tentativa de colocar em votação do Projeto de Lei 510/2021 que flexibiliza regras para regularizar áreas desmatadas ilegalmente, gera fortes embates entre a Abag (entidade de empresas do setor agropecuário) e CNA. O que demonstra uma tendência da iniciativa pelas melhores práticas sustentáveis vir do setor privado, ao invés do setor público no Brasil. Esse setor é diretamente afetado pela desvalorização do câmbio como consequência da falta de responsabilidade do vigente governo.

TÍTULOS SLBs E A PARTICIPAÇÃO DOS BANCOS

O sustainability-linked bonds (títulos que financiam o próprio desempenho para atingir metas de sustentabilidade em seu negócio) vem se difundindo rapidamente entre as empresa brasileiras e está previsto para ser a grande tendência deste ano. Algumas empresas que já estão na linha de frente da nova moda e emitiram SLBs nos últimos meses são a empresa de papel e celulose Suzano, Klabin, o Grupo Boticário, Natura, Via Varejo e claro, a pioneira Simpar.

Em últimas movimentações na B3, empresa americana de Moody's atribuiu um *rating* provisório (P)Ba3 para as emissões de SLBs da multinacional Ichope-Maxion que pretende alcançar US\$ 400 milhões em papéis do tipo. Se essa emissão se concretizar, o *rating* será implementado oficialmente. Dentro os bancos contratados pela Ichope estão o Bradesco BBI, Citigroup, HSBC, Itaú BBA, Santander e UBS.

A novos atores do setor financeiro para o mercado de títulos sustentáveis é outra tendência para 2021. Atualmente, já existe forte presença de bancos como Bradesco, Itaú, BTG Pactual e BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais).

movimento das corporações



**Leo Cesar
Melo**

CEO @ Allonda



A JORNADA DA SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA (1/4)

Como a Allonda ajuda empresas a se tornarem mais sustentáveis e a se adequarem aos critérios ESG?

Hoje somos reconhecidamente uma empresa de engenharia diferente, que coloca a sustentabilidade como protagonista, trazendo uma forte criação de valor compartilhado que fomenta soluções que envolvem pontos como diversidade, biodiversidade, mudanças climáticas, responsabilidade social corporativa, inclusão, governança, compliance, entre outros temas que são base para ter a sustentabilidade no centro das tomadas de decisão. E tudo isso com o viés ambiental, trazendo muito valor em assuntos como água, resíduos, efluentes, ar e eficiência energética.

A Allonda entra exatamente com o olhar mais amplo do processo produtivo do cliente promovendo soluções de engenharia de ponta. A cada solução que desenvolvemos mitigamos riscos ligados à agenda ESG das empresas e, mais do que isso, contribuímos para o alcance de metas diretamente relacionadas ao tema, tais como água, resíduos, aspectos sociais, dentre outros. Portanto, resolvemos o problema de engenharia do cliente gerando valor compartilhado.

Trabalhamos na otimização da relação dos nossos clientes com a sua cadeia de valor voltada a todos os pilares ambientais com soluções que evidentemente façam a diferença. Com nosso mindset, e com pessoas muito alinhadas ao nosso propósito, temos a sustentabilidade permeando todos os departamentos, seja a área financeira, gestão de pessoas, transformação digital, suprimentos, operacional ou mesmo a engenharia. Nosso time de diferentes disciplinas e extremamente multidisciplinar desenvolve soluções que impactam positivamente diferentes stakeholders. Ou seja, o que quero dizer com isso é que temos toda a empresa na mesma página, que é criar valor compartilhado.

Qual a maior dor dos gestores que estão dando os primeiros passos na jornada de transformação de suas empresas para a sustentabilidade?

Na verdade, a sustentabilidade tem um desafio também que é tangibilizar os efeitos que essa visão pode trazer. Acredito ser muito natural essa forma de pensar e deve ser encarado como uma jornada, pois fichas vão caindo ao longo do tempo em que se está alinhando o pensamento com este mindset.



Leo Cesar Melo

CEO @ Allonda



A JORNADA DA SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA (2/4)

O entendimento a respeito da diferença que a sustentabilidade vai fazer a longo prazo na companhia e olhar com um tempo maior para as tomadas de decisão são fundamentais para observar os ganhos que virão, sejam eles sociais, ambientais e de governança.

Mas, quando estamos do outro lado da mesa como fornecedores, esse desafio é nosso como uma empresa que tem de propor este diferencial competitivo, mostrando de forma clara o trade off de soluções sustentabilidade, versus soluções com vieses tradicionais.

Ainda há uma falsa ideia de que para aplicar sustentabilidade é preciso aumentar custos, reduzir margem ou mudar até mesmo a qualidade de um produto. Por isso é importante ter os parceiros e um time adequados para propor clareza nessa jornada.

Vocês percebem alguma tendência de aumento de demanda ou oportunidade superior em algum setor para a Allonda atuar e focar nos próximos anos?

Sim claro, com uma maior percepção das pessoas

ampliando a consciência voltada à sustentabilidade, está existindo uma maior valorização para temas que antes não falávamos. A exemplo das compensações de carbono de operações industriais. Hoje se discute de maneira muito mais forte o tema das compensações e daqui um tempo quem não compensar a sua pegada não estará bem posicionado perante seus clientes.

Outro movimento que vem impulsionando é a maior percepção dos investidores a soluções que estejam alinhadas a temáticas ESG e dando importância para as suas estratégias de investimento. Todas os segmentos industriais têm aumentado de forma relevante em suas pautas temáticas ESG, observando bem seus stakeholders e trazendo soluções que pensem em todos os pilares.

Aqui na Allonda estamos fazendo movimentos mais robustos nesse sentido, tanto nas indústrias que impactam diretamente nas mudanças climáticas, em industriais que são impactadas pelas mudanças climáticas, e em soluções estruturadas sejam elas na área de saneamento, energia ou transportes.



Leo Cesar Melo

CEO @ Allonda



A JORNADA DA SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA (3/4)

Greenwashing é um tema que está em alta e nota-se que em algumas empresas há um desequilíbrio entre “fazer mais fumaça que fogo”, ou o inverso. Como a Allonda faz para mensurar e comunicar de forma coerente e eficaz seu propósito sustentável, conformidade com regulamentações e o impacto de suas iniciativas?

Cada vez mais as temáticas voltadas a ESG vem sendo e serão um caminho sem volta, mas durante essa jornada vão existir situações que tragam para a discussão a coerência quanto a aderência ao tema. Costumo reforçar que problemas quanto a expectativa versus a realidade sempre irá existir, mas a principal mensagem é que hoje é muito mais aderente que ontem, e amanhã será muito mais aderente que hoje.

Quando falávamos do mercado de soluções sustentáveis há 10 anos atrás tínhamos a percepção que éramos seres de outro mundo, hoje ainda estamos na vanguarda. Mas de fato a comunicação deve ser feita alinhada às práticas empresariais.

Temos uma posição um pouco diferente das

empresas tradicionais, sejam elas no atacado ou varejo, pois nós não temos os pilares ESG paralelo ao nosso negócio, mas sim esse é o nosso negócio. Estamos com estes pilares no centro de nossa estratégia ajudando e contribuindo em maximizar a força da sustentabilidade.

Como se trata de mudança estrutural, há um processo de adaptação para que as companhias realmente sejam sustentáveis e entendemos que é uma tarefa muito desafiadora para os nossos clientes. Desta forma, precisamos estar muito fortes em nosso propósito, nos adaptando para tangibilizar os ganhos onde quer que nos estejamos posicionados.

Podemos colocar algumas práticas internas que fazemos aqui na Allonda como ter toda a gestão da companhia por indicadores ESG, com os resultados de 100% das áreas atrelados a impactos sociais, ambientais e de governança e isso inclusive determina o pagamento de bonificações, mas o nosso posicionamento vai além do olhar interno. E temos o dever de levar nossas práticas para as soluções em nossos clientes, pois a sustentabilidade é mais que uma obrigação para nós, é o nosso propósito.



**Leo Cesar
Melo**

CEO @ Allonda



A JORNADA DA SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA (4/4)

O que a Allonda tem feito hoje para inovar e para evoluir ainda mais em termos ESG? Quais os próximos passos e metas para os próximos 10 anos?

A responsabilidade da Allonda é enorme como relação à inovação na pauta ESG porque, além cuidarmos dos nossos próprios indicadores e iniciativas, nós impactamos diretamente na agenda ESG de nossos clientes. Portanto, aspectos sociais, ambientais e de governança fazem parte do nosso negócio. É justamente aí que está o tamanho do nosso desafio.

A evolução da Allonda para inovar na agenda ESG está, portanto, diretamente ligada à sensibilização e no desafio de tangibilizar todas as ações que criamos valor para os nossos clientes sobre todo potencial que as soluções de engenharia possuem para contribuir diretamente nas metas socioambientais e de governança.

Mas de fato olhando para o futuro, ou seja, para os próximos 10 anos, vejo uma avenida de oportunidades com essa temática e não discutiremos mais temas como greenwashing, Net zero de pegada de carbono e soluções que trazem

economia circular. No futuro esses pontos naturalmente já não ficarão de fora na percepção dos investidores, clientes e consumidores, que estão cada vez mais envolvidos e alinhados as temáticas dos pilares ESG. Este é um caminho sem volta, é uma jornada que não tem como modificar.

NATURA SE DESTACA NA FRENTE “G” COM A AJUDA DE DEBÊNTURES VERDES

A Natura&Co já é referência quando o assunto é ESG, sendo uma das únicas corporações certificada B, a Natura começou seu processo de sustentabilidade desde os anos 90.

Em meio a pandemia, a empresa se destacou investindo R\$4 milhões na saúde pública no final de março, para compra insumo hospital e eventualmente, de vacinas para imunizar seus funcionários.

Além de investir no bem-estar de seus colaboradores, a Natura acaba de captar no final do mês de Abril US\$1 bilhão no mercado internacional com a emissão de títulos SLBs (sustainability-linked bonds) para financiar metas sustentáveis internas da empresa, fortalecendo sua governança corporativa dentro dos critérios ESG.

Saiba mais.

SUZANO DESCARBONIZA SUAS OPERAÇÕES E PASSA A CAPTAR CO2

No começo de 2020, a Suzano foi a única empresa do setor privado a ser destacada pela ONU como exemplo de boas práticas para o desenvolvimento sustentável, por causa do seu programa de reflorestamento. Em meados do ano passado, zerou sua emissões e começou a gerar um saldo positivo, removendo CO2 da atmosfera com seu projeto.

Agora como nova iniciativa para descarbonizar sua cadeia produtiva, a empresa lançou um programa em parceria com a Carbon Disclosure Project (CDP) com foco em seus fornecedores diretos. Eles deverão começar a medir e reportar suas emissões de CO2 e impactos ambientais através da plataforma do CDP, que é responsável por medir a pegada de carbono das empresas.

Saiba mais.

BNP PARIBAS INVESTE EM FUNDO PARA SALVAR OS CORAIS

O BNP Paribas em parceria com a empresa britânica de impacto positivo SYSTEMIQ, são líderes entre os parceiros que desenvolvem o Fundo Global para os Recifes de Coral, apoiado pela ONU.

Com o objetivo inicial de US\$500 de milhões, o fundo espera mobilizar de 2 a 3 milhões de dólares em capital público e privado para negócios de impacto positivo, entre os focos estão a recuperação e proteção de corais ao redor do mundo. Uma das principais preocupações é o fenômeno de branqueamento dos corais que vem se intensificando.

Além disso, as investimentos do Fundo também tem um cunho social e estimula soluções que ajudem a gerar resiliência estrutural e econômica para aquelas comunidades que dependem dos recifes e estão vulneráveis aos impactos negativos das mudanças climáticas e da pandemia.

Saiba mais.

ENEL ADERE A TENDÊNCIA DE TÍTULOS SLBs E SE TORNA REFERÊNCIA

Em meio a nova onda da dívida “sustainability-linked” no mundo corporativo brasileiro, a empresa de energia elétrica Enel desbancou a AB Inbev do seu posto como detentora da maior linha de crédito sustentável do mundo.

No começo do mês de março, a Enel conseguiu levantar 10 bilhões de euros com 35 bancos para criar a nova maior linha de crédito, em uma operação onde os juros variam de acordos com metas internas ligadas à sustentabilidade. Se as metas forem alcançadas, os juros caem para as retiradas seguintes da linha de crédito, assim como as taxas cobradas pelos bancos que dispuseram seu capital

A empresa se comprometeu a reduzir suas emissões de GEG diretas ao longo de sua cadeia produtiva de eletricidade até o fim de 2023.

Saiba mais.

inside

REALIZAÇÃO

DISTAITO

ESG . REPORT

BRASIL | MAIO | 2021

APOIO

